

parte corante; objecto, ao que parece, bem pouco attendivel.

No xarope que preparámos pelo processo acima descrito, obtivemos o resultado que desejavamos; isto é, um xarope claro, e agradável; todos sabem que a avenca não tem cheiro, e apenas apresenta um sabor tão ligeiramente amargo, que muitas vezes se torna perfeitamente nullo na mesma planta, quanto mais no xarope, em que o assucar predomina tão poderosamente; mas é certo que aromatisado elle, offerece um sabor delicado, e mui grato.

H. J. de S. Telles.

Formulario.

Do supplemento á officina do Sr. Dorvault, para o presente anno, extrahimos as seguintes formulas, ainda pouco vulgarizadas entre nós.

Apozema suisso.

Urina de vacca 700 partes.

Agua de funcho..... 50 „

Aqueça ligeiramente a B. M. para dissolver o deposito. Toma-se adoçado ou não adoçado na dose de meio copo por dia, contra as hydropesias e affecções do figado. O Sr. Dorvault diz que em Paris se faz grande uso d'este remedio.

Banho contra o rheumatismo.

Essencia de terebintina 100 partes.

— de rosmanninho..... 50 „

Carbonato de soda..... 500

Emprega-se contra a gota, rheumatismo, e sciatica, ajunctando estas substancias a sufficiente quantidade de agua fria ou tepida, dentro da qual o doente se demora dez a quinze minutos. Augmenta-se a dose das substancias progressivamente.

Banho balsamico.

Terebintina de Bordeaux..... 32 onças.

Alcatrão 32 onças.

Lança-se em um vaso de 60 libras de capacidade, aca-
be de encher de agua quente, agite duas ou trez vezes
por dia, e misture na agua d'um grande banho.

Usa-se nas affecções pruriginosas, sarna das crianças.
Emprega-se tambem o liquido puro para loções e injec-
ções.

Bishop americano.

Vinho tinto 20,000 partes.

Xarope citrico 150 "

— simples 3,000 "

Laranja amarga torrada n.º 1

Tinctura de limão 100 "

Subcarregue de gaz em aparelho proprio.

Decocto simples ou depuratorio.

Guaiaco 8 partes.

Squina 8 "

Salsaparrilha 8 "

Sassafras 8 "

Fragaria 16 "

Para 2 libras de decocto.

Decocto purgativo.

	<i>Menino.</i>	<i>Adolescente.</i>	<i>Adulto.</i>
Senne	5 partes..	8 partes..	10 partes.
Sal d'Epsom.....	5	8	10
Manná.....	30	45	60
Decocto simples..	100	200	300

Toma-se duas vezes.

Caffé vermifugo.

Caffé torrado 10 partes.

Ferrugem tamisada..... 4 a 10 "

Agua fervendo 60 "

Xarope d'artemisia composto .. 40 "

Faça infusão e ajunte o xarope.

Toma-se por 4 vezes contra as ascariides lombricoides.

Collutorio aluminoso.

Alumen 4 partes.

Mel branco 20 „

Toca-se muitas vezes por dia com este collutorio a bocca dos meninos atacados de aphtas ou de stomatite mercurial.

Agua d' Hébé contra as sardas.

Essencia d'Alfazema 280 partes.

— de cidra 60 „

— de rosas 5 „

Limões 1,350 „

Alcohol 850 „

Agua 808 „

Vinagre distillado 6,595 „

Exponha ao sol por 3 dias e filtre.

Agua inodora desinfectante (RAFAND E LEOBYEN).

Soluto de nitrato de chumbo marcando de 14 a 15° do peso-saes. = Famoso antiputrido, que pode substituir o chlorureto de soda em todos os usos, e de mais nos casos em que ultimo este senão pode empregar por causa do seu cheiro.

Electuario (mistura) contra o croup (TROASSEAU).

Alumen em po. 10 partes.

Mel 40 „

Tome meia colher de chá d'este electuario d'hora a hora, ao mesmo tempo que se fazem insuflações na garganta, com alumen de quatro em quatro horas.

Elixir odontalgico (WOLLAND).

Tinctura de pyethro 2 partes

Ether camphorado 2 „

Laudano 1 „

Applica-se aos dentes por meio d'algodão.

Emulsão de Van-Svieten.

Ponta de veado calcinada 4 partes.

Farinha de cevada	2 partes.
Extracto d'opio.....	0,15 „
Agua.....	90 „
Xarope de casca de limão.....	16 „

Gargarejo contra as anginas (FLEURY).

Mostarda commum.....	25 partes.
Sal de cosinha.....	5 „
Vinagre.....	10 „
Agua.....	192 „

Filtre.

Alcatrão.

O Sr. Cazenave preconiza contra o prurigo, a acnéa, e sycosis as seguintes preparações.

Pomada de alcatrão.

Alcatrão.....	4 a 10 partes.
Banha.....	30 „

Pode-se, segundo as circumstancias, ajunctar camphora, ou laudanum, ou modifical-a do modo seguinte:

Unguento citrino..	} aa.....	10 partes.
Alcatrão.....		
Banha.....		

Oleo iodado incolor (DESCAMPS D'AVELLON).

Oleo d'amendoas.....	100 partes.
Tinctura de iodo.....	24 „

Introduza em um balão, metá dentro da mistura uma espiral de platina, e aqueça até á descoloração. Lave o oleo com agua contendo 2 partes de bicarbonato de soda por 1000 partes, e depois lave com agua simples. Filtre, e ajuncte 2 partes de amido, agite, aqueça a B. M. por uma hora, deixe arrefecer, e filtre. 18 grãos d'este oleo representa 0,0052 d'iodo.

Oleo iodado corado (DESCAMPS).

Iodo.....	10 partes.
-----------	------------

Oleo d'amendoas, 100 partes.

Introduza em um balão, e aqueça a B. M. por algumas horas, agitando de espaço a espaço, deixe resfriar; lave com alcohol para separar o iodo não combinado e o oleo que se tornou solúvel; lave com agua alcalina, e depois com agua pura, e filtre. Dezoito grãos d'este oleo contém 0,081 d'iodo. Como o iodo pode variar de pp. pelas operações porque passou, é bom analysar uma parte do producto.

Clyster antidiarrheico (Trousseau).

Agua de cal 200 partes.

Agua d'arroz. 300 „

Laudano 1 „

Agite. Usa-se na diarrheia chronica.

Clyster albumino-argentico (Delieux).

Clara d'ovo. n.º 1.

Agua distillada. 250 gram.

Coe e ajunte:

Azotato de prata . . }
Chlorureto de sodio } aa. . . . 10,20,30 centigr.

Dissolvem-se os saes em uma pouca d'agua distillada. Ajuncta-se primeiro o soluto argentario, depois o soluto sodico ao liquido albuminoso.

Clyster chloroformisado (Aran).

Chloroformio 20 gottas.

Gomma 8 partes.

Gemma d'ovo n.º 1.

Agua 125 partes.

Contra a colica de chumbo. (Continúa.)

Sousa Telles, Junior.

CHYMICA.

Considerações sobre um methodo geral proprio para descobrir os alcalis organicos em caso de envenenamento; pelo Sr. Stas.

Apezar do que dizem certos auctores, é possível descobrir em um liquido suspeito todos os alcaloides, qualquer que seja o seu estado. Tenho mesmo a convicção profunda, que todo o chymico bem exercitado na analyse, conseguirá não somente reconhecer a sua presença, mas tambem determinar a natureza d'aquelle que houver descoberto; com tanto que esse alcaloide entre na classe d'aquelles cujo estudo haja sido convenientemente feito. Assim poder-se-ha descobrir a conicina, a nicotina, a anilina, a picolina, a petinina, a morphina, a codeina, a narcotina, a strychnina, a brucina, a veratrina, a colchicina, a delphina, a emetina, a solanina, a aconitina, a atropina, a hyoseyanina.

Eu não pretendo que o estudo chymico de todos estes alcaloides esteja tão bem feito, que o chymico que descobrir um d'elles, o reconheça immediatamente, e affirme que é tal alcaloide, e não tal outro. Entretanto, de qualquer d'aquelles que não poder determinar, e especificar de um modo certo, poderá ao menos dizer, que pertence a tal familia de vegetaes, ás *Solanæas*, por exemplo. Em um caso de envenenamento por estas materias é ja bastante.

O processo que eu proponho para procurar os alcaloides nas materias suspeitas, é quasi o meio empregado para extrahir estes corpos dos vegetaes que os contém. A unica differença consiste no modo de os pôr em liberdade e de os apresentar ao dissolvente.

Sabe-se que os alcalis formam taes acidos que são ao mesmo tempo soluveis nas aguas e no alcohol; sabe-se tambem que uma solução d'estes taes acidos é susceptivel de

ser decomposta, de maneira que a base posta em liberdade fique momentanea, ou permanentemente em solução no liquido. Eu tenho observado que todos os alcaloides solidos e fixos acima indicados, mantendo-se livres, e em solução n'um liquido, podem ser separados pelo ether, quando este ultimo corpo seja em quantidade sufficiente.

Assim para tirar um alcaloide de qualquer materia suspeita, o unico problema a resolver consiste em eliminar, por meios simplics, as substancias estranhas, e em achar depois uma base, que libertando o alcaloide, o mantenha em solução, para que o ether se possa apoderar d'elle.

A intervenção successivamente da agua e do alcohol em diferentes estados de concentração, basta para separar as materias estranhas, e obter em pequeno volume um soluto no qual se deve achar o alcaloide.

Os bicarbonatos de potassa e de soda, ou estes alcalis no estado caustico, são as bases convenientes para pôr os alcaloides em liberdade, conservando-os em solução, comtudo, se estes ultimos corpos estiverem combinados com um excesso de acido tartrico ou mesmo acido oxalico.

Para eliminar das materias suspeitas as substancias estranhas, animaes ou outras, recorre-se geralmente á acção do acetato tribasico de chumbo; precipita-se depois o chumbo por uma corrente de sulphydrico. Tenho reconhecido por muitas vezes que esta maneira de proceder tem muitos e gravissimos inconvenientes. Em primeiro lugar, nem sempre o acetato tribasico de chumbo, vertido mesmo em grande excesso, precipita todas as materias estranhas; depois o acido sulphydrico que serve para eliminar o chumbo, fica em combinação com certas materias organicas, que se tornam assim extraordinariamente alteraveis pela acção do ar e de um calor mesmo fraco; de maneira que os liquidos animaes que tem sido precipitados pelo acetato tribasico de chumbo, e d'onde se tem separado o chumbo pelo acido sulphydrico, coram-se rapidamente ao ar e exhalam ao mesmo tempo um cheiro

infecto, que adhere com uma tenacidade extrema ás materias que se tiram depois d'estes liquidos.

O emprego de um sal de chumbo apresenta outro inconveniente, é o de introduzir, em materias suspeitas, metaes estranhos, de sorte que esta porção de materia suspeita fica perdida para a pesquisa de substancias mineraes. O emprego successivo e combinado da agua e do alcohol em diferentes estados de concentração, permite a indagação de substancias mineraes, qualquer que seja a sua natureza; de sorte que nada é compromettido; circumstancia bem vantajosa quando se procura uma tal incognita.

Direi de passagem que nas pesquisas medico-legaes não se deve recorrer ao uso do carvão animal para decorar os liquidos, porque se pode perder todo o alcaloide contido na materia suspeita.

Está geralmente reconhecido, que o carvão condensa estas materias, assim como fixa as materias corantes e odoríferas.

As considerações precedentes não provém unicamente de idéas especulativas, mas são o resultado de uma bem longa experimentação a que me tenho dado repetidas vezes para descobrir os alcalis organicos.

Para pôr em practica os principios expostos, eis aqui como eu proponho que se proceda a analyse.

Supponho primeiro que se tracta de procurar um alcaloide nos contentos do estomago ou dos intestinos; começa-se por addicionar estas materias com o dobro do seu peso d'alcohol puro e o mais concentrado possivel (1); ajuncta-se depois segundo a quantidade, e o estado da materia suspeita de $\frac{1}{2}$ a 2 grammos de acido tartrico, ou d'acido oxalico, mas com preferencia acido tartrico; introduz-se a mistura em um balão, e aquece-se até 60° ou 75°.

(1) Quando se quer procurar um alcaloide no tecido de um órgão, como o figado, o coração, os pulmões &c., deve-se previamente dividir o órgão em meudos fragmentos, molhar a massa com alcohol puro e concentrado, espremer depois, e esgotar, por meio do alcohol, o tecido de todas as substancias soluveis. Opera-se sobre o liquido obtido como em uma mistura de materia suspeita e alcohol.

Depois do completo resfriamento, lança-se o todo em um filtro de papel *Berselius*, lava-se o producto insolúvel com alcohol concentrado, e o liquido filtrado evapora-se no vacuo, ou á falta de machina pneumática, abandona-se a uma forte corrente de ar, mas cuja temperatura não seja superior a 35°.

Se depois da volatilisação do alcohol, o residuo contiver corpos gordos, ou outras materias insolúveis, verte-se de novo o liquido sobre um filtro molhado com agua distillada, evapora-se depois no vacuo pneumático, quasi á secco, o liquido filtrado a que se ajuncta a agua da lavagem do filtro. Não havendo machina pneumática, põe-se o vaso que contém o liquido, debaixo de uma grande campanula, por cima d'acido sulphurico concentrado.

Tracta-se o residuo de novo por alcohol anhydro e frio, tomando-se a precaução de esgotar bem a materia; evapora-se o alcohol ao ar livre na temperatura ordinaria, ou melhor no vacuo; dissolve-se o residuo acido a menor quantidade possivel d'agua, e introduz-se a solução em um pequeno frasco, ajunctando-lhe pouco a pouco, bicarbonato de soda, ou de potassa, puro e pulverisado, até que uma nova quantidade não produza ja effervescencia d'acido carbonico. Agita-se então com quatro ou cinco vezes o seu volume d'ether puro, e deixa-se em repouso. Quando o ether sobrenadante está perfeitamente esclarecido, decanta-se uma pequena parte para uma capsula de vidro, e expõe-se em um lugar bem secco, á evaporação espontanea.

Agora, podem apresentar-se duas ordens de factos: ou o alcaóide, contido na materia suspeita, é liquido e volátil, ou é solido e fixo.

Eu vou examinar as duas hypotheses.

(Continúa.)

PHYSICA.

Synopse das observações meteorologicas do mez de Outubro de 1852, feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa; pelo Demonstrador de Medicina, e Membro Benemerito, o Sr. Dr. Cactano Maria Ferreira da Silva Beirão.

Temperatura media da atmosphera	15,8
" maxima "	18
" minima "	14
Maxima variação diurna de temperatura	2
Pressão media da atmosphera	756,37 ^{mll.}
" maxima "	764,53
" minima "	736,59
Ventos reinantes	S. NO. N. SO.
Altura da agua no Pluvinetro	4,8 ^{pol. linh.}
Dia mais chuvoso do mez (17)	0,10
Grau medio d'humidade no Hygrometro	1°,1

Observações.

Este mez tornou-se notavel por diferentes circumstancias: 1.^a pelas copiosas chuvas, que houveram, como talvez as não houve ha seis annos; 2.^a pela rapida descida do barometro em alguns dias, sem me constar que apoplexias ou hemorrhagias se verificassem n'essas variações de pressão atmospherica em tão grande numero como se tem verificado n'outros mezes, em que essas variações não tinham sido nem tão rapidas, nem tão consideraveis: é verdade que a temperatura conservou-se, ordinariamente, muito uniforme; 3.^a pelo estado de salubridade da capital que ha muitos mezes não tem sido tão lisongeiro.

Todavia algumas febres com forma intermittente se

tem manifestado, e d'uma rebeldia extraordinaria. Uma tenho eu observado, que tem zombado de todas as applicações antiperiodicas as mais energicas, e as mais bem sustentadas; com tudo são estes os casos d'exceptão. As pneumonias ja vão apparecendo; mas por ora n'uma escalla muito inferior ás do anno passado.

Casa no Largo do Caldas, no 1.º de Novembro de 1852.

HISTORIA NATURAL.

Musgo de Corsega.

Um acaso fez que soubessemos que em uma das principaes drogarias de Lisboa se vende como musgo de Corsega o *Chondrus polymorphus* de Lamouroux, *Fucus crispus* de Linneo, a que vulgarmente se dá o nome de musgo branco, e que os auctores francezes chamam *Carageen*, ou *Mousse perlée*. Querendo certificar-nos da extensão que tinha no nosso commercio esta substituição inadmissivel pedimos em varias drogarias o musgo de Corsega, e em quasi todas nos deram a *Chondrus polymorphus*; e o mesmo engano sabemos existir em algumas boticas. Isto prova o que, não ha muito tempo, dissemos n'este Jornal a respeito do estudo das drogas em Portugal, e que suscitou uma carta, por ora inedita, que alguém dirigiu a um periodico de medicina, censurando a nossa opinião.

O musgo de Corsega não pode confundir-se de modo algum com o *Chondrus polymorphus*; differenciam completamente.

O *Musgo de Corsega*, a que tambem se dá o nome de *corallina de Corsega* e de *helminthocorton*, é constituido por diversas algas intermediadas de corpos estranhos e de porções mais ou menos consideraveis de areia, reunidas em massa leve e filamentosa, d'ordinario humida e muito molle, dotada de sabor muito salgado e de cheiro a maresia.

O *Chondrus polymorphus* é formado por um pediculo chato d'onde parte uma fronde achatada, dichotoma, com os bordos divididos em segmentos lineares-cuneiformes, sobre os quaes estão implantadas pequenas capsulas hemisphericas, sessis, e concavas por baixo. Algumas vezes é plano ou crispado, largo, ou filiforme, obtuso, ou agudo. Geralmente apparece no commercio secco, de côr branca ligeiramente amarellada, com pequenissimo ou nenhum cheiro, e de sabor mucilaginoso. Tractado pela agua incha muito em pouco tempo, e forma uma gelêa branca.

Sabemos tambem que em alguma botica de provincia se tem recebido, das drogarias de Lisboa, corallina em pequenos pedaços, resultantes da destruição dos tufos em que ella se apresenta, como musgo de Corcega. O que deixamos dito n'este artigo, que não é doutrina desconhecida para a maior parte dos nossos Collegas, servirá de advertencia aos negociantes leigos de sciencia para que nos evitem enfados, e não digam que os pharmaceuticos aprendem d'elles a conhecer as drogas.

Na Commissão d'Historia Natural da Sociedade Pharmaceutica existem exemplares de corallina, de musgo de Corcega, e de musgo perlado que mostrarei gostosamente a quem os quizer estudar. *Sousa Telles, Junior.*

Abastecimento de aguas potaveis em Lisboa.

O deposito terciario miocene, que forma uma vasta bacia, em parte occupada por Lisboa e suas visinhanças, consta de tres andares, dos quaes o medio, composto de calcareos grosseiros, argilas, margas e arêas, mais ou menos fortemente cimentadas, e mesmo soltas, apparece nas altas ribas desde Cacilhas até á Trafaria, e na margem direita em escarpas pouco elevadas juncto ao rio, e em quebradas do solo pouco descobertas, circumstancia esta, que torna, junctamente com a cultura e edificação, extremamente difficil o estudo da constituição geognostica do solo, e impossivel de fazer por agora uma relação stratigraphica d'esta parte da formação. A simi-

lhança que as diversas camadas apresentam, assim no seu character mineralogico, como no paleontologico, tornam tambem difficil resolver com segurança se as camadas são as mesmas ao norte e ao sul do Tejo, ou se umas são inferiores em posição geognostica ás outras: ha com tudo algum motivo para admitir esta segunda opinião.

Estudando este deposito com o fim especial e restricto de ajuizar sobre a questão das *aguas do bairro oriental*, achámos que as camadas se apresentam geralmente inclinadas no sentido do S E., e que caminhando ao longo do rio, do poço do Bispo para Lisboa, se passa de camadas mais novas para mais antigas: estas camadas sahem umas debaixo das outras, e apparecem afforando pelos seus topes; o mesmo acontece mais evidentemente quando se caminha na direcção da sua inclinação ou na direcção de S E para N O. Observa-se n'este caso que o solo foi fracturado em diversas linhas, parallelas entre si e perpendiculars á linha de inclinação, isto é, dirigidas todas de N E a S O. Em virtude d'este systema de fracturas acham-se as partes elevadas do solo alinhadas n'esta direcção, e na mesma as partes deprimidas que formam as vallas principaes. E' tambem a esta circumstancia que é devida a configuração do solo, o qual apresenta em todas as partes elevadas uma aba fracamente inclinada para S E., e uma outra abrupta e escarpada para N O. A formação dos valles intermedios parece ser o resultado, em parte, do deslramento das porções de camadas rijas sobre as menos consistentes (argilosas ou areosas fracamente cimentadas), e da mais rapida destruição d'estas pela acção dos agentes atmosphericos.

Vê-se que sendo tal a constituição do solo, as aguas absorvidas na vertente abrupta de cada uma d'estas series de elevações devem ir lançar-se na fenda immediata, subir n'ella até um nivel pouco inferior áquelle d'onde vieram, e entrar nos cortes das outras camadas: e, como as inferiores devem estar saturadas de agua e as superiores são permeaveis e afforam á superficie do solo devem rebentar n'esse, formando fontes, nos logares onde se derem para isso as condições necessarias, e cortando ef-

tas camadas devê a agua sair para a cavidade, galeria ou poço, que n'ellas se abrir. Assim parece acontecer ás aguas que rebentam da base do morro do castello, e se acham em abundancia em diversos poços, e do mesmo modo a respeito d'aquellas, que se encontram no valle de Chellas.

Existem pois aqui as condições das aguas artesianas, mas em pequena escala, e mui desfavoravelmente, porque as superficies de absorção teem pequena extensão, são mui proximas dos pontos em que as aguas se podem fazer sair, teem pequena differença de nivel, e acham facil saída na parede que forma a margem proxima do rio.

Estas circumstancias, que tornam impossivel obter n'este solo, por meio de poços artesianos, importantes jórros de agua de consideravel volume e altura, não prejudicam a idéa de fazer uma obra em que se aproveite grande parte das aguas insinuadas nas camadas permeaveis, que constituem a base do morro do Castello; e a obra que para esse effeito se acha indicada por estas condições geologicas é a abertura de uma galeria em uma direcção proxima da direcção da inclinação das camadas, e tão proxima que dê a possibilidade de fazer-se esta galeria com a inclinação necessaria para o curso das aguas, sem sair para fora do plano da camada permeavel, que as contém. Esta galeria principal deve ter outras transversaes, que subam na camada aquifera, ou mesmo saiam fora da espessura d'esta, atravessando o seu leito para cortar as camadas inferiores, e aproveitar as aguas que venham de maior distancia e vão perder-se nos alloramentos d'estas á margem do rio.

Posto isto façamos algumas considerações sobre a Memoria do Sr. Pezarat, offerecida á Ex.^{ma} Camara Municipal de Lisboa, sobre este assumpto.

O primeiro objecto da Memoria é provar que as aguas dos chafarizes de El-Rei, de Dentro, e da Praia, e outros proximos, provém do mesmo manancial, que é um lençol artesiano existente em uma camada de arêa pouco argilosa do terreno terceario. — Na Memoria suppõe-se que

este extracto afflora na margem do rio n'esta parte oriental da cidade, no valle de Chellas, e na outra margem do Tejo, onde alimenta a fonte da Pipa e outras. — Parece-nos que as camadas, que affloram no valle de Chellas, e nas quaes existem as aguas, que alimentam alli os pozos, são mais superiores, que aquellas que existem na base do morro do Castello, e que contam as aguas dos supracitados chafarizes. E' certo que a fonte da Pipa corresponde a uma falha com differença de nivel nas duas paredes, e que as camadas que alli affloram não são retalhos das que apparecem n'este lado do rio; mas como esta differença não traz modificação alguma nas idéas sobre a conveniencia da medida proposta não nos demoraremos mais com este objecto.

Limitando-nos pois ás aguas que existem na parte da formação ao norte do rio achamos:

1.º Ser exacto que a direcção das camadas é NE a SO, e por tanto que a inclinação é NO a SE variavel pouco mais ou menos entre 5º e 8º:

2.º Que as aguas tendem a sair nos pontos mais baixos das camadas em que estas se acham cortadas, como effectivamente estes cortes existem em uma linha parallela á sua direcção, as nascentes se acham em uma linha horisontal de SO a NE, começando na nascente superior do chafariz de El-Rei, e acabando no chafariz de Dentro.

Não podémos fazer os trabalhos necessarios para verificar as operações do nivelamento, que se invocam na citada Memoria para comprovar que as differenças de nivel e de quantidade na saída das aguas, estão em relação com as condições differentes em que ella se effectua, e em harmonia com a hypothese de que todas ellas proveem do mesmo manancial.

Não nos parece porém que a differença de temperatura que effectivamente é superior no tanque das Alcaçarias (27º C.), se possa attribuir ao calorico desenvolvido pelas lavadeiras, porque esta differença se acha ainda 12 horas depois de estar o tanque deserto, e juncto á sua principal nascente: nem tão pouco á decomposição das pyrites exis-

tentes em uma supposta camada de lenhite que se diz subordinada á marga azul inferior á camada aquifera ; porque nenhuma d'estas condições geologicas se reconhecem no exame do solo, nem as aguas do tanque das lavadeiras apresentam alguma outra propriedade senão a de uma temperatura mais elevada em alguma das suas nascentes. A analyse chymica que fizemos da agua do tanque das lavadeiras, e que aqui transcrevemos, corrobora esta asserção.

Composição media das nascentes do tanque chamado das lavadeiras, no bairro de Alfama (1).

Densidade da agua	1,00055
<i>Materias contidas em um litro de agua.</i>	
Gazes. .	{ Acido carbonico livre indeterminado
	{ Ar atmosferico 22 ^{cc}
Materias fixas	{ Bicarbonato de cal 0.2035
	{ Dito de magnesia 0.0199
	{ Sulphato de cal 0,0036
	{ Dito de magnesia 0,0408
	{ Chlorreto de magnesio 0,0121
	{ Dito de sodio 0,1439
	{ Carbonato de soda 0,0970
	{ Azotato de potassa 0,0201
	{ Silica e alumina 0,0211
{ Materia organica (2) indeterminada	
<hr/>	
0,5620	

O que se pode pois dizer, sem nos aventurarmos a estabelecer condições que a observação nos não auctorisa a

(1) O tanque das lavadeiras tem diversas nascentes, mas, no estado em que se acham, so se pode recolher, para a analysar, a agua das duas nascentes que surdem por debaixo da parede N do tanque. Foram estas as que nos serviram para a analyse que fizemos com o fim de reconhecer se eram ou não potaveis. Porém a primeira, á entrada, tem uma temperatura inferior á da segunda, e é menos abundante do que ella, e a sua composição parece differir alguma cousa. Occupar-nos-hemos brevemente de fazer a analyse de cada uma d'ellas separadamente.

(2) Em quatro litros de agua não se torna bem patente a existencia do iodo, mas na continuação dos trabalhos, que nos propomos fazer sobre estas aguas, verificaremos a existencia d'este corpo n'uma quantidade maior de liquido.

crer existentes, é que a temperatura mais elevada d'estas aguas, e a grande differença para mais da quantidade de agua fornecida por esta origem em relação ás outras, nos leva a acreditar, que aguas, que vêm de maior profundidade, se misturam com as d'este manancial, e o tornam mais importante. A presença do azote que borbulha em grande quantidade em todos os pontos através do solo do tanque com os numerosos olhos de agua que ahí rebentam, corrobora esta supposição; mas como estas aguas não apresentam contentos mineraes, que tornem o seu emprego nos usos ordinarios desvantajoso, escusado é tractar dos meios de as separar das aguas do manancial superior, antes talvez não deixaria de ser rasoavel pesquizal-as por meio de um furo de sonda.

Do que temos exposto se vê que ha duas cousas a considerar:

1.^a Reunir todas as aguas do manancial commum.

2.^a Aproveitar as aguas inferiores que vêm misturar-se com ellas no tanque das lavadeiras.

Para este aproveitamento é necessario fazer um furo de de sonda como acabamos de indicar: para a reunião das aguas do manancial commum é necessario abrir uma galeria ou mina que córte a camada, que contém as aguas, em toda a extensão que possa seguir-se. Esta galeria deverá reunir todas as aguas ja aproveitadas, e aquellas que se perdem nas fontes que se abrem na margem no rio.

Esta obra acha-se indicada pelas condições geognosticas do solo, e pela abundancia ja consideravel das aguas aproveitadas. Sobre o modo de as distribuir talvez seja prudente recorrer a algum menos dispendioso, ao menos nos primeiros tempos, em quanto se não houver reconhecido que a bundancia e permanencia das aguas auctorisam as despesas do estabelecimento da obra projectada pelo Sr. Pezerat.

Lisboa, 3 de Novembro de 1852. — *Francisco Antonio Pereira da Costa.* — *Julio Maximo de Oliveira Pimentel.*

REVISTA DOS JORNAES.

(NOVEMBRO.)

Aplicação do colorimetro (instrumento por meio do qual se mede a intensidade das côres) á resolução de diversa questões de chymica experimental. — O Sr. Lassaigne teve a feliz idéa de applicar o colorimetro nas experiencias chymicas para, pela intensidade das côres produzidas pelos diversos reagentes, julgar da proporção das substancias cuja presença se procura. Como exemplos d'este modo de operar cita elle varias experiencias d'entre as quaes so mencionaremos duas. Pertende-se determinar as proporções relativas de iodo em dous solutos aquosos sem operação chymica e sem pesagem.

Mede-se a intensidade da côr de dous solutos pelo colorimetro e compara-se com outro soluto em que a quantidade do iodo seja conhecida; ou augmenta-se a cada um dos solutos o mesmo volume de soluto de amido, avalia-se a intensidade das côres, e compara-se com um soluto typico que se tenha preparado dissolvendo na agua alcoholisada um peso conhecido de iodo, e que por meio da agua se tenha reduzido a uma tal diluição que com o mesmo volume do amido de uma côr de igual intensidade, o que permite depois determinar a quantidade de iodo contida no liquido examinado.

2.^a Pastilhas de ipecacuanha que deviam ter sido preparadas pelo Codex suppõe-se não conterem a devida quantidade do pó que lhes dá o nome? Dissolve-se em agua um determinado peso das pastilhas preparadas pelo methodo do Codex, e uma equal porção das pastilhas suspeitas. Lança-se em cada um d'estes solutos uma quantidade determinada de persulphato de ferro que lhes dá uma côr verde-garrafa, e comparam-se pelo colorimetro estas duas côres. Procedendo d'este modo verificou o Sr. Lassaigne que umas pastilhas, que se dizia terem sido prepara-

das pelo Codex continham apenas a terça parte da substancia activa que deviam ter, porque lhe foi necessario diluil-as em duas porções de agua eguaes áquella em que estavam dissolidadas para obter uma côr egual a que manifestaram as do Codex.

Se nos não enganamos muito a applicação do colorimetro deve ser de grande utilidade em chymica e em pharmacia, e poderá tornar-se um meio facil de avaliar a perfeição de muitos medicamentos, e suas sophisticações.

Sociedade Biologica Piemontese. — Com este titulo fundaram varios physiologistas de Turim uma sociedade cujo fim é estudar os phenomenos vitacs em toda a esta dos seres organicos. Espera-se que comecem em breve a publicar o resultado de seus trabalhos.

Soluto de sesquinitrato de ferro privado de proto ou sub-sal.

Fio de ferro em pequenos pedaços. . . 30 gram.
Acido nitrico a 1,42. 90 „
Agua distillada. q. b.

Mistura-se o acido com 300 gram. d'agua distillada, em um frasco de bocca larga rodeado d'agua. Lança-se dentro o ferro pouco a pouco esperando para lançar nova porção que a primeira esteja dissolvida, o que se conhece pela cessação da effervescencia. Logo que todo o ferro está dissolvido, filtra-se o soluto por papel, aquece-se um pouco em uma capsula e ajuncta-se-lhe, agitando sempre com uma vareta acido nitrico, ás gottas, até que o liquido, tractado pelo ammoniaco, dê precipitado vermelho sem mistura de côr negra ou de qualquer outra. Entam ajuncta-se uma nova quantidade d'agua distillada para completar um litro. O soluto deve ter a côr do vinho da Madeira.

Este processo é de William Procter que o preconisa não so como proprio para dar o sesquinitrato de ferro, mas tambem o mais estavel que é possível fazel-o.

Emplastro visicante. — O Sr. Eugene Dupui propõe, como meio de fixar os principios volateis do emplastro de cantharidas e de eyitar ou diminuir os symptomas

d'stranguria que algumas vezes produz, ajunclando-lhe cinco por cento d'uma mistura formada de partes eguaes de camphora e acido acetico concentrado (preparado pela distillação do acetato de cobre ou de chumbo). O acido acetico, suppõe o Sr. Dupuy, forma com a cantharidina um acetato que não é volatil á temperatura ordinaria.

Conservação do proto-iodureto de ferro do Codex

— Propõe o Sr. Lecocq para conservar este sal sem que se altere lançal-o em um frasco de bocca larga e cobrir toda a sua superficie com uma espessa camada de ferro reduzido pelo hydrogenio. Quando se queira tirar alguma porção, separa-se o ferro por meio de uma carta rolada em forma conica, ou d'um pincel,

Falsificações das farinhas dos cereaes. — Entre os diversos processos recommendados para verificar se as farinhas de trigo conteem em mistura farinhas de leguminosas ou de cevada, dava-se até ha pouco tempo a preferencia a tres processos conhecidos pelos nomes de seus auctores que são os Srs. Martens, Donny e Louget. Modernamente os Srs. Biot e Lambott reconheceram que taes processos não se podem considerar infalliveis, por quanto ha farinhas, que sem serem falsificadas, apresentam as reacções que se julgava serem indício certo de existencia de farinhas leguminosas e de cevada. Indicaremos aqui os tres processos, a que nos referimos, e as observações do Sr. Biot para que os nossos Collegas se previnam caso alguma vez as queiram empregar. — *Processo do Sr. Martens para provar a presença de farinhas, feijões, ervilhas, &c.* Mistura-se a farinha suspeita com duas vezes o seu volume d'agua, e deixa-se em maceração, á temperatura de 22 a 30° por duas horas, mexendo de tempo a tempo. Deita-se tudo n'um filtro, lava-se o deposito alli, para separar toda leguminosa. O liquido filtrado apresenta todas as reacções proprias da leguminosa (se a contém), isto é, turva-se muito e torna-se lactescente pela addição do acido acetico gotta a gotta; precipita pelo acido phosphorico trihydratado, dissolvendo-se o precipitado em um excesso de acido acetico ou phosphorico, e no ammonia-

eo, &c. e secco sobre o filtro forma uma pellicula luzidia, que pela acção successiva dos vapores d'acido nitrico e d'ammoniacco se cora em *amarello-canario*. — *Observações do Sr. Biot*. Farinhas puras de diversos trigos deram resultados identicos. — *Processo do Sr. Denny para reconhecer na farinha de cereaes as farinhas de favinhas e de ervilhacas*. — Faz-se uma pasta com a farinha suspeita e agua e estende-se sobre as paredes internas de uma capsula de modo que o fundo fique limpo. Lança-se um pouco de acido azotico no fundo da capsula de modo que não toque a farinha; aquece-se, sem que chegue a server, até que a parte inferior da cinta farinhosa esteja amarella; tira-se o excedente do acido, e substitue-se por ammoniacco liquido cujos vapores tocam a superficie da farinha. Se a farinha for de favinhas ou ervilhacas, pura, cora-se intensamente em *vermelho-cereja*; se for de feijões, ervilhas, ou lentilhas não toma esta cor; bem como se for de trigo, centeio, ou outros cereaes. Se for uma mistura de farinha de favinhas de ervilhaca e trigo cobre-se de pontos vermelhos tanto mais intensos e numerosos quanto maior for a falsificação. — *Observações de Biot*. — Farinhas puras de diversos trigos deram identicos resultados, principalmente uma variedade de trigo do Caucaso, conhecida pelo nome de *cubanca*. Em a maior parte, se não em todos os cereaes, o germe cora-se sempre do mesmo modo, e o perisperma farinhoso, em vez de se corar em *vermelho-cereja*, toma so a cor *amarella-canario*. — *Processo de Louyet para reconhecer a farinha de cevada*. — O infuso de cevada não germinada turva-se pouco por algumas gottas ou por um excesso d'acido acetico; e tambem pelo acido phosphorico trihydratado. O subacetato de chumbo forma um grande precipitado branco, floconoso, solavel no acido acetico, ficando o liquido turvo. O alcohol forma um precipitado floconoso e mucilaginoso, que se separa do liquido ao qual a tinctura de iodo dá uma cor avinhada. — *Observações de Biot*. — Obteve os mesmos resultados com os acidos acetico e phosphorico sobre a infuso da cevada perlada e simplesmente mondada. Ob-

2.^a Serie, T. III. — N.º 11.

teve os mesmos resultados com o subacetato de chumbo no infuso de cevada, e com o acido acetico sobre o precipitado obtido; mas os mesmos efeitos se produziram no infuso de farinha de trigo pura. O alcohol obrou do mesmo modo sobre os infusos recentes de cevada pura e de trigo puro. Com o iodo so uma vez obtive a coloração do infuso de cevada, não obstante fazer muitas experiencias, em quanto que sempre obtive a coloração vinhosa no infuso de trigo.

De tudo isto conclue-se: 1.º que os processos mencionados não teem o valor que se lhes attribua; 2.º que é sempre necessario verificar os processos, e não os admitir como infalliveis jurando *in verbo magistri*.

Conservação dos emplastos em que entram pós vegetaes. — Solbrig propõe, com o fim de evitar que se cubram de bolor, immergel-os por pouco tempo em cebo derretido.

Gutta-percha como adhesivo. — O Dr. Rapp propõe, como substituição ao collodio empregado como adhesivo, um soluto de gutta-percha em chloroformio (1 p. sobre 8 ou 9). Diz o Sr. Rapp que este soluto é facil de applicar com um pincel sobre qualquer parte, ainda que esteja humida (caso em que o collodio não adhere) e que é mais adhesivo do que este.

Tosse convulsa. — Contra esta doença tem o Dr. Goetz empregado com optimos resultados o sulphato de quinina do seguinte modo:

Sulphato de quinina 1 grão

Magisterio de bismutho }
Flores de zinco }
Carbonato de magnesia }
Misture e divida em seis papeis eguaes.

aa 2 "

1 oitava.

Em um infuso de valeriana, e segundo a idade do doente, tomará cada tres horas, meio ou um papel d'estes pós.

Agua distillada de folhas de loureiro-cerejo. — O Sr. Cailletet publicou no *Reportorio de pharmacia* um

artigo ácerca da agua de loureiro-cerejo cujas conclusões são as seguintes:

1.^o Que aproveitando um peso de agua distillada d'esta planta egual ao das folhas que se empregaram, se obtem uma agua de composição muito variavel.

2.^o Que a agua, que não tem um por cento d'acido cyanhydrico, se não deve ajunctar a quantidade que lhe falta senão por uma nova distillação.

3.^o Que quando as folhas abundam tanto em oleo essencial que este é em quantidade maior do que a necessaria para saturar a agua, é indispensavel separar o excesso d'elle, por quanto este oleo contém muito acido cyanhydrico.

3.^o Que para ter em todas as circumstancias uma agua de folhas de loureiro-cerejo cuja composição seja identica, convém determinar com rigor a quantidade de acido cyanhydrico medicinal que ella contém, e que segundo Geiger, deve ser um por cento do seu peso.

Pode fazer-se a determinação do seguinte modo: toma-se um peso bem exacto da agua, que se quer ensaiar, tracta-se pelo nitrato de prata ammoniacal, e satura-se o ammoniaco pelo acido azotico. O peso do cyanureto obtido indica a quantidade do acido medicinal, por quanto o peso de 0, gram. 517 de cyanureto de prata secco representa 1 gram. de acido cyanhydrico medicinal.

Injecções cupricas. — O Sr. Nélaton recommenda e a Abeille transcreve, como muito efficaz na leucorrhœa, o seguinte soluto:

Sulphato de cobre	1 parte.
Agua	400 „

Uma injecção de manhã e outra de tarde.

Collodio contra as frieiras. — applica-se actualmentê, com muita vantagem, o collodio contra as frieiras. Emprega-se em fricções umas poucas de vezes. Em alguns casos a dôr e comichão desapparecem logo; a vermelhidão exige, para se destruir, maior numero de fricções.

Aproveita tambem quando estão ulceradas, mas n'esse caso é mister repetir a applicação tres a quatro vezes.

Extracto de monesia. — Lê-se no J. de Ph. et Ch. que o Sr. Dupuy, pharmaceutico na New-York, suspeita que o extracto de monesia, que se acha no commercio, seja extracto de campeche; e que julga dever-se empregar este em vez d'aquelle, não so porque o seu preço é incomparavelmente mais modico, mas tambem porque ambos elles possuem propriedades identicas.

Extractos seccos. — A preparação dos extractos merece toda a attenção, porque d'ella depende em grande parte a qualidade d'estes preparados. Em França empregam-se actualmente n'esta preparação varios apparatus cujo fim é favorecer a vaporisação dos vehiculos a uma baixa temperatura e com a menor pressão possivel. O Sr. Grandval apresentou na exposição de Londres extractos, preparados em um apparatus de sua invenção, que difficilmente se poderão exceder em perfeição e energia. Infelizmente o apparatus do Sr. Grandval ainda se não conhece em Portugal, e é de suppor que custe a generalisar, porque deve ser caro, e o consumo dos extractos, na maior parte das-nossas boticas, não é tam grande que convide os pharmaceuticos a fazerem uma despeza de que so passados muitos annos se poderão embolsar. Geralmente entre nós os extractos preparam-se a fogo nú (practica pouco boa), e a banho de agua em capsula de porcellana ou de metal, conforme se recommenda no tractado de Pharmacia do Sr. Soubeiran. Este processo, que tem de bom evitar as alterações profundas que o fogo determina nos solutos, quando se expõem directamente ao lume, não remedeia de modo algum as que se produzem pelo contacto do ar. Com o fim de melhorar esta ordem de preparados, que é digna de todo o estudo, e de facilitar a sua manipulação tornando-a ao mesmo tempo o mais perfeita possivel, propõe o Sr. Mohr o seguinte processo, que se diz ser geralmente usado na Allemanha para os extractos seccos.

Tomam-se partes eguaes de po d'alcaçuss e do extracto que se quer preparar; misturam-se cuidadosamente em

um almofariz; logo que a massa está bem homogenea lança-se em um vaso de barro de fundo chato; depois introduz-se este em outro vaso de ferro um pouco profundo e cujos bordos sejam levantados, e que se tem enchido de chlorureto de calcio, anteriormente dessecado a uma alta temperatura, no mesmo vaso, mas sem que se funda. Tapa-se o vaso de ferro com uma tampa para evitar a entrada do ar, e permittir que o chlorureto absorva todo o liquido do extracto. Deixa-se assim por alguns dias; tira-se o extracto secco, mistura-se em um almofariz com partes eguaes de po de alcassus, e guarda-se em vaso bem tapado.

Este processo, que litteralmente transcrevemos d'um jornal estrangeiro, parece-nos se pode, com algumas modificações, applicar, á preparação de todos os extractos; se assim for conseguir-se-ha grandissima vantagem. Daremos parte aos leitores do estudo que a este respeito vamos fazer.

Arabina. — O reactivo para a differencar da dextrina e de outras materias mucilaginosas dos vegetaes é o *persulphato de ferro*, que forma um precipitado gelatinoso amarellado, transparente como a geléa de carne. O *chlorureto ferrico* produz o mesmo effeito que o sulphato.

Saliva. — Segundo Jacobowitsch a saliva tem a seguinte composição:

Agua.....	995,16
Epithelium.....	1,62
Materia organica.....	1,34
Phosphato de soda.....	0,94
Chlorureto de sodio e de potassio..	0,84
Sulphocyanureto de potassio.....	0,06
Cal combinada com materia org...	0,03
Magnesia d.º d.º.....	0,01

1000,00

Sousa Telles, Junior.

PECAS OFFICIAES.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 449, de 15 de Outubro de 1852.

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

Foi aberta a Sessão pelas 7 horas da noute, lida e approvada a acta da anterior.

O Sr. 1.º Secretario deu conta da correspondencia, e dos objectos doados, incluindo uma pequena porção de Manná de Moçambique para ser analysado. Depois d'alguma discussão entre os Srs. Telles, Junior, e J. A. Rodrigues, deliberou-se que fosse remettido á Commissão de Chymica.

O Sr. Telles Junior propoz, que se pedisse ao Sr. Dr. Benevides mais uma porção de Manná para ser conservado no Museo da Commissão d'Historia Natural. — Foi approvedo.

O Sr. Telles Senior apresentou uma proposta para que a Sociedade informe se os Pharmaceuticos que teem de participar ás Escolas os assentamentos de Matriculas, na conformidade do Decreto de 29 de Dezembro de 1836, são tambem obrigados a mandar estas participações francas de porte e reconhecidas por Tabellião, quando a Lei o não determina nem as Escolas de Lisboa e Coimbra o exigem, mas tão somente a do Porto? — Foi approvada e remettida á Commissão de Direito Pharmaceutico para dar o seu parecer.

O Sr. Telles Junior, fez as seguintes propostas. 1.ª Que se não imprimissem as observações feitas no Hospital de S. José com a pomada mercurial preparada com o oxydo negro de mercurio; mas que, preparando-se esta por conta da Sociedade, se distribuisse a alguns Clinicos nossos amigos, para elles a ensaiarem convenientemente.

O Sr. Telles Senior, fazendo algumas reflexões ácerca dos ensaios suppra indicados, apresentou a seguinte proposta. Que a Sociedade convidasse o Sr. J. A. Rodrigues

a preparar o oxydo negro, e que o Sr. Director da Commissão de Pharmacia fosse incumbido de preparar a pommada: que se officiasse depois ao nosso Consocio o Sr. Dr. Benevides pedindo-lhe para mandar fazer, debaixo da sua inspecção, os devidos ensaios nos Enfermos competentes no Hospital da Marinha, e que o mesmo pedido se fizesse ao Sr. Director do Hospital Militar da Estrella.

Depois d'algumas ponderações, o Sr. Telles Junior retirou a sua proposta, annuindo a esta, que pela Sociedade foi approvada

2.º Que apparecia no commercio uma substancia, a que chamavam extracto de Ratanhia, sobre o que havia bastantes duvidas: descreveu os caracteres com que se apresenta, expoz a sua opinião sobre esta materia, e disse que tencionava estudar e descrever o producto, por isso que se apresentava com caracteres duvidosos em relação ao titulo com que se vende, e que pedia que a Sociedade auctorisasse o Sr. Thesoureiro a comprar uma porção para se conservar no Museo d'Historia Natural. — Foi approvado.

3.º Que a Sociedade, a fim de excitar nos pharmaceuticos o gosto pelos estudos practicos, e de tornar cada vez mais perfectos os preparados das nossas officinas, mandasse vir de Paris e Londres productos, que pela sua perfeição se podessem reputar typos, e convidasse os pharmaceuticos a imital-os, conferindo-lhes, quando o tivessem conseguido, medalhas honorificas.

A Sociedade encarregou a Mesa de nomear uma Commissão especial para apresentar o seu parecer e o programma competente.

A Mesa nomeou os Srs. J. A. Rodrigues, e F. F. de Assis para conjunctamente com os dous auctores da proposta constituirem a Commissão.

O Sr. J. A. Rodrigues propoz, que a Sociedade o auctorisasse a convidar alguns Socios para o coadjuvarem nos trabalhos da Commissão de Chymica, a fim de que, dividindo-se esta em Secções e trabalhando cada uma d'ellas debaixo da sua direcção, podessem não so adiantar os trabalhos de que a Commissão se acha encarregada, mas

tambem habilitar os differentes Membros para estudos practicos, de que a Sociedade pode vir a tirar grande proveito para o futuro.

A Sociedade achou tão proveitosa a doutrina d'esta proposta, que julgando-a urgente, foi logo discutida e approvada.

Chegada a hora o Sr. Presidente fechou a Sessão.

Manuel Vicente de Jesus,

2.º Secretario.

DIVERSIDADES.

Agradecimento. — O Pharmaceutico José Dionysio Corrêa agradece a todas as pessoas que tiveram a bondade de o visitar durante a sua ultima doença; e espera, logo que esteja mais restabelecido, ir pessoalmente renovar este agradecimento por tantos obsequios. Egualmente agradece aos Ill.^{mos} Srs. Facultativos, M. J. F. Branco, E. J. Pedroso, A. B. R. Vianna, L. C. Bourquin, A. J. Santos, J. S. Crispim, e L. A. Corrêa; ao primeiro pela promptidão com que acudio a prestar-lhe os primeiros soccorros da Arte, ao segundo pelo costumado acerto e desvelo que teve como assistente, e aos demais Srs. pelo favor e interesse com que concorreram às repetidas conferencias que tiveram logar.

ERRATAS ESSENCIAES.

No N.º de Setembro pag. 269 linh. 13 onde se lê = em tudo isso aproveitam com tudo = *deve lêr-se* = em tudo isso mal aproveitam com tudo.

NA REVISTA DOS JORNAES D'ESTE NUMERO.

	<i>Erratas.</i>	<i>Emendas.</i>
Pag. 356	Linh. 23 de uma côr	= dê uma côr
" 357	" 14 esta dos seres	= escala dos seres
" "	" 36 Dupui	= Dupuy
" 358	" 1 ajunctando-lhe	= ajunctar-lhe
" "	" 19 Louget	= Louyet
" "	" 28 as queiram	= os queiram
" "	" 29 farinhas, feijões	= farinhas de feijões
" "	" 34 toda leguminosa	= toda a legumina.
" "	" 35 da leguminosa	= da legumina

PHARMACIA.

Observações sobre o xarope de violetas; pelo Sr. Hurant Montillard, Pharmaceutico em Paris.

Preparação do xarope de violetas. — O completo esquecimento em que tem cahido em nossos dias o xarope de violetas, difficilmente deixaria acreditar o favor de que gozou antigamente. Por muito tempo este xarope foi muito usado (1), tambem a sua preparação; como a de todo o producto frequentemente usado, tem sido o objecto de numerosas observações e modificações mais ou menos importantes; Mas estas observações e modificações teem definitivamente conduzido ao modo operatorio o melhor e o mais racional que nós conhecemos; por outra, o processo seguido hoje dá um producto preferivel debaixo de todas as analogias ao que era feito até hoje? (2). Tal é a questão que vou examinar.

Não é somente como medicamento, mas egualmente como xarope agradável que o xarope de violetas tem sido e pode ainda ser empregado. E' mister pois collocar a preparação d'este xarope nas circumstancias as mais proprias para satisfazer estas duas condições. Virtude, côr, cheiro, taes são as tres qualidades essenciaes que se devem procurar, e pode dizer-se que este fim será tanto melhor alcançado, e todas as condições que as violetas sejam melhor esgottadas. O actual processo permite obter este resultado? As seguintes observações o farão conhecer.

Todos sabem que, quando se prepara o xarope de violetas pelo processo do Codex, o residuo da expressão conserva ainda uma certa côr azul, e um cheiro muito pro-

(1) Em certos paizes, na Italia por exemplo, o xarope de violetas é ainda d'um uso quasi geral; elle serve para adoçar as tisanas, e de correctivo para quasi todas as bebidas.

(2) Quero aqui fallar d'esses processos os mais bizarros, mais ou menos complicados, que os antigos tinham em uso, mas somente os seguidos haverá 50 ou 60 annos, e em particular do que se acha descripto em detalhe no *Traicté de Pharmacia de Baumé*.

nunciado; mas o que parece haver esquecido, reflexionando-se, é que se se lança sobre este residuo uma pequena quantidade d'agua fervendo, e que o contacto se prolonga algumas horas, a uma temperatura moderada depois de se ter espremido tudo, obtem-se um liquido de côr azul palida, dotado d'um cheiro excessivamente agradável, e as violetas ficam inteiramente descoradas. Debaiixo da referencia do cheiro, o primeiro infuso não pode sustentar a comparação com o segundo. Ora se nos recordarmos que os antigos auctores recommendavam manter o infuso a uma temperatura de 30 a 40°, não se pode desconcordar, segundo o que acabo de referir, que collocando-se nas condições as mais favoraveis para que o infuso se sobcarregue da côr, do cheiro, e das propriedades das violetas, e em seguida que o xarope por ellas obtido deve ser mais aromatico, mais corado, e mais activo, se assim me posso expressar, respeito ao xarope dito, como o que hoje preparamos. Para decidir comparativamente esta questão preparei o xarope de violetas pela simples infusão (processo do Codex), e pela infusão mantida a uma temperatura de 30 a 40°; e a superioridade d'este ultimo foi incontestavel.

Objectar-se-ha talvez que o xarope, assim preparado, deve alterar-se muito mais facilmente que o obtido pelo processo do Codex, em razão da maior proporção de principios mucilaginosos que deve conter. A isto responderei a citação d'um antigo auctor «que o xarope de violetas pode conservar-se sem alteração dous annos e mais.» Não é este o limite da conservação do nosso actual xarope?

Lavagem das violetas. — O Codex recommenda lavar estas flores com agua a 45° antes de fazer o infuso, que deve servir á preparação do xarope. Esta operação tem por fim, dizem, eliminar uma materia facilmente alteravel, verde, segundo certos auctores, e amarella segundo outros. As experiencias que tenho tentado para isolar esta materia, tendo sido infructuosas, fizeram-me duvidosa a sua existencia, e levaram-me a procurar uma outra ordem de factos para explicar a côr verde que possui o primeiro infuso de violetas. Pelos resultados que obtive creio poder

concluir que é á presença dos saes contidos nas aguas empregadas que é devida esta côr. Todavia, fazendo-se dous infusos comparativos, segundo o modo indicado no Codex; uma com agua distillada, e outra com agua ordinaria, observou-se que o infuso feito com agua distillada era d'uma côr azul pura, tanto que a preparada com agua ordinaria era verde. Pode renovar-se muitas vezes em seguida a mesma operação, que de cada vez se obterá o mesmo resultado; prevenindo, com tudo, que a côr do infuso não seja muito pronunciada. Por outra, se em cada um d'estes infusos se ajuncta agua distillada ha so uma simples mudança de côr, devida á maior diluição dos liquores; mas se pelo contrario se lança agua ordinaria, a côr do infuso feito com agua distillada passa immediatamente ao verde, e de tal maneira que não é possível distinguil-a do infuso preparado com agua simples. Quanto a esta ultima, ella conserva a sua côr primitiva.

Apoiando-nos sobre os factos que precedem, poderá crêr-se que a côr do xarope de violetas, preparado com agua distillada, deve ser muito mais bella, muito mais pura, que a do xarope feito com agua ordinaria. Todavia nada é a acção que os saes contidos n'esta agua exercem sobre a materia colorante das violetas, sendo muito mais fraca para influir d'uma maneira sensível sobre a intensidade d'esta côr.

O nosso honrado Collega, o Sr. Blondeau Pae, aconselhou crivar as petalas das violetas para as separar dos esporões e dos estames que podem vir misturados. E' uma excellente precaução a tomar; as violetas por mais escolhidas que sejam, sempre contem uma certa quantidade d'estes orgãos; mas devo dizer, que esta operação preliminar não tem influencia alguma sobre a côr verde do primeiro infuso que prescreve o Codex, côr somente devida, como acima fica referido, aos saes que a agua contém, e que servio a fazer este infuso.

Acção do estanho sobre a côr azul das violetas. — Em todo o tempo se reconheceu a necessidade, para obter um producto d'uma bella côr azul, de preparar o xarope de violetas em um vaso d'estanho. Todos os auctores são de

accôrdo sobre este ponto. ¿ Mas para que um vaso d'estanho, antes que um de louça, de porcellana, ou de vidro? ¿ Para que d'este ou d'aquelle metal? ¿ Que acção especial exerce este sobre a materia colorante das violetas? Tantas questões que ainda se não teem resolvido. Muitas hypotheses teem sido emittidas a este respeito, mas nenhuma d'ellas tem sido egualmente accepta.

Pela minha parte procurei tambem uma explicação a este phenomeno. Desejando apoiá-lo sobre os factos, empreendi algumas experiencias que julgo conveniente não fazer conhecer agora; mas cujos resultados me premettiram estabelecer, que o estanho obra sobre a materia azul das violetas, como sobre outras materias colorantes, combinando-se com ella para formar uma verdadeira *lacca*, e que é a esta combinação, a esta *lacca* que o xarope deve a intensidade da côr que toma em contacto com este metal.

Descoloração do xarope de violetas. — O xarope de violetas possui a propriedade singular de se descorar completamente em um lapso de tempo mais ou menos longo, sem perder por isso o principio, se me posso expressar assim, da sua côr. Todavia, se se tracta este xarope descorado, pelos acidos, pelos alcalis, e outros agentes chymicos, que teem sobre a materia colorante das violetas uma acção especial, elle se comporta absolutamente com estes diversos reactivos da mesma maneira que o xarope ordinario. De mais, elle pode ainda tornar por certos meios á sua côr primitiva. ¿ Que se passa n'este caso? ¿ Tem elle como com o indigo um exemplo ou phenomeno de redução, que torna incolor a côr azul das violetas, e o restabelecimento da côr normal do xarope, é devido a certos agentes oxydantes? ¿ Ou pelo contrario é a uma fixação do oxygenio que se deve attribuir a descoloração do xarope, e a uma redução na volta da côr azul? ¿ Ou ainda; como no acto da vegetação das violetas, segundo Vauquelin, formação d'um acido que descora o xarope, e recupera a côr azul em seu lugar? Não tendo tido á minha disposição este xarope descorado, não pude occupar-me de experiencias sobre este ponto; mas a seguinte observação, que me parece ter alguma analogia

com os phenomenos da coloração e descoloração de que acabo de fallar, poderá talvez mais tarde ajudar á expli-
cação do facto que nos occupa.

Se se faz macerar as petalas frescas das violetas em alcohol de 36°, vê-se que estas pouco e pouco se descoram, e finalmente se obtém uma *tinctora* d'uma ligeira côr de rosa. Todavia, apesar d'esta ausencia de côr, o alcohol não encerra menos materia colorante azul de violetas, porque todos os reactivos, que exercem sobre esta materia uma acção qualquer, reagem do mesmo modo sobre elle; e de mais, se se abandona á evaporação espontanea, seja ao ar livre, seja no vacuo, deixa de residuo uma substancia da mais bella côr azul, que não é outra coisa senão a mesma materia colorante. Muitas tentativas fiz para achar a causa d'este phenomeno, mas não tenho obtido resultado que tenha significação. Julguei por um momento que poderia alli haver uma deshydratação da materia azul, mas a experiencia não me confirmou esta maneira de pensar, tem acontecido o mesmo julgo eu aos que admittem que ha n'este facto redução ou oxydação d'esta mesma materia. Eu não sei se esta curiosa propriedade, propriamente pertence ao alcohol ou a qual outro corpo que a possa conter, não tendo podido julgar se estas pesquisas iriam tam longe como eu poderia desejar. Com tudo como espero mais tarde tornar a este estudo, se eu alcançar resultados que mereçam ser referidos, apressar-me-hei em os communicar á Sociedade.

(J. de Ph. et de Chimie.)

Centro de Documentação Farmacêutica

da Ordem dos Farmacêuticos

Formulario (c).

Limonada de tartarato de soda (DESIGNES).

Bicarbonato de soda.....	35 partes.
Acido tartarico	35 „
Agua.....	450 „
Xarope commum	50 „

(*) Continuação de pag. 343.

Misturam-se o bicarbonato, o acido, e a agua, e terminada a reacção filtra-se o liquido e aromatisa-se com 1 a 2 gottas de tinctura de zestes de limão.

Purgativo, de gosto amargo, pouco sensível, e de efeito certo.

Liquor de Koechlin (V. Mons).

Chlorureto de cobre.	4 partes.
Sal ammoniaco.	15 „
Agua.	150 „

No interior contra a epilepsia e a syphilis, no exterior em pranchetas nas ulceras venereas.

Loção prophylática da syphilis (LENGLEBERT).

Sabão molle de potassa com excesso de base.	40 partes.
Alcohol de 90°.	40 „
Dissolva, filtre, e ajuncte:	
Essencia de limão.	20 „

Basta, segundo o auctor, fomentar as partes contaminadas.

Opiata balsamica (GUERIN).

Copaiva.	200 partes.
Cêra branca.	50 „
Vinho tincto.	70 „
Sandalo rubro.	6 „
Essencia d'anís.	q. b.

Opiata balsamica contra as urethrites e as flores brancas (BODART).

Cêra branca.	280 partes.
Oleo de amendoas.	280 „
A' parte: dilua em uma terrina:	
Alumen.	32 „
Cubebas.	90 „
Copaiva.	656 „

Colloque a terrina sobre fogo brando, faça a mistura pouco a pouco, e lance, em quanto a mistura estiver

quente, o soluto de cêra, mexendo sempre. Ajunte depois do mesmo modo, e agitando sempre:

Terebinthina fina 90 gram.

Lance em ultimo logar:

Balsamo do Perú negro liquido 45 „

Oleo essencial d'anís 2 „

Misture e guarde.

Esta opiata, que se administra em tres porções por dia, de grandeza de uma avelã, involvida em hostea, não tem o aspecto nem o cheiro desagradavel das outras opiatas d'este genero.

Opiata dentrificica de carvão (BARBIER-BERGERON).

Carvão de salgueiro. 170 partes.

— animal lavado 100 „

Limão secco com duas cabeças de

cravo da India. 30 „

Alumen calcinado. 10 „

Carbonato de magnesia 10 „

Sulphato de quinina. 5 „

Balsamo do Perú. 5 „

Mel fino 170 „

F. S. A. uma mistura homogenea.

Opiata de Guerrero.

Salapo. 250 partes.

Jalapa. 125 „

Escamonea. 90 „

Calomelanos. 5 „

Mel. q. s.

Essencia de cravo da India. q. b.

Pilulas antiptisicas (LECOUPPEY).

Unguento napolitano. 1,0

Gema d'ovo. 0,4

Alcaçús q. b.

Faça 20 pilulas. Dose 1 a 2 por dia.

Pilulas d'oleo de cade (BAZIN).

Oleo de cade	3,00 gram.
Acido arsenioso	0,05 centigr.
Extracto de doce amarga	8,00

Mistura-se o extracto ao oleo, dissolve-se a quente o acido arsenioso em s. q. d'agua, reune-se tudo (ajuncta-se q. s. de excipiente) e divide-se em 80 pilulas.

Pilulas de proto-iodureto de ferro extemporaneas
(CHEVALLIER).

Iodureto de potassio	4,25
Sulphato de ferro	5,75
Mel branco e althea em po ãa	q. s.

Faça 75 pilulas. Cada uma contém 5 centigr. de proto-iodureto. Para se conservarem melhor pode-se envolvê-las em uma capa de balsamo de Tolú.

Pilulas de oxydo de prata (THWEATT).

Oxydo de prata	0,60
Opio em po	0,05

F. S. A. 12 pilulas. 1 de manhã e de tarde.

O Dr. Thweatt preconizou o oxydo de prata contra a metrorrhagia rebelde não inflammatoria. O Dr. Boinet verificou os seus bons resultados. — Obtem-se o oxydo de prata precipitando um soluto de azotato de prata pela potassa ou soda caustica.

Pilulas tonicis adstringentes.

Copaiva	10 partes.
Kino	5 „
Extracto de genciana	10 „
Sulphato de ferro	5 „
Excipiente	q. s.

Pomada antihemorroidal (FLEURY).

Ceroto simples	30 partes.
Extracto d'opio	1 „

Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Extracto de bella-dona 2 a 4 partes.

Uneta-se com esta pomada uma mecha de fios, introduz-se no recto onde se mantem por meio d'um tampão, ou d'uma ligadura. Renova-se todos os dias dando-lhe maior volume.

Pomada antipsorica (DELAHAYE).

Carbonato de potassa	30 partes.
Enxofre sublimado	60 "
Essencia d'alfazema	30 "
Oleo de macella	40 "

Pise o carbonato de potassa com o oleo de macella; ajunte o enxofre e depois a essencia.

Cinco a seis fricções bastam para fazer desaparecer inteiramente a sarna.

Pomada denominada Creme da Turquia (MARQUEZ).

Alvaiade	10 partes.
Talco	12 "
Pomada de pepinos	78 "
Essencia	q. s.

Para branquear a pelle.

Pomada epispastica com euphorbio (HAINAUT).

Euphorbio	25 partes.
Banha	500 "
Cêra amarella	50 "

Faça digerir por 2 horas a banha sobre o euphorbio, cõe e ajunte a cêra.

Pomada iodada (DUHAMEL).

Oleo iodado corado de Deschamps	30,0
Espermaceti	10,0
Balsamo do Perú	1,0
Essencia de bergamota	0,5
— de cidra	0,5

F. pomada a B. M. — Contém $\frac{1}{17}$ de iodo.

Poção chloroformica (BENNET).

Chloroformio	1,50
------------------------	------

Camphora	0,25
Ether	1,50
Tinctura de myrrha	1,50
Mucilagem de gomma arabica	8,00
Xarope de laranja	8,00
Agua camphorada	300,00

Uma colher d' hora a hora contra o tenesmo uterino.

Poção contra a gonorrhœa (MARQUEZ).

Copaiva	60 partes.
Balsamo de Fioraventi	15 "
Alcohol nitrico	15 "
Tinctura de cubebas	15 "
Xarope de ratanhia	60 "
— de cato	8 "
Laudano	5 "
Agua	205 "

Poção ferruginosa (Trousseau).

Tartarato ferrico potassico	8 partes.
Agua de canella	20 "
Agua distillada	100 "
Xarope de Tolú	30 "

Dose: 1 a 4 colheres por dia.

Poção hydragoga (Cruveillier).

Digitalis	1 parte.
Agua fervendo	250 "
Ether nitrico	2 "
Xarope das cinco raizes	30 "

F. infusão de digitalis na agua, cõe e ajunte as outras substancias.

Contra as infiltrações sorosas.

Po alcalino (Trousseau).

Magnesia calcinada	4 partes.
Bicarbonato de soda	6 "
Assucar	25 "

Divida em 12 papeis.

Tomam-se 3 por dia em uma pouca d'agua, contra a gastralgia, a dyspepsia, as nauseas. No fim de quatro dias substitue-se pela tisana de quassia amarga.

Po para meninos (Trousseau).

Subcarbonato de ferro.....	2 partes,
Olhos de escravelhos.....	4 „
Nitrato de bismutho.....	6 „
Assucar.....	6 „
Laudano de Sydenham.....	10 gottas.

Divida em 20 papeis, 2 por dia aos meninos anemicos, deteriorados pela diarrhea.

Liquor (ratafia) estomachico de Bossuet.

Macella.....	93
Tilia.....	93
Melissa.....	118
Chá pekao.....	118
— dos Pyrineos.....	118
Hortelã.....	118
Bardana.....	93
Hera terrestre.....	93
Verbena.....	31
Canella.....	46
Salva.....	31
Agua ardente.....	2400

Passados oito dias de maceração cõe e ajuncte:

Alcoholato de angelica, de cassis, e de junipero ãa..... 200

Distille 12 litros de liquido, e junctê-os ao xarope seguinte:

Agua.....	4000
— de rosas.....	6000
— de flor de laranjeira.....	2000
Assucar refinado.....	12000

Filtre e guarde em garrafas.

Xarope balsamico (ou terebinthinado).

Terebinthina de Veneza.....	166
-----------------------------	-----

Xarope simples 996

Essencia de terebinthina 1,25

Faça digerir por 24 horas a B. M. a terebinthina com o xarope, e ajunte a essencia. Catarrho chronico da bexiga e dos pulmões; suppurações internas.

Xarope da dentiçào (DUBARRY).

Açafrão 10

Vinho branco generoso 250

Mel 550

F. S. A. um xarope.

Emprega-se este xarope, que foi proposto para substituir o de Delabarre, em fricções, que se repetem 4 a 5 vezes por dia, sobre as gengives dos meninos durante a dentiçào.

Xarope para vinho de Champagne (MARQUEZ).

Vinho branco 1000

Assucar candi 1000

Cognac 200

Para 18 garrafas de vinho, que se satura de gaz em um aparelho proprio.

Xarope de iodureto d'amydo (MAGNES-LAHENS).

Iodureto d'amydo soluvel 25 partes.

Agua 325 „

Assucar 650 „

Dissolva a quente, em um balão, o iodureto na agua e ajunte o assucar. Este xarope contém 2 gram. e 5 de iodio por kilogram.

Como substituição do xarope de Quesneville, 1 a 3 colheres por dia.

Xarope de protonitrato de ferro (LIVERMORE).

Sulphato de ferro 250 partes.

Carbonato de soda 300 „

Assucar 600 „

Acido nitrico q. s.

Agua fervendo q. s.

Xarope simples q. s.

Dissolva o sulphato e carbonato cada um em 40 onças d'agua, filtre e ajuncte a cada soluto 60 gram. de xarope. Misture os solutos, deixe repousar, decante o liquido que sobrenada, e lave o precipitado, até que os liquidos não tenham sabor alcalino; reuna o precipitado sobre uma musselina fina, exprema-o para separar a maior quantidade possivel d'agua; deite-o em uma capsula de porcelana, e tracte-o gradualmente pelo acido azotico diluido até á dissolução, e mesmo ligeira acidez. Ajuncte o assucar ao soluto, aqueça a B. M. agitando com uma espatula de ferro, e cõe. Este xarope contém $\frac{1}{2}$ do seu peso de protónitrato de ferro

Tannato de chumbo.

Tannino 30 partes.

Sal de Saturno 29 „

Agua 500 „

Dissolva o tannino em metade da agua, e o sal na outra metade. Reuna os liquidos, deixe depositar o precipitado, filtre, lave-o, e seque-o. Secco, o tannato de chumbo é amarello-esverdeado, inodoro, e insolúvel.

Tinctura febrifuga de WARBERG.

Aloes hepatico 4,0

Raiz de zedoaria 4,0

— d'angelica 0,10

Camphora 0,10

Açafrão 0,15

Alcohol 100,00

Faça digerir, filtre e ajuncte a coadurá por 100 gram.

Sulphato de quinina 2,0

Dose: 20 grammas por dia.

Tinctura febrifuga do Hospital de Vienna.

Aloes 45,0

Camphora 6,0

Casca de laranja 250,0

Enula campana.....	250,0
Alcohol.....	7500,0
Faça digerir por 8 dias e ajunte ao liquido:	
Sulphato de quinina.....	125,0
Laudano.....	45,0
Alcohol.....	75,0
Filtre. Dose 8 gram. por dia.	

Topico (mistura) ferruginoso (Trousseau).

Sulphato de ferro.....	10 partes.
Tannino.....	2 „
Agua.....	60 „

O resultado d'esta mistura é o tannato de ferro. Emprega-se nas ulceras phagedenicis 2 ou 3 vezes por dia.

Vinho de colchico.

Bolbos de colchico em po.....	25 partes.
Vinho assucarado e alcoholizado ..	500 „
Macere por 1 dia, esprema, e filtre.	

Vinho estomachico.

Calamo aromatico.....	} ãa.... 25 partes.
Macella.....	
Zimbro.....	
Quassia.....	
Quina amarella.....	
Vinho alcoholizado e assucarado..	1500 „

Macere por 6 dias, cõe, e filtre. 30 gram. representam o macerado de 50 centigram. de cada uma das substancias que entram n'esta formula.

— *Sousa Telles, Junior.*

Sobre as tinturas alcoholicas; pelo Sr. G. F. Leroy, Pharmaceutico em Bruxellas.

O Sr. Leroy acaba d'offerecer á Academia de Medicina da Belgica, um trabalho interessante que vamos reproduzir.

Os medicamentos officinaes, durante a reposição ou conservação, ainda quando estão nas condições conve-

nientes, proprias para os preservar de toda a alteração, soffrem todavia modificações taes que se torna necessario proscreevel-os do uso da Pharmacia.

Geralmente consideramos os alcoholados ou tinturas alcoholicas, em razão da natureza do vehiculo que serve para os preparar, como os medicamentos officinaes mais estaveis. Tambem poucos Pharmacologistas se teem occupado das alterações que experimentam.

Entre os que hão tractado de similhante objecto, citei com particularidade: 1.º Baumé, que observou que a tinctura d'açafão depõe uma materia analoga ao alambre (*Eléments de Pharmacie*, segunda edição, 1769); 2.º Guibourt, que apresentou á Academia de Medicina de Paris considerações ácerca das mudanças de composição que experimenta a tinctura d'iodo desde a sua preparação (anno de 1846); 3.º Bastick, que desejando certificar-se da natureza das alterações a que estão sujeitos os preparados alcoholicos, poz diferentes tinturas, por espaço de muitos mezes, nas condições em que se acham em uma officina, isto é expostas a uma temperatura de 60 a 80º F., e em frascos não completamente cheios, renovando-lhes o ar em certos periodos. Examinando-os passado algum tempo, reconheceu que a maior parte tinham soffrido a fermentação acetica, em grau mais ou menos elevado, e que o alcohol se convertera gradualmente em acido acetico. As tinturas tinham em geral perdido a côr e sabor, e continham *um precipitado que era redissolovel em parte*, na proporção d'alcohol correspondente á que fôra decomposta.

(*Pharm. Journ. and transactions.*)

J. D. Corrêa.

da Ordem dos Farmacêuticos

CHYMICA.

Dos envenenamentos pelo acido arsenioso; pelo Sr. M. V. Regnault.

O envenenamento pelo acido arsenioso é quasi sempre mortal, quando houve o tempo necessario para o veneno

obrar, e se transmittir á circulação; mas se a propinação é recente, pode combatter-se eficazmente, fazendo em primeiro logar vomitar o doente, a fim de obrigar-o a lançar a maior parte da materia toxica, e em seguida tomar hydrato de peroxydo de ferro, ou antes a magnesia caustica em suspensão na agua. Estes oxydos, combinando-se com o acido arsenioso, formam arsenitos insoluveis, e paralysam assim os effeitos do veneno sobre a economia animal.

O hydrato de peroxydo de ferro deve ser preparado, lançando carbonato de potassa na dissolução quente do sal de peroxydo de ferro, e lavando bem o precipitado.

A magnesia caustica obtem-se calcinando, por meio d'um calor moderado, a magnesia branca dos pharmaceuticos, que é um hydrocarbonato de magnesia. Basta calcinar até que a materia produza apenas uma fraca effervescencia com os acidos; não devendo tambem aquecer-se muito a magnesia, pois que d'ahi resultaria combinar-se ella mais difficilmente com o acido arsenioso.

Este acido isolado é facil de reconhecer, pelos caracteres que o distinguem, e que passamos a descrever mais extensamente.

Uma pequena porção d'acido arsenioso deitada no carvão ardendo, desinvolve o cheiro pronunciado do alho; misturando-se porém, com o carvão em po, diminuta quantidade da materia pulverisada, introduzindo-se o misto em um pequeno tubo *a d*, tapado em uma das extremidades (fig. 1.),



e além d'isso alguns fragmentos de carvão; e aquecendo a uma alampada d'alcohol, em primeiro logar a parte do tubo que encerra os fragmentos de carvão, e depois gradualmente, de *b* até *a*, a extremidade do tubo que contém a materia suspeita; o acido arsenioso será decomposto pelo carvão, e o arsenico volatilizado virá condensar-se em *c*, sob a forma d'um anel metallico espe lhado, além da parte quente do tubo.

Sobre este pequeno anel se comprovam todos os cara-

cteres que distinguem o arsenico; e assim podêmos sublimar-o pelo calor d'uma parte do tubo para a outra; bem como transformal-o em acido arsenioso, por meio da combustão ao ar; para cujo fim se corta o tubo *a d* (fig. 1.) com uma lima ou pederneira, por detraz do deposito do arsenico, destacando-se a parte anterior *b d* d'este tubo, que se colloca em posição inclinada, conforme indica a fig. 2:



Fig. 2.

aquece-se depois á alampada d'alcool o deposito d'arsenico, que se oxyda pela corrente d'ar, e vem depositar-se no estado d'acido arsenioso, sob a forma d'um po branco, na parte mais elevada do tubo. Esta tenue quantidade d'acido arsenioso basta, para que se possam demonstrar ainda todas as propriedades que o distinguem; por exemplo: dissolve-se em uma gotta d'acido chlorhydrico diluido com agua, recolhe-se o dissoluto n'um tubo fechado n'uma das extremidades, junctando-se-lhe um soluto d'acido sulphydrico; forma-se então um precipitado flocozo d'um amarello-claro, d'acido sulpharsenioso ou ouro-pimenta; precipitado que é insolavel no acido chlorhydrico, e que ao contrario se dissolve facilmente na ammonia, e dá um dissoluto incoloro.

Pode-se tambem tractar, por um pouco d'acido azotico concentrado, o anel luzente d'arsenico ou o deposito d'acido arsenioso, que este haja produzido pela ustullação; lançar-se o dissoluto n'uma pequena capsula de porcellana, e evaporar o liquido com precaução até á seccura; depois deitar na capsula pequena quantidade de dissoluto assaz neutro d'azotato de prata, que se transforma em *precipitado cor de tijolo* d'arseniato de prata; tornando-se muito essencial, que os liquidos sejam inteiramente neutros, porque o arseniato de prata dissolve-se em um excess o d'acido. Este arseniato, aquecido no pequeno tubo (fig. 1.), produzirá um anel brilhante d'arsenico.

Em fim pode-se transformar o acido arsenioso em hydrogenio arsenicado, e verificar tambem as propriedades d'este gaz. Similhante operação é por extremo importante, e

exige o conveniente desinvolvimento, porque não so offerece caracteres preciosos para reconhecer o arsenico, mas permite separar facilmente a diminuta quantidade d'acido arsenioso, que existe nas massas consideraveis do liquido.

Suppunhâmos um apparelho (fig. 3.), destinado a dar



Fig. 3.

sahida ao gaz hydrogenio. Na tubuladura central do frasco achase mettido um tubo recto, de oito a dez millimetros de diametro interior, que serve de tubo de segurança, e pelo qual se introduzem successivamente os liquidos no frasco; e na segunda tubuladura adapta-se um tubo curvo mais

estreito e agudo na extremidade: collocam-se no frasco algumas laminas de zinco puro, depois ajuncta-se certa quantidade d'agua, e bem assim d'acido sulphurico puro, de maneira que se consiga o desinvolvimento do gaz hydrogenio; e logo que o ar haja sido completamente expellido do apparelho, accende-se o gaz na extremidade *b* do tubo curvo. A chamma apresenta os caracteres ordinarios do hydrogenio puro em combustão, é pouco brilhante, e chegando-se-lhe um corpo frio, por exemplo uma capsula de porcellana, n'elle apenas se depositam algumas gottas d'agua: se então se introduz pelo tubo recto o dissoluto d'acido arsenioso, a apparencia da chamma muda ao cabo d'alguns instantes, tomando uma cor livida, e lançando fumo branco d'acido arsenioso. Este acido decompõe-se em presença do zinco, da agua, e do acido sulphurico; seu oxygenio é attrahido sobre o zinco, e o arsenico se combina com uma porção do hydrogenio recente, formando o hydrogenio arsenicado. O hydrogenio, que arde na extremidade do tubo, é então o hydrogenio arsenicado, que produz pela combustão exhalações d'acido arsenioso.

Quando a porção d'este acido, que foi introduzido no frasco, é um pouco consideravel, a alteração da chamma

tão pronunciada se apresenta, que immediatamente se reconhece a presença do arsenico ; além d'isso pode-se metter a extremidade *b* do tubo d'evolução *a b* em um tubo mais largo, aberto nas duas extremidades, que se conserva inclinado ; e então uma parte do acido arsenioso, produzido pela combustão, se deposita nas paredes d'este tubo, e este deposito pode submeter-se ás provas acima descriptas. Se porém a quantidade do acido arsenioso ou do arsenico é diminuta, a mudança da apparencia da chamma é quasi insensivel, em virtude de ter o acido arsenioso, produzido pela combustão, sido por ventura arrastado completamente pela corrente gazosa ; e n'este caso recorre-se a outro caracteristico, que permite reconhecer e mesmo isolar as menores quantidades d'arsenico.

O hydrogenio arsenicado é formado de dous elementos mui differentemente combustiveis ; o hydrogenio tem mais affinidade para o oxygenio que o arsenico ; d'onde vem que, se o gaz arde em quantidade insufficiente d'oxygenio, o arsenico não poderá oxydar-se senão depois que estiver queimado todo o hydrogenio ; e como além d'isso o hydrogenio arsenicado se decompõe facilmente pelo calor, depositar-se-ha o arsenico proveniente ja da decomposição do hydrogenio arsenicado pelo calor, ja da sua combustão parcial.

Estas circumstancias acham-se perfeitamente verificadas em certos pontos da chamma, que sahe da extremidade do tubo *a b* (fig. 3.). E com effeito, se examinarmos com



Fig. 4.

atención esta chamma, encontrar-lhe-hemos quasi o aspecto da fig. 4: compõe se ella d'uma parte interior *o a' b' c'* obscura, e d'outra exterior luminosa *o a' b c*, em que

a temperatura é muito elevada, e cujo maximo se desinvolve no apice da chamma proximo da extremidade da parte obscura. Reconhecem-se facilmente estas duas partes da chamma e suas dimensões respectivas, cortando-a em

diferentes pontos por uma lamina de vidro, e olhando por detraz.

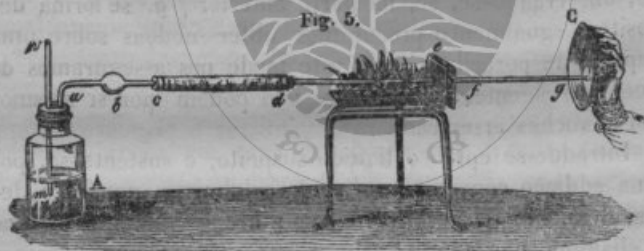
Na superficie externa, luminosa, a combustão é completa, pela presença do ar em excesso, mas não assim nas camadas vizinhas do espaço interior obscuro, porque não ha alli bastante oxygenio; n'este espaço finalmente não ha combustão, porém em certas partes proximas ao plano xz a temperatura será excessivamente elevada para que o hydrogenio arsenicado se decomponha em hydrogenio e arsenico. Se a chamma se deixa livre, o arsenico vem queimar-se perto da extremidade, e a final desinvolve-se no estado d'acido arsenioso; mas se, pelo contrario, se corta em xz com um corpo frio, por exemplo um pedaço de porcellana, n'ella se deposita o arsenico metallico, e forma uã mancha d'um brilho metallico, se for sufficientemente espessa; e fazendo cahir assim successivamente a chamma sobre os diversos pontos da porcellana, pode esta cobrir-se de nodos arsenicaes, e recolher-se uma quantidade d'arsenico, sufficiente para comprovar os caracteristicos d'este corpo.

O aparelho que acabamos de descrever, chama-se *aparelho de Marsh*, nome do Chymico Inglez, que pela primeira vez o propoz, para demonstrar a presença do arsenico nas analyses de Medicina-legal.

E' claro que, por esta maneira d'operar, apenas se condensa parte do arsenico, e quando este corpo se acha em pequenas quantidades as manchas não teem espessura sufficiente para apresentar o brilho metallico, antes ficam escuras; e posto que um Chymico exercitado não possa enganar-se, principalmente se submette estas manchas a experiencias appropriadas, é todavia para receiar que em mãos menos habéis deem ellas logar a erros.

Podem com effeito produzir-se nodos na porcellana, mesmo quando o gaz não contém o menor vestigio d'arsenico; facilmente porém nos convenceremos se ellas são arsenicaes, submettendo-as aos convenientes ensaios chymicos: assim pois se obteem manchas sobre a porcellana, quando o liquido do frasco é viscoso, ou porque con-

tém muito sulphato de zinco, ou materias organicas em dissolução. As bolhas do gaz, dissipando-se, projectam uma infinidade de pequenos globulos de liquido, dos quaes os mais ligeiros podem elevar-se até á chamma, onde o sal de zinco, assim como as materias organicas decompostas parcialmente, formam na porcellana manchas escuras d'oxysulphureto de zinco, ou somente de carvão; mas este inconveniente evita-se, fazendo passar o gaz a travez d'um tubo cheio de algodão, ou melhor d'amianto, collocado antes da extremidade delgada do tubo onde o mesmo gaz se inflamma. E' todavia preferivel em todo o caso decompôr o hydrogenio arsenicado, que acompanha o hydrogenio no aparelho de Marsh, fazendo atravessar um tubo de pequeno diametro, que se põe em braza no comprimento de quasi um decimetro: o arsenico vem então depositar-se, sob a forma d'um pequeno anel brilhante, a curta distancia adiante da parte aquecida, e d'este modo se resume elle a uma superficie limitada.



Centro de Documentação Farmacêutica

A fig. 5. apresenta a posição que mais convém dar ao aparelho. A é o frasco em que se desinvolve o gaz hydrogenio; deve ser de pequena dimensão, uma vez que não haja grande quantidade de liquido a introduzir-lhe; mas importa que tenha a necessaria capacidade, para conter o liquido a ensaiar, além d'um espaço de quasi a quinta parte da sua capacidade total. Collocam-se algumas laminas de zinco com agua n'este frasco, que é fechado com uma rolha com dous orificios: fixa-se em um d'elles o tubo m n de quasi um centimetro de diametro, que ser-

ve para introduzir o liquido, do qual se mergulha pequena parte na agua; e no outro o tubo curvo *a b c* que tem uma capacidade espherica em *b*, na qual se condensa a maior porção da agua arrastada pela corrente gazona. Um tubo de vidro *c d*, cheio d'amianto, retém as particulas da dissolução levadas tambem por essa corrente: e em fim um tubo estreito *d f g*, de tres a quatro decimetros de comprimento, e pontagudo na extremidade *g*, termina o apparelho.

Começa-se por produzir desinvolvimento de gaz hydrogenio, para expellir o ar do apparelho; depois aquece-se o tubo *d g*, no comprimento de quasi um decimetro, sobre uma grelha. Convém que o tubo seja de vidro pouco fusivel, do contrario é preciso cingil-o d'uma folha metallica, para evitar que se deforme muito pelo calor. Um pára-fogo *e* preserva do calor a parte *f g* do tubo. Accende-se tambem o gaz no orificio *g*; e assim se continua o desinvolvimento do gaz hydrogenio por algum tempo, observando-se, se, na parte anterior *f g*, se forma deposito: igualmente procuramos obter nodoas sobre uma capsula de porcellana, e d'este modo nos asseguramos de que os reagentes empregados não podem por si mesmos dar manchas arsenicaes.

Introduz-se então o liquido suspeito, e sustenta-se, por uma addição conveniente d'acido sulphurico, um fraco desinvolvimento de gaz hydrogenio; desinvolvimento tal que a chamma não adquira comprimento maior que de cinco a seis millimetros. A maxima parte do arsenico deposita-se em *f* a curta distancia além do pára-fogo: comtudo ha ali quasi sempre uma diminuta quantidade de hydrogenio arsenicado, que escapa á decomposição, e que vem inflammarse na chamma; devendo por isso recolher-se nas capsulas uma porção de arsenico sob a forma de manchas, que mais tarde podem servir de demonstrar algumas das diferentes reacções caracteristicas do arsenico.

Se o liquido continha antimonio, obter-se-hia ainda um anel espelhado metallico no tubo *f g* (fig. 5.); mas este deposito metallico distinguir-se-hia do que produz o

arsenico, por não ser volatil, e por outros caracteres que explicaremos quando tractarmos do antimonio.

Os methodos, que acabamos de descrever, são facéis de executar; permitem reconhecer com certeza as mais pequenas quantidades d'arsenico, uma vez que este corpo exista no estado d'acido arsenioso, acido arsenico, ou mesmo de sulphureto, porque não é difficil transformar este em acido arsenico pelo acido azotico.

Mas o problema torna-se menos simples, quando temos de reconhecer a presença de pequena quantidade d'arsenico no meio de massas consideraveis de materias organicas, como acontece as mais das vezes nos casos d'envenenamento; e por consequencia passaremos a expôr succinatamente a marcha que então convém seguir.

Se ainda existe uma parte dos alimentos, que se supõem ter produzido o envenenamento, é preciso averiguar se no fundo dos vasos se formou um deposito d'acido arsenioso em po branco, que immediatamente se poderá reconhecer pelas reacções que acima apontámos; fazendo-se egual exame sobre as materias vomitadas.

Se estas indagações são infructuosas, espremem-se os alimentos ou as materias vomitadas em um panno branco muito limpo, previamente lavado na agua distillada; dividem-se assim em uma porção liquida e outra solida, que primeiramente se tractam em separado, para depois se reunirem. Os liquidos são reunidos e evaporados em uma capsula de porcellana; e como conteem, a maior parte das vezes, materias organicas em dissolução, tornam-se de ordinario muito viscosos, para se poderem introduzir directamente no apparelho de Marsh; produziriam entam muita escuma, o que tornaria difficil conduzir convenientemente a experiencia: acrescendo que a presença de materias organicas altera notavelmente as reacções proprias para fazer reconhecer o arsenico. E' preciso pois começar por destruir a materia organica; o que melhor se conseguirá concentrando muito os liquidos, ajunctando-lhes uma quantidade d'acido sulphurico proporcionada á da materia organica, que se suppoê existir em dissolução;

depois evapora-se para expellir o acido sulphurico: destruida a materia organica, fica ella sob a forma d'um carvão esponjoso, que se humedece com acido azotico concentrado, e se aquece de novo para expulsar este acido, o qual desinvolve vapores rutilantes em abundancia. Se o arsenico existe, transforma-se assim em acido arsenico, que mui facilmente se dissolve na agua: tracta-se o residuo por uma pequena quantidade d'agua distillada fervendo, e se filtra, obtendo-se ordinariamente, se a carbonisação tem sido bem feita, um liquido incoloro ou mui pouco corado, que é assás fluido, e se deixa tractar facilmente no apparelho de Marsh.

As materias solidas, que ficaram no panno, devem ser carbonisadas pelo acido sulphurico; e para este fim se humedecem com perto da quinta parte de seu peso d'acido sulphurico concentrado, e se aquecem: d'este modo torna-se liquida toda a materia, expelle-se o acido sulphurico pelo calor, humedece-se o carvão com acido azotico, que se evapora; e finalmente tracta-se ainda pela agua distillada fervendo, resultando pela filtração um liquido limpido, que apresenta a mesma apparencia que o proveniente do tractamento da parte liquida. Reunem-se os dous liquidos e se tractam junctamente no apparelho de Marsh.

Quando o acido arsenioso existe em quantidade consideravel nas materias sujeitas ao ensaio, pode operar-se a carbonisação das materias pelo acido sulphurico, e evaporações successivas nas capsulas de porcellana; mas se a proporção do veneno é pequena, ha sempre a receiar que uma porção notavel d'acido arsenioso, que seremos obrigados a empregar para expellir o acido sulphurico a temperatura elevada, se desinvolva. Este inconveniente é sobretudo para temer, quando as materias encerram muitos chloruretos, porque pode-se formar o d'arsenico, que é muito volatil; convido por consequencia mais fazer em todo o caso a carbonisação em retorta de vidro com recipiente, cujas paredes estejam refrigeradas, porque então os liquidos distillados condensam-se no recipiente, e

pode-se averiguar depois se essas matérias contem arsenico.

Se o Practico é chamado a conhecer d'um envenenamento depois da morte, deverá proceder ás indagações que acabamos de indicar sobre as materias que se houverem extrahido do estomago após a autopsia, e sobre a urina contida na bexiga; mas se tiver que fazer esse exame, longo tempo depois do finamento da victima, e sobre um cadaver que tocara uma decomposição mais ou menos avançada, n'este caso deverá operar sobre o que resta do estomago, sobre as visceras, taes como o coração, baço, &c., nas quaes principalmente se faz a absorpção do veneno, carbonisando-as da mesma maneira pelo acido sulphurico n'uma retorta de vidro, depois d'havel-as cortado em pequenos pedaços.

Podem-se igualmente decompór as materias animaes, suspendendo-as na agua, depois de tel-as cortado miudamente, e triturado n'um almofariz, fazendo passar a travez do liquido uma corrente de chloro, até que a materia organica se haja depositado sob a forma de frocos incoloros; estando além d'isso o liquido saturado de chloro; tapa-se depois o frasco, e se abandona o liquido por espaço de doze horas, devendo ainda no fim d'este tempo cheirar fortemente ao chloro; filtra-se então, e se concentra em uma retorta com recipiente. A pequena quantidade de liquido concentrado que resta na retorta, é tractado no apparelho de Marsh; e se ha logar examina-se depois o liquido condensado no recipiente, para se reconhecer se encerra arsenico.

E' claro que todos os reagentes chymicos, empregados n'estas operações successivas, deverão ser puros, e serão *ensaiados previamente* com o mais escrupuloso cuidado, a fim de nos convencermos de que não contem o minimo vestigio d'arsenico; e so então poderá o Practico depositar inteira confiança no resultado de suas indagações, se com tudo ellas teem sido executadas d'um modo conveniente. Mas como é essencial que esta confiança seja partilhada pelos Juizes, e que não possa restar duvida algu-

ma sobre o resultado da analyse, se esta conclue pela presença do arsenico; convém que, parallelamente ás operações verdadeiras, o Practico execute operações em tudo semelhantes, com os *mesmos* reagentes, empregados na *mesma* quantidade, e nos apparatus *exactamente* semelhantes. Deverá por tanto enviar ao Tribunal o tubo *d f g* (fig. 5) do apparelho de Marsh, e o tubo analogo do segundo apparelho de Marsh, tractado o resultado das operações sobre as materias suspeitas, e o das operações *sobre os reagentes unicamente*, assim como as capsulas sobre que tem procurado obter as nodoas. A comparação d'estes resultados não poderá então deixar duvida no espirito de pessoa alguma (*).

J. D. Corrêa.



Synopse das observações meteorologicas do mez de Novembro de 1852, feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa; pelo Demonstrador de Medicina, e Membro Beneficito, o Sr. Dr. Cactano Maria Ferreira da Silva Belção.

Temperatura media da atmosphaera	13°,5 R.
„ maxima „	16
„ minima „	10
Maxima variação diurna de temperatura	2,5 mil.
Pressão media da atmosphaera	755,30
„ maxima „	769,61
„ minima „	736,59
Ventos reinantes durante o mez	N. NO. e S. pol. tinh
Altura da agua no pluviometro	5,3
Dia mais chuvoso do mez (12)	1,8
Grau medio d'humidade no hygrometro	—1°,5

(*) Veja-se mais detalhadamente o Relatorio feito á Academia das Sciencias de Paris, ácerca das indagações do arsenico nos casos de envenenamento. *Comptes rendus de l'Académie des Sciences*, tome XII., page 1076.

Observações.

A excessiva quantidade d'agua, que choveu n'este mez, e a minima pressão atmospherica que o barometro representou, são as duas feições caracteristicas e muito notaveis da nossa taboa synoptica.

A somma da altura da agua da chuva nos mezes correspondentes de 1847 a 1851 é de 5^{pol.}, 5^{linh.} em quanto que no mez actual essa somma é representada por 5^{pol.} 3^{linh.}, quasi igual á d'aquelles cinco mezes todos junctos; a saber:

Novembro de 1847	somma da altura da agua no pluviom.	p. l. 1,1
„ de 1848	2,2
„ de 1849	1,4
„ de 1850	0,10
„ de 1851	0,0
		<hr/> 5,5

A pressão barometrica minima foi representada em

Novembro de 1847	por	mil. 751,83
„ de 1848	por	746,75
„ de 1849	por	739,13
„ de 1850	por	754,37
„ de 1851	por	756,91
„ de 1852	por	736,59

E' verdade que n'alguns annos a pressão barometrica minima tem sido menor do que esta; mas isso apenas costuma verificar-se em Fevereiro ou Março, mas nunca em Novembro.

Que importancia terão tido estas condições da circumfusa sobre o estado de salubridade de Lisboa, especialmente com referencia á pressão atmospherica? O que eu posso assegurar é que ha longo tempo não tenho observado, e não me tem constado de tantas apoplexias, e de tantos casos d'hemorrhagias diversas, como n'este mez: ainda notarei mais, que n'aquelles dias, em que o baro-

metro desceu rapidamente, tambem foi n'esses que se verificaram mais casos das molestias supradictas. Os factos que eu tenho colligido durante todo o anno, e que tenho sempre referido com fidelidade n'este Jornal, poderão talvez servir um dia para explicar a causa da frequencia espantosa d'estas molestias em Lisboa, especialmente em certos periodos do anno, que são justamente aquelles, em que taes variações barometricas são mais rapidas e mais sensiveis.

Com tudo a par d'isto devo declarar que as pneumonias, as bronchites, e os pleurizes tão proprios d'esta quadra, não teem por ora apparecido com aquella frequencia com que appareceram no anno passado, e com que geralmente costumam apparecer n'este periodo de todos os annos anteriores. A temperatura tambem tem sido, geralmente fallando, agradavel, excepto alguns dias do principio do actual mez de Dezembro, e a humidade da atmosphera menos sensivel do que o costuma ser em eguaes mezes nos outros annos; e nós podemos asseverar que a temperatura e a humidade são para as phlegmasias das membranas mucosas e serosas thoracicas, o que a pressão atmospherica é para as hemorrhagias.

E' porém para notar que o numero dos doentes actualmente existentes nas salas de medicina do Hospital de S. José é maior do que costumava ser n'este mez nos outros annos.

No Hospital de S. Lazaro tem sido frequentes as erisipelas, especialmente de face. Vae-se desvanecendo a crença, em que se estava, de que aquelles doentes elephantiacos, que tinham feito uso dos preparados d'assacú, eram menos sujeitos depois do uso d'aquella substancia, do que d'antes, ás erisipelas; por quanto a minha observação d'estes dous annos tem-me demonstrado que tão frequentes são as erisipelas nos doentes que teem feito uso do assacú, como n'aquelles que nunca o usaram.

Casa no Largo do Caldas, no 1.º de Dezembro de 1852.

PEÇAS OFFICIAES.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 450, de 28 de Outubro de 1852.

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

Pelas 6 horas e meia da noite foi aberta a Sessão, lida e approvada a acta da antecedente.

O Sr. 1.º Secretario deu conta da correspondencia, e entre outros assumptos mencionou:

1.º Um officio do nosso Delegado no Porto, o Sr. A. S. Dias, participando o fallecimento do nosso Consocio Honorario o Ex.º Sr. Dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto; e que, junctamente com os 1.º e 2.º Sub-Delegados na mesma Cidade, o foram acompanhar até á sepultura. — A Sociedade recebeu com profundo sentimento esta triste noticia.

2.º Uma participação de haver fallecido o nosso Consocio de Cintra, o Sr. Francisco Martins Coelho. — A Sociedade recebeu com grande sentimento esta noticia.

3.º Outro officio do Sr. Delegado da 2.ª Vara, pedindo á Sociedade lhe seja indicado o dia para assistir á analyse dos intestinos do Sr. Marquez da Cunha; e bem assim solicitando da mesma, para que se incumba de outra analyse chymico-legal. — A Sociedade assentiu a estes pedidos.

O Sr. J. A. Rodrigues propoz que fosse nomeada uma Commissão especial, de que fizesse parte o Sr. Thesoureiro, com o fim de propôr os meios mais convenientes para que os trabalhos chymicos da Sociedade se façam com a possivel promptidão. — A Sociedade approvou esta proposta, e ficaram pertencendo a esta Commissão os Srs., J. A. Rodrigues, A. A. R. Oliveira, e A. Carvalho Senior.

Em seguida entrou em discussão o quesito « Será conveniente solicitar do Governo a fixação do numero de boticas em relação á população? »

O Sr. Telles Junior fallou extensamente sobre este assumpto, mostrando as inconveniencias de tal petição, e os graves embaraços que de tal medida deviam provir; e requereu o adiamento indefinido.

O Sr. J. D. Corrêa pediu licença para dizer o que se passava em algumas Nações ácerca da fixação do numero de boticas; mostrou quaes eram os inconvenientes que de semelhante disposição teriam de apparecer no nosso Paiz e em prejuizo publico; expoz a grande desigualdade que haveria, se por ventura a um dos ramos da Arte de Curar se coarctasse o direito, aos outros concedido pelas Leis, de se estabelecer em qualquer parte do Reino e seus Domínios; e terminou por fazer vêr que o unico meio de reduzir o actual numero de pharmacias, era sem duvida o melhoramento dos estudos, e exigirem-se aos Aspirantes mais algumas habilitações para se lhes conceder o Diploma de Pharmaceutico, respeitando-se os direitos adquiridos.

O Sr. Telles Senior disse que sendo esta uma das questões mais importantes do Fóro Pharmaceutico, seria de muita utilidade ouvir-se uma Commissão.

O Sr. Presidente poz a votação as opiniões emittidas pelos Srs. Telles, e a Sociedade approvou o adiamento indefinido requerido pelo Sr. Telles Junior.

A's 8 horas e meia fechou-se a Sessão.

Acta n.º 451, de 25 de Novembro de 1852.

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

Abriu-se a Sessão pelas 6 horas da noite, foi lida e approvada a acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. L. V. Fortuna, de Mathosinhos, enviou algumas considerações ácerca da reforma dos estudos pharmaceuticos. — Foram remettidas á Commissão competente.

O Sr. 1.º Secretario deu parte do fallecimento do nosso Consocio, o Sr. Antonio José Gama, d'Alcacer do Sal.

— A Sociedade recebeu com grande sentimento esta noticia.

O 2.º Secretario fez a leitura da acta da sessão do Conselho Administrativo.

O Sr. J. A. Rodrigues, como Director da Comissão de Chymica, apresentou o Parecer ácerca da analyse chymico-toxicologica, a que procedeu sobre o estomago e liquidos vomitados de Antonio Jacintho, fallecido na Ribeira Grande, na Ilha de S. Miguel; concluindo-se, da referida analyse, não existir substancia alguma toxica.

O mesmo Sr. apresentou o Parecer da Commissão especial encarregada de propôr os meios mais convenientes para que os trabalhos chymicos da Sociedade se façam com a possivel promptidão.

O Sr. J. D. Corrêa apresentou o Parecer d'uma Commissão, de que tinha sido Director, relativamente á projectada compra de um edificio para a Sociedade, e que ficara adiado em 1846.

Foi discutido e approvedo, depois de alguma discussão, o Parecer da Commissão especial apresentado hoje pelo Sr. J. A. Rodrigues.

Teve segunda leitura o Parecer da Commissão de Chymica hoje apresentado; o qual foi em seguida discutido e approvedo.

O Sr. J. D. Corrêa requereu que se tractasse do Projecto de Reforma dos Estudós Pharmaceuticos; pois que alguns Consocios das Provincias se lhe tem dirigido a este respeito.

O Sr. 1.º Secretario informou o Socio de que os muitos affazeres dos Membros da Commissão, era a causa d'esta delonga; mas que esperava fosse apresentado com toda a brevidade.

O Sr. Presidente levantou a Sessão ás 8 horas.

Manuel Vicente de Jesus,

2.º Secretario.

Lista dos Senhores Collaboradores d'este Tomo.

Antonio de Carvalho.	Lisboa.
Antonio d'Oliveira Moraes.	Ilha de S. Miguel.
Bernardino Antonio Gomes (Dr.).	Lisboa.
Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão (Dr.).	Idem.
Carlos Eugenio Corrêa.	Idem.
Carlos Maria Monteiro Freire.	Bucellas.
Commissão de Chymica.	
Commissão especial encarregada de apresentar um juizo critico sobre a Memoria « Anesthe- sia Cirurgica do Sr. J. F. Pereira. »	
Commissão especial encarregada de apresentar o seu parecer acerca da molestia das uvas.	
Commissão d'Historia Natural.	
Commissão de Pharmacia.	
Eugenio Marchand.	Fécamp.
Francisco Antonio Pereira da Costa (Dr.).	Lisboa.
Francisco Bernardo Pimentel.	Rebordello.
Francisco Bernardo dos Santos.	Porto.
Francisco José da Cunha Vianna (Dr.).	Lisboa.
Francisco José Rodrigues Loureiro.	Idem.
Henrique José de Sousa Telles.	Idem.
João Agustinho Ferreira Chaves.	Faro.
João José de Sousa Telles.	Lisboa.
João Quintino d'Avellar.	Idem.
José Alexandre Rodrigues.	Idem.
José Antonio d'Araujo.	Lamego.
José Dionysio Corrêa.	Lisboa.
José Joaquim da Silva Pereira Caldas (Dr.).	Braga.
José Lino Baptista da Costa,	Oliveira de Frades.
José Silverio Rodrigues Cardoso.	Mirandella.
José Tedeschi.	Lisboa.
Julio Maximo d'Oliveira Pimentel.	Idem.
Lazaro Joaquim de Sousa Pereira.	Ilha de S. Thomé.
Manuel Emilio Gomes da Costa.	S. Romão d'Ucha.
Manuel Vicente de Jesus.	Lisboa.

Pedro José da Silva.
Vicente Tedeschi.

Lisboa.
Idem.

Lista dos Senhores Subscriptores d'este Tomo.

Ambrosio Faustino Andrade.	Porto.
Anacleto Antonio Rodrigues d'Oliveira.	Lisboa.
Anacleto José d'Oliveira.	Porto.
Antonio José Teixeira Lemos.	Idem.
Botica do Hospital de	Leiria.
Calisto Gaudencio Feio.	Lisboa.
Casimiro Antonio Barbosa.	Porto.
Constantino de Mello Pereira.	Lisboa.
Custodio Lopes Vieira.	Cintra.
Cypriano de Sousa.	Méda.
Eschola Medico-Cirurgica de	Lisboa.
Eschola Medico-Cirurgica do	Porto.
Florencio Peres Furtado Galvão (Dr.).	Coimbra.
Francisco Taybner de Moraes.	Marinha Grande.
Guilherme Antonio de Lima Monteiro.	Ilha Terceira.
Joanna (D.) Candida de Gouvêa.	Villa-Nova d'Ourem.
João Alves Ferreira Leite.	S. Martinho de Silveiras.
João Augusto da Cunha.	S. João de Ribeira.
João José de Sousa.	Chaves.
João Rodrigues Pereira Peixoto.	Porto.
Joaquim Antonio Corrêa.	Lagôa.
Joaquim Pedro d'Abranches Bizarro (Dr.).	Lisboa.
José Baptista Pereira Galvão.	Carvalhido.
José Dionysio Corrêa.	Lisboa.
José Joaquim Brochado Caldas.	Porto.
José Romão Rodrigues Nilo (Dr.).	Lisboa.
Manuel Claudio da Conceição Martins Fausto.	Alcaçovas.
Manuel Lopes Pereira da Silva.	Porto.
Manuel da Rocha Oliveira Neves.	Escaris.
Mathias Albino da Costa Freitas.	Guimarães.
Pedro Antonio Soares Velloso (Dr.).	Porto.

Prudencio José Rodrigues.
Sebastião José Ferreira & Filho.

Thomar.
Porto.

ERRATAS MAIS NOTAVEIS

D'ESTE TOMO.

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
122	2	curas	puras
247	20	<i>José Antonio Lopes</i>	<i>José Maria Rebocho</i>
269	13	aproveitam com tudo	mal aproveitam com tudo
293	31	17 de Agosto	27 de Agosto
356	22	de uma côr	dê uma côr
357	13	esta dos seres	escala dos seres
„	35	Dupui	Dapuy
358	1	ajunctando-lhe	ajunctar-lhe
„	19	Louget	Louyet
„	27	as queiram	os queiram
„	28	<i>farinhas, feijões</i>	<i>farinhas de feijões</i>
„	33	toda leguminosa	toda a legumina
„	34	da leguminosa	da legumina

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

INDICE ALPHABETICO

DAS MATERIAS CONTIDAS N'ESTE TOMO.

Abastecimento de aguas potaveis em Lishoa.	370
Abusos de Policia Pharmaceutica.	31, 162 e 188
Açafrão de Marte.	142
Acção da albumina sobre o acido arsenioso.	156
Acido arsenioso (acção da albumina sobre o).	156
— arsenioso no tractamento das intermittentes.	296
— arsenioso (emprego do) no tractamento das intermittentes; pelo Sr. J. J. Sousa Teles.	313
— arsenioso (dos envenenamentos pelo); pelo Sr. M. V. Regnault.	381
— estearico na cêra (determinação do).	157
— particular do pulmão.	156
— racemico (premio proposto sobre o).	61
— salicyloso.	311
— tartarico (emprego do) para tornar soluvel o sulphato de quinina.	133
Acta da Sessão Solemne Anniversaria da Sociedade, de 24 de Julho de 1852.	231
Actas (extracto das) das Sessões Litterarias da Sociedade, desde 11 de Dezembro de 1851 até 25 de Novembro de 1852.	30, 67, 96, 130, 160, 192, 225, 263, 297, 331, 364 e 395
Agradecimento do Pharmaceutico J. D. Corrêa.	366
Agua-ardente remettida de Faro (analyse chymica da).	174
Agua distillada de folhas de loureiro-cerejo.	360
— d'Hébé contra as sardas.	341
— hemostatica (formula da) de Pagliari.	306
— inodora desinfectante; pelos Srs. Rafand e Leobyen.	341
— mineral de S. João do Deserto, em Aljustrel (memoria e estudo chymico da); pelo Sr. J. M. O. Pimentel.	102

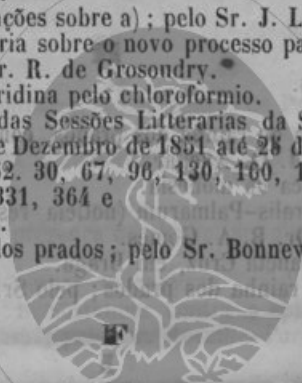
Aguas medicinaes da Galliza (indicação succinta das); pelo Sr. Dr. J. J. S. P. Caldas.	303
— mineraes do Reino.	102 e 267
— minero-medicinaes.	64
— potaveis do Reino.	12, 177, 267 e 350
— sulphurosas.	294
Albumina (acção da) sobre o acido arsenioso.	156
Alcalimetria (da), ou dos meios proprios para reconhecer o grau de riqueza em alcali puro nas potasas, sodas, lixivias, cinzas, e em geral das substancias alcalinas.	184
Alcalis organicos em caso de envenenamento (considerações sobre um methodo geral proprio para descobrir os); pelo Sr. Stas.	344
Alcoholato da rainha dos prados; pelo Sr. Bonnewyn.	310
Analyse (methodo d') para contestar a presença do iodo e do bromio nas aguas naturaes; pelo Sr. E. Marchand.	317
— chymica da agua-ardente remettida de Faro; feita pela Commissão de Chymica.	174
— chymica (relatorio e) das Aguas, do Poço e das Aguas-Livres, existentes na Quinta do Hospital d'Alienados em Rilhafolles; feita pelo Sr. J. D. Corrêa.	177
— chymica comparada (memoria sobre a) das raizes de ratanhia e tormentilla; pelo Sr. Dause Senior.	163
— chymico-legal do estomago e intestinos de Francisco Rodrigues Pereira, de Mafra.	277
— chymico-legal dos liquidos vomitados por Maria Emilia Augusta.	275
— chymico-legal, do punhal com que o Padre Merino ferio S. M. a Rainha D. Isabel II.	155
— medico-legal do sangue e differentes visceras que se suppoz conterem chloroformio.	156
Anesthesia Cirurgica, do Sr. J. F. Pereira.	101
Angico (resina d'); pelo Sr. Dr. C. M. F. S. Beirão.	323
Apozema suiso.	339
Appliação do colorimetro.	356
Arabina.	363
Associação Industrial Portuense.	328
B	
Balsamo contra as frieiras; pelo Sr. Debierre.	38
Banho balsamico.	339
— contra o rheumatismo.	339

Banquete scientifico.	65
Bishop americano.	340
Bismutho sulphurado (mina de).	223
Bom exemplo.	60
Bromio e iodo nas aguas naturaes.	317 e 330

C

Cadêas galvano-electricas.	64
— hydro-electricas.	220
Café vermifugo.	340
Caldas das Taipas (noticia abbreviada das); pelo Sr. Dr. J. J. S. P. Caldas, de Braga.	267
Cancros (tractamento dos) e engorgitamentos.	159
Cantharidina (extracção da) pelo chloroformio.	155
Carbonato de ferro isempto de sesquioxido do mesmo metal.	296
— de magnesia do commercio (meio de reconhecer a falsificação do); pelo Sr. J. A. Rodrigues.	65
Carta do Sr. Eugenio Marchand á Sociedade Pharmaceutica Lusitana.	315
— do Sr. José Alexandre Rodrigues, ácerca do meio de reconhecer a falsificação do carbonato de magnesia do commercio.	65
Catalogo das plantas do Horto-Botanico da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa.	289
Centeio (esporão de).	26
Chloroformio (processo para reconhecer a presença do); pelo Sr. Snow.	14
— (pureza do).	64
Chronologia de todas as Leis, Decretos, Alvarás, e Portarias, relativas aos Pharmaceuticos, desde a Fundação da Monarchia Portugueza. 54, 92 e 149	149
Cigarros medicamentosos.	335
Clyster albumino-argentico; pelo Sr. Delieux.	343
— anti diarrheico; pelo Sr. Trousseau.	343
— chloroformisado; pelo Sr. Aran.	343
Collaboradores (lista dos Srs.) d'este Tomo.	398
Collodio contra as frieiras.	361
Collutorio aluminoso.	341
Colorometro (applicação do).	356
Concurso para o logar d'Ajudante da Real Botica de Madrid.	327
Conferencias sanitarias.	65
Conservação dos emplastros em que entram pos vegetaes.	360

Conservação do proto-iodureto de ferro do Codex.	338
Considerações sobre um methodo geral proprio para descobrir os alcalis organicos em caso de envenenamento; pelo Sr. Stas.	344
Consulta da Sociedade, com o ensaio-chymico de uma agua potavel do Valle de Pereiro, Freguezia de Bellas.	12
— da Sociedade, com a analyse chymico-legal do estomago e intestinos de Francisco Rodrigues Pereira, de Mafra.	277
— da Sociedade, com a analyse chymico-legal dos liquidos vomitados por Maria Emilia Augusta.	278
Creomor de tartaro solavel (nota sobre a natureza do); pelo Sr. J. A. Rodrigues.	273
Creme da Turquia; pelo Sr. Marquez.	378
Decocto purgativo.	340
— simples ou depuratorio.	340
Desastre.	293
Determinação do acido estearico na cera.	167
Discurso do Sr. Presidente, Antonio de Carvalho, feito na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1852.	250
Efeitos toxicos da cidra de má qualidade.	296
Electuario (mistura) contra o croup; pelo Sr. Trousseau.	341
Elixir odontalgico; pelo Sr. Wolland.	341
Emplastro d'iodureto de potassio.	203
— visicante; pelo Sr. Dupuy.	357
Emprego do acido arsenioso no tractamento das intermittentes; pelo Sr. J. J. Sousa Telles.	313
— do acido tartarico para tornar solavel o sulphato de quinina.	133
— de diversos preparados d'ammoniacio; pelo Dr. Cazenave.	69
— do sulphato de bebeerina no tractamento das febres intermittentes; pelo Sr. Dr. F. J. da Cunha Vianna.	9
Emulsão de Van-Swiecten.	341
Emulsões oleosas (preparação das); pelo Sr. Overbeck.	205
Ensaio chymico de uma agua potavel do Valle de Pereiro, Freguezia de Bellas.	12

Ensaio das pomadas contendo combinações oxygenadas de mercúrio; por Bobière.	221
Envenenamento pelo phosphoro, meios para o combatter; pelo Sr. E. Cottereau.	37
Envenenamentos.	158 e 328
— (dos) pelo acido arsenioso; pelo Sr. M. V. Regnault.	381
Enxofre (reagente do).	24
Eschola de Pharmacia e Cirurgia em Braga.	34
Espinha-cervina (premio proposto sobre a analyse da).	62
Esporão de centeio.	26
Estatistica da Secretaria da Sociedade, do seu 17.º Anno Litterario.	-333
Estrychnina (observações sobre a); pelo Sr. J. Lefort.	206
Ether nitroso (memoria sobre o novo processo para preparar o); pelo Sr. R. de Grosodry.	208
Extracção da cantharidina pelo chloroformio.	135
Extracto das Actas das Sessões Litterarias da Sociedade desde 11 de Dezembro de 1851 até 28 de Novembro de 1852. 30, 67, 96, 130, 160, 192, 225, 263, 297, 331, 364 e	395
— de monesía.	127 e 362
— da rainha dos prados; pelo Sr. Bonnewyn.	310
Extractos seccos.	362
	
Fallecimento do Sr. Antonio Feliciano Lopes, Pharmaceutico em Lisboa.	297
— do Dr. Carlos Henrique Pfaff.	223
— do Sr. Estanslau José de Lemos, Pharmaceutico em Moçambique.	220
— do Sr. Jacintho da Costa, Cirurgião Mór da Armada Real.	293
— do Sr. D. Jeronimo Lourenço, Primeiro Pharmaceutico da Camara de S. M. a Rainha D. Isabel II.	151
— do Sr. Joaquim José d'Almeida, 1.º Secretario da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa.	220
Falsificação do carbonato de magnesia do commercio (meio de reconhecer a); pelo Sr. J. A. Rodrigues.	65
Falsificações das farinhas dos cereaes.	358
Farinhas dos cereaes (falsificações das).	358
Fecundidade (notavel).	225
Filtro acelerador.	158

Formula da agua hemostatica de Pagliari.	306
— para a cura das frieiras; pelo Sr. Margoton.	203
— (nova) d'infuso de quina pulverisada.	204
Frieiras (colloidio contra as).	361

G

Gargarejo contra as anginas; pelo Sr. Fleury.	342
Gazeta Medica do Porto.	329
— Medica do Porto (o Redactor da).	24
Guayaco (a pureza do).	64
Gutta-percha como adhesivo.	360

H

Herborisações.	50
Hervario.	81
Herva ulmeira ou rainha dos prados, como diuretica; pelo Sr. J. Q. Avellar.	307
Historia medica da monesia.	129
— Naturalis-Palmarum (noticia resumida da); pelo Sr. Dr. B. A. Gomes.	42 e 72
Hospital de Sancta Cruz, em Braga.	100
Hydrolato da rainha dos prados; pelo Sr. Lepage.	309

Indicação succinta das Aguas mineraes, da Galliza; pelo Sr. Dr. J. J. S. P. Caldas.	303
Instituto (o).	155
Iodato de potassa no iodureto de potassio (processo para descobrir a presença do); pelo Sr. H. Bonnewyn.	136
Iodo (proporções do) no oleo de figados de bacalhau; pelos Srs. Chevallier e Gobley.	137
— e bromio nas aguas naturaes.	317 e 330
Iodureto d'amydo soluvel.	294
Injecções cupricas.	361

J

Jornal da Associação Portuense.	295
---------------------------------	-----

K

Kooso (o).	221
------------	-----

Kooso (do) ou cusso da Abyssinia; pelo Sr. Dr. B. A. Gomes. 5

L

- Limonada de tartarato de soda; pelo Sr. Desvignes. 371
Linimento contra as frieiras; pelo Sr. Marcel. 39
Liquor estomachico de Bossuet. 377
— de Koechlin. 372
Lista dos Srs. Collaboradores d'este Tomo. 398
— dos Srs. Subscriptores d'este Tomo. 399
Loção ammoniacal. 70
— prophylatica da syphilis; por Lenglebert. 372

M

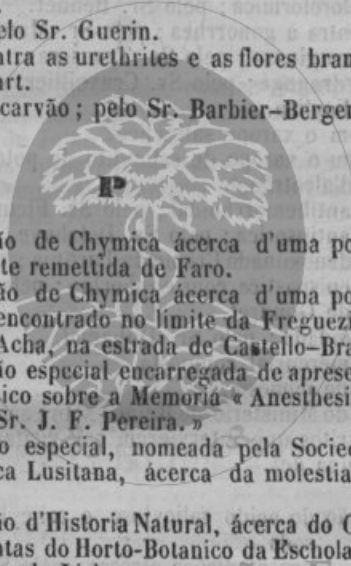
- Mappa analytico e comparativo das Aguas, do Poço e das Aguas-Livres, existentes na Quinta do Hospital d'Alienados em Ribafolles; feito pelo Sr. J. D. Corrêa. 184 e 185
Medicos e Cirurgiões em Hespanha. 328
Meio de reconhecer a presença do alcohol nos oleos essenciaes. 319
— de reconhecer a pureza do guayaco. 64
Meios (dos melhores) hemostaticos contra a epistaxis ou hemorrhagia nasal; pelo Dr. Reveille-Parise. 224
Melhoras. 334
Memoria sobre a analyse chymica comparada das raizes de ratanhia e tormentilla; pelo Sr. Dause Senior. 163
— e estudo chymico da Agua mineral de S. João do Deserto, em Aljustrel; pelo Sr. J. M. O. Pimentel. 102
— sobre o novo processo para preparar o ether nitroso; pelo Sr. R. de Grosoudry. 208
Methodo d'analyse para contestar a presença do iodo e do bromio nas aguas naturaes; pelo Sr. E. Marchand. 317
Mina de bismutho sulphurado. 223
— de prata. 223
Mineral (novo). 294
— encontrado no limite da Freguezia de S. Miguel d'Acha, na estrada de Castello-Branco (analyse chymica do); feita pela Commissão de Chymica. 176
Mistura ammoniacal. 69
— ferruginosa; pelo Sr. Trousseau. 380
— (electuario) contra o croup; pelo Sr. Trousseau. 341
— de Perilhe. 69

Molestia das uvas.	231
Monesia. Artigo do Sr. J. J. de Sousa Telles.	123
Monesia, ou materia acre da monesia.	127
Morphina (preparação da).	24
Musgo ou lichen de Ceylão.	134
— de Corsega.	349

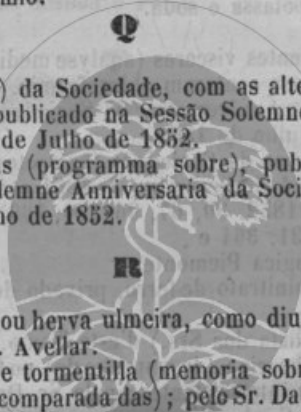
N

Noticia abbreviada das Caldas das Taipas; pelo Sr. Dr. J. J. S. P. Caldas, de Braga.	267
Nota sobre a natureza e preparação do cremor de tartaro solúvel; pelo Sr. J. A. Rodrigues.	273
Noticia resumida da Historia Naturalis—Palmarum de K. F. P. Von-Martius; pelo Sr. Dr. B. A. Gomes.	42 e 72

Objectos doados á Sociedade, publicados na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1852.	245
Observações meteorologicas (synopse das) feitas na Escho-la Medico-Cirurgica de Lisboa; pelo Sr. Dr. C. M. F. S. Beirão. 16, 58, 71, 122, 145, 190, 217, 264, 279, 320, 348 e	392
— sobre os processos empregados para reconhecer a presença da estrychnina; pelo Sr. J. Lefort.	206
— sobre o xarope de violetas; pelo Sr. Hurant Montilard.	367
Officio do Sr. Antonio d'Oliveira Moraes, da Ilha de S. Miguel, ácerca d'abusos de policia pharmaceutica.	32
— do Sr. Carlos Maria Monteiro Freire, relatando os abusos de policia medica acontecidos em Bucellas.	29
— do Sr. Francisco Bernardo Pimentel, de Rebordello, dando a noticia d'um leho.	229
— do Sr. João Agostinho Ferreira Chaves, de Faro, ácerca d'abusos de policia pharmaceutica.	189
— do Sr. José Antonio d'Araujo, de Lamego, ácerca d'abusos de policia pharmaceutica.	162
— do Sr. José Lino Baptista da Costa, d'Oliveira de Frades, ácerca d'abusos de policia pharmaceutica.	188
— do Sr. José Silverio Rodrigues Cardoso, de Mirandella, ácerca d'abusos de policia pharmaceutica.	32
— do Sr. Lazaro Joaquim de Sousa Pereira, da Ilha de S. Thomé, ácerca d'abusos de policia pharmaceutica.	162

Officio do Sr. Manuel Emilio Gomes da Costa, de S. Romão d'Ucha, ácerca d'abusos de policia pharmaceutica.	189
— da Sociedade, endereçado ao Conselho de Saúde Publica do Reino, ácerca dos abusos de policia medica acontecidos em Bucellas.	28
— da Sociedade, dirigido ao Conselho de Saúde Publica do Reino, ácerca das drogas falsificadas e apprehendidas em Evora.	26
Oleo iodado corado; pelo Sr. Descamps.	342
— iodado incolor; pelo Sr. Descamps.	342
Operação felicissima.	220
Opiata balsamica; pelo Sr. Guerin.	372
— balsamica contra as urethrites e as flores brancas; pelo Sr. Bodart.	372
— dentrificada de carvão; pelo Sr. Barbier-Bergeron.	373
— de Guerrero.	373
Opio portuguez.	25
	
Parecer da Commissão de Chymica ácerca d'uma porção d'agua ardente remettida de Faro.	174
— da Commissão de Chymica ácerca d'uma porção de mineral encontrado no limite da Freguezia de S. Miguel d'Acha, na estrada de Castello-Branco.	176
— da Commissão especial encarregada de apresentar um juizo critico sobre a Memoria « Anesthesia Cirurgica, do Sr. J. F. Pereira. »	101
— da Commissão especial, nomeada pela Sociedade Pharmaceutica Lusitana, ácerca da molestia das uvas.	281
— da Commissão d'Historia Natural, ácerca do Catalogo das plantas do Horto-Botanico da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa.	289
— da Commissão d'Historia Natural ácerca d'uma planta e sementes d'um vegetal, denominado « vomitorio-purgante. »	41
— da Commissão de Pharmacia ácerca das drogas falsificadas e apprehendidas em Evora.	26
Pastilhas anthelminticas de santonina.	135
— balsamicas alcalinas empregadas pelo Dr. Délioux.	173
— balsamicas ammoniacas.	173
— balsamicas sodicas.	173
— de salicylito de potassa ou soda.	312
— de sementes d'abobora, contra a tenia	203
Phenomeno (extraordinario) meteorologico.	223

Pilulas antiptisicas; pelo Sr. Lecoupey.	373
— de monesia.	129
— d'oleo de cade; pelo Sr. Bazin.	374
— d'oxydo de prata; pelo Sr. Thweatt.	374
— de proto-iodureto de ferro extemporaneas; pelo Sr. Chevallier.	374
— de salicylito de potassa ou soda.	312
— tonicas adstringentes.	374
Po alcalino; pelo Sr. Trousseau.	376
— para meninos; pelo Sr. Trousseau.	377
— de salicylito de potassa ou soda.	313
Poção chloroformica; pelo Sr. Bennet.	375
— contra a gonorrhœa; pelo Sr. Marquez.	376
— ferruginosa; pelo Sr. Trousseau.	376
— hydragoga; pelo Sr. Cruveillier.	376
— salicylica.	311
— com o xarope salicylico.	312
— com o xarope de salicylito de potassa.	313
Pomada d'alcatrao.	342
— antihemorrhoidal; pelo Sr. Fleury.	374
— antipsorica; pelo Sr. Delahaye.	375
— denominada Creme da Turquia; pelo Sr. Marquez.	375
— epispastica com euphorbio; pelo Sr. Hainaut.	375
— de Gondret.	70
— iodada; pelo Sr. Duhamel.	375
— mercurial composta.	70
— de monesia.	128 e 130
Portaria do Ministerio do Reino, sobre emolumentos aos peritos que intervierem nas visitas.	95
Prata (mina de).	223
Premios.	159
Preparação do acido salicyloso e salicylito de potassa e soda.	311
— das emulsões oleosas; pelo Sr. Overbeck.	205
— da morphina.	24
— do sulphato de ferro e do açafrao de Marte com a capa-rosa verde do commercio; pelo Sr. Thorel.	138
— do tartarato duplo de potassa e de ferro (bolas de Nancy); pelo Sr. Wittstein.	336
Preparações (as) arsenicaes no tractamento da elephantiasis; pelo Sr. Dr. C. M. F. S. Beirão.	195
Processo para descobrir a presença do iodato de potassa no iodureto de potassio; pelo Sr. H. Bonnewyn.	136
— para reconhecer a presença do chloroformio; pelo Sr. Snow.	14

Programma de um premio, proposto pela Sociedade de Pharmacia de Paris, sobre o acido racemico.	61
— de um premio sobre a analyse da espinha cervina, proposto pela Sociedade de Pharmacia de Paris.	62
— sobre Questões Scientificas, publicado na Sessão Solemne Anniversaria da Sociedade, em 24 de Julho de 1852.	243
Proporções (sobre as) do iodo contidas no oleo de figados de bacalhau; pelos Srs. Chevallier e Gobley.	137
Pulmão (acido particular do).	156
Pureza do chloroformio.	64
	
Quadro (resumo do) da Sociedade, com as alterações occorridas; publicado na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1852.	248
Questões Scientificas (programma sobre), publicadas na Sessão Solemne Anniversaria da Sociedade, em 24 de Julho de 1852.	243
Rainha dos prados ou herva ulmeira, como diuretica; pelo Sr. J. Q. Avellar.	307
Raizes de ratanhia e tormentilla (memoria sobre a analyse chymica comparada das); pelo Sr. Dause Senior.	163
Ratafia estomachica de Bossuet.	377
Reacções que apresentam, com differentes saes, os iodureto, bromureto, e chlorureto potassicos; pelo Sr. Besnou.	143
Reagente (novo) do iodo.	296
— do enxofre.	24
Recompensa de serviços.	154
Redactor (o) da Gazeta Medica do Porto.	24
Relação dos Doadores e dos Objectos doados á Sociedade, lida na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1852.	245
Relatorio e analyse chymica das Aguas, do Poço e das Aguas-Livres, existentes na Quinta do Hospital d'Alienados em Rilhafolles; feito pelo Sr. J. D. Corrêa.	177
— dos trabalhos da Sociedade, feito na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1852.	231
Remedios febrifugos alemães.	40
Resina d'Angico; pelo Sr. Dr. C. M. F. S. Beirão.	222

Restaurador (o) Pharmaceutico.	155
Resumo do Quadro da Sociedade, com as alterações occorridas; publicado na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1852.	248
Revista dos Jornaes; feita pelo Sr. J. J. de Sousa Telles. 24, 59, 154, 220, 293, 327 e	356
Rhuibarbo falsificado.	328
S	
Salicylito de potassa e soda.	311
Salicylitos de potassa e soda.	312
Saliva.	363
Sangue e differentes visceras (analyse medico-legal do) que se suppoz conterem chloroformio.	156
Sessão Solemne Anniversaria da Sociedade (acta da), de 24 de Julho de 1852.	231
Sessões Litterarias da Sociedade (extracto das Actas das), desde 11 de Dezembro de 1851 até 25 de Novembro de 1852. 30, 67, 96, 130, 160, 192, 225, 263, 297, 331, 361 e	395
Sociedade Biologica Piemonteza.	357
Soluto de sesquinitrato de ferro, privado de proto ou sub-sal.	357
Subscriptores (lista dos Srs.) d'este Tomo.	398
Sulphato de bebeerina (do emprego do) no tractamento das febres intermitentes; pelo Sr. Dr. Francisco José da Cunha Vianna.	9
— de ferro (preparação do) e do açafraão de Marte com a capa-rosa verde do commercio; pelo Sr. Thorel.	138
— de ferro purificado.	141
Sulphydrometria.	295
Synopse das observações meteorologicas feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa; pelo Sr. Dr. C. M. F. S. Beirão. 16, 58, 71, 122, 145, 190, 217, 264, 279, 320, 348 e	392
T	
Tannato de chumbo.	379
Tartarato duplo de potassa e de ferro (preparação do); pelo Sr. Wittstein.	336
Tinctura d'acido salicyloso; pelo Sr. Hannon.	311
— febrifuga do Hospital de Vienna.	40 e 379
— febrifuga de Warburg.	40 e 379

Tinctura hydro-alcoholica de monesia.	128
— de monesia.	130
Tincturas alcoholicas (sobre as); pelo Sr. G. F. Leroy.	380
Topico ferruginoso; pelo Sr. Trousseau.	380
Tosse convulsa.	360
Tractamento dos cancos e dos engorgitamentos refractarios.	159
Tremores de terra.	222

U

Universidade (a) de Coimbra e as Escolas Medico-Cirurgicas de Lisboa e Porto.	61
---	----

V

Venda de nitrato de prata.	329
Ventosas de novo genero.	23
Viagem pharmaceutica á Exposição Universal de Londres.	334
Viagens, herborisações, e hervarios; pelo Sr. J. L. M. Poirret.	17, 50 e 81
— de Naturalistas.	17
Vinho de colchico.	380
— estomachico.	380
Vomitorio-purgante (planta e sementes).	41

X

Xarope balsamico ou terebinthinado.	378
— de capillaria; pelo Sr. H. J. de Sousa Telles.	337
— de carbonato d'ammonia.	69
— de dentição.	59
— de dentição; pelo Sr. Dubarry.	378
— d'iodureto d'amydo.	294
— de iodureto d'amydo; pelo Sr. Magnes-Lahens.	378
— de monesia composto.	128
— de monesia simples.	128 e 130
— de protonitrato de ferro; pelo Sr. Livermore.	378
— purgativo de jalapa; pelo Sr. Viel.	39
— da rainha dos prados; pelo Sr. Lepage.	310
— salicylico.	312
— de salicylito de potassa.	313
— terebinthinado ou balsamico.	378
— de Tolú; pelo Sr. Marcel.	39
— para vinho de Champagne; pelo Sr. Marquez.	378
— de violetas (observações sobre o); pelo Sr. Hurant Montilard.	367

Centro de Pharmaciação Pharmaceutica
da Pharmaciação Pharmaceutica

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA.



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Lisboa.
NA IMPRENSA LUSITANA.
1953



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA.

Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria vires.
PROP. Lib. 4. Eleg. 10.

Segunda Serie.

TOMO IV.



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem Farmacêuticos

Lisboa.

NA IMPRENSA SILVIANA.

1853.



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL

DA

SOCIEDADE PHARMACEUTICA

LUSITANA.



PHARMACIA.

Observações sobre a preparação da limonada de citrato de magnesia; pelo Sr. E. Robiquet, Pharmaceutico.

O Sr. Rogé, descobrindo primeiramente a singular propriedade que o acido citrico possui de disfarçar o sabor desagradavel da magnesia, fez um grande serviço á Medicina; e a sua limonada purgativa constitue um dos medicamentos mais preciosos, a que a therapeutica pode recorrer. O citrato de magnesia obra como purgativo, pouco mais ou menos com a mesma energia que o sulphato, mas tem o inconveniente de não poder conservar-se facilmente em dissolução, por que a limonada, alguns dias depois de preparada, adquire uma viscosidade tal, que torna impossivel o seu uso. Por muito tempo procurei indagar a causa d'esta alteração, esperando, logo que me fosse conhecida, achar meio de evital-a, senão de todo, pelo menos em parte. Observando que o soluto de citrato de magnesia entregue a si proprio, por um certo tempo, se cobria de bolor, e depositava um po branco amorpho, assimilhando-se na apparencia ao lactato de cal, julgava que o acido citrico empregado continha alguns vestigios de materia organica azotada, que determinava a sua destrui-

ção ; não succede todavia assim, porque n'esta reacção apenas uma pequenissima quantidade d'acido citrico é destruida, encontrando-se a maior parte tanto no liquido como no deposito branco, e nos utensilios : accresce que este deposito branco não é outra cousa senão o citrato de magnesia amorpho e insolovel, contendo porém sensivelmente as mesmas proporções d'acido e de base que o citrato crystallizado. Ha aqui pois mudança molecular, mudança que nenhum Practico tem deixado de reconhecer ; porque acontece muitas vezes que saturando, com a magnesia calcinada ou carbonatada, qualquer soluto um pouco concentrado d'acido citrico, immediatamente o liquido se converte em massa, e deixa desinvolver uma quantidade de calor muito sensivel no thermometro ; sendo o citrato de magnesia, que se produz em similhante circumstancia, quasi completamente insolovel, e de sabor não desagradavel : acontece algumas vezes tambem, que, quando o liquido está mais diluido, o citrato se precipita depois de mais ou menos tempo, sob a forma de geléa, cuja consistencia depende necessariamente da quantidade d'agua empregada. Como esta curiosa metamorphose molecular ha outras em Chymica as quaes muitas vezes tenho observado. Assim, quando para preparar o chlorureto de estroncio se decompõe o sulphureto do mesmo metal pelo acido chlorhydrico, não é raro vêr reduzir-se o liquido a massa gelatinosa, que facilmente se transforma em crystaes bem distinctos, quando se lança em sufficiente quantidade d'agua fervendo, e se faz evaporar esta. Dá-se, geralmente, um phenomeno do mesmo genero na preparação do fluorureto silicopotassico, que serve para obter o silicio.

Convenido de que a causa da facilidade com que os solutos de citrato de magnesia se alteram, existia na constituição intima d'este sal, julguei impossivel preparar limonada que não soffresse mudança ; devendo por isso limitar-me a obter um bom processo pelo qual este purgante se decompozesse mais lentamente que de ordinario.

Fiz para conseguir este resultado grande numero de

misturas e ensaios; offerecerei todavia somente a formula que me deu melhor resultado. Eil-a:

Acido citrico perfeitamente branco.....	400 gram.
Carbonato de magnesia.....	200 „
Agua commum.....	5 kil.
Assucar branco.....	600 gram.
Tinctura de casca de laranja ou de limão....	5 „

Dissolve-se a frio o acido citrico na agua, satura-se com o carbonato de magnesia, e quando a combinaçãõ está effeituada (o que exige 5 a 6 horas), dissolve-se o assucar egualmente a frio; ajuncta-se depois a tinctura, filtra-se por papel, e toma-se d'este soluto, que está na razãõ da decima parte, 500 gram. para 50. A cada garrafa adicionam-se 5 gram. de bicarbonato de soda; tapam-se, e vascolem-se, &c.

Eis os motivos que me levaram a preferir este methodo. Em primeiro logar fiz todos os solutos a frio, porque o citrato de magnesia fica mais tempo solúvel e inalteravel, quando tem sido preparado a uma baixa temperatura; além d'isto, não emprego o xarope simples ordinario, porque, estando clarificado com as claras d'ovos, retém sempre uma porçãõ d'albumina, que por sua viscosidade natural favorece a disposiçãõ que possui o sal de magnesia para tornar-se gelatinoso; e em fim para tornar gazosas as limonadas, sirvo-me do bicarbonato de soda, visto que o citrato de soda crystallisa mais livremente que o citrato de magnesia, e não tendo como elle o inconveniente de soffrer mudançãõs moleculares, a sua presença oppõe-se a qualquer alteraçãõ.

Terminarei por uma ultima observaçãõ: alguns Practicos ajunctam á limonada xarope de gomma, com o fim de adoçar e disfarçar o excesso d'acido; mas esta modificaçãõ é mais prejudicial do que util, porque a gomma arabica obra sobre o sal magnésico do mesmo modo que a albumina, e accelera a sua decomposiçãõ.

Seguindo o methodo que acabo d'indicar, podem-se conservar sem alteraçãõ por espaço de dez a quinze dias, as

limonadas de 45 a 50 gram., e por espaço de um mez as que contem 20 a 40 gram. de citrato de mágnesia.

(*Journal de Pharm. et de Chimie.*)

Corréa, Junior.

Formulas empregadas em Alemanha contra a gotta chronica.

O Dr. Rave recommenda a sabina *intus et extra* nos casos em que a gotta produz contracturas dos membros ou paralyrias. A sabina é empregada exteriormente em forma de banhos locais, preparados com o infuso d'esta planta; ou em fricções, nas partes doentes, feitas com a essencia da mesma planta. Para uso interno, trituram-se junctamente 15 gram. d'assucar e outras tantas de folhas recentes de sabina, de maneira que fique tudo bem misturado, e se divide em doze porções eguaes, que o doente deve tomar d'hora a hora.

Os Drs. Pfeuffer e Endlicher que teem obtido felizes resultados da associação do calamo aromatico com a sabina, nos casos em que a gotta atonica se complica com o edema das partes affectadas, recommendam, como muito efficaz, o infuso aquoso da seguinte mistura:

Raiz de calamo aromatico, 90 gram.

Sabina 60 „

Infunde-se em um litro d'agua fervendo. Esta dose deve servir para cinco dias.

O Dr. Gæden emprega o seguinte linimento para a gotta inveterada:

Phosphoro 2,80 gram.

Oleo essencial de sabina . . . }
— de terebinthina } ãa 15 „

Ammonia 60 „

Com este linimento se fricciona o doente ao sahir do banho.

Koop propõe o uso externo da seguinte mistura:

Balsamo de copaiva }
— de Perú } ãa 15 gram.

Oleo de sabina..... 4 gram.

Com esta mistura se humedece uma prancheta de fios de linho, e se applica no logar molesto.

Além da sabina empregam na Alemanha outros dous medicamentos empiricos.

Fischer diz ter applicado com muita vantagem o bicarbonato de soda, em dose gradualmente augmentada, tanto interna como externamente; ajunctando algumas vezes aos banhos o calamo aromatico.

Hufeland, no caso de gotta complicada de contracturas e de nodosidades articulares, recorria ás fumigações do vapôr de formigas, cujos insectos se apanham nos mezes de Junho e Julho; devendo todavia preferir-se os da grande especie que se encontram nos bosques. Deita-se sobre as formigas agua quente, recebendo o infermo este vapôr na parte affectada.

(Gazette des Hôpitaux.)

J. D. Corrêa.

CHYMICA.

Sobre a proporção relativa da soda e potassa contida nas cinzas dos vegetaes; pelo Sr. Daubeny, Presidente da Sociedade Chymica de Londres.

Um factio que parece hoje fora de toda a duvida, é, que os vegetaes não se podem desinvolver sem receberem do solo certas materias alcalinas ou terreas, taes como a potassa, a soda, a cal, e a magnesia; e um factio que parece igualmente demonstrado, é que de todas estas substancias, a potassa, é a que os vegetaes apropriam mais e a que se acha em maior abundancia nas cinzas.

Tem-se querido saber a razão d'esta preferencia. E como se tem acreditado que a constituição d'uma planta se deve achar em harmonia com a do terreno onde ella se tem desinvolverido, principiou a estudar-se cuidadosamente a influencia que n'isto poderia ter a natureza chymica do solo.

Saussure, Bertier, Frésenius, e Will teem feito, de-
baixo d'este ponto de vista, diversas analyses que pare-
cem provar e tornar manifesta esta influencia. Liébig em-
prehendeu reduzir os resultados das suas experiencias a
uma lei geral, mostrando que a somma do oxygenio exis-
tente em todas as amostras das plantas analysadas, é uni-
forme e constante, ainda que existe uma grande variedade
na proporção relativa das mesmas bases. A natureza do al-
cali fixo para o vegetal seria, segundo elle, completa-
mente indifferente, com tanto que elle tivesse o mesmo po-
der d'absorpção a respeito do acido carbonico, cuja com-
posição ulterior seria a origem de todos os acidos vege-
taes; taes como o citrico, tartarico, malico, &c. A soda
seria igualmente assimilhada como a potassa, e se ella se
acha em menor quantidade nas cinzas vegetaes, é porque
ella se acha em menor abundancia no solo.

As experiencias que o Sr. Daubeny acaba de fazer, pa-
rece conduzirem a uma consequencia opposta. O auctor
não tem podido ainda tirar do seu trabalho todas as con-
clusões que elle comporta, mas o cuidado que tem em
mencionar as suas experiencias, e sobre tudo a seria ar-
gumentação á qual se entregou para commentar os resul-
tados, estabelecem uma forte presumpção contra a theoria
do Chymico Alemão.

Uma primeira analyse executada sobre duas especies de
trigo colhidas, uma sobre as costas da Inglaterra, outra
nos districtos os mais centraes d'Oxfordshire, tinham da-
do a conhecer, nas suas cinzas, uma constituição mineral
quasi identica, apezar da enorme differença que deviam
apresentar os dous terrenos d'onde elles provieram. Mas
para melhor apreciar esta influencia do solo, o Sr. Dau-
beny resolveu constituil-o artificialmente.

Em uma mesma parte do jardim botanico d'Oxford, es-
colheu elle sete pedaços de terra quadrados d'igual gran-
deza e semelhantes quanto possivel em natureza e ex-
posição. Dous d'estes pedaços de terra foram adubados
com uma forte solução de carbonato de potassa, dous
outros com o carbonato de soda em proporções corres-

pondentes, dous outros com chlorureto de sodio, e o septimo foi deixado sem adubo. A quantidade da materia salina assim disposta no solo era verdadeiramente consideravel; porque, para o sal marinho elevava-se a dez alqueires por geira. Para o carbonato de potassa e de soda, elevava-se a numeros parallelos calculados por equivalentes.

O meio que elle empregou para dispôr estas materias salinas no solo é assás curioso, e merece ser mencionado, porque mostra todo o cuidado que foi empregado n'este genero d'experiencias. Depois de ter dissolvido o carbonato de potassa na menor porção d'agua possivel, encorporou o soluto em uma massa d'argilla assás consistente para absorver a totalidade do liquido, e dar uma pasta molle; depois submetteu esta á acção desecante do sol e d'uma corrente d'ar. Obteve por este meio o carbonato de potassa perfeitamente dividido no seio d'uma massa argilosa, e foi esta massa que elle misturou exactamente no solo, na profundidade de dous pés. Intende-se que introduzindo d'esta maneira o carbonato de potassa, devia resistir ás aguas da chuva, e permanecer no solo apesar da sua extrema solubilidade.

Tomou a mesma precaução a respeito do carbonato de soda e do chlorureto de sodio; os terrenos sendo assim preparados os semeou d'uma egual quantidade de trigo. Quando chegou o tempo da seifa, pesou toda a colheita, e o primeiro resultado, que pôde avaliar, foi que a seifa era mais consideravel no terreno artificialmente preparado, que no que não tinha recebido nenhum adubo. A quantidade tinha mais uma quinta parte.

Mas isto não era o resultado procurado. Era preciso saber até que ponto a constituição mineral do trigo se achava affectada pelo do terreno onde elle tinha crescido: era preciso conhecer, em uma palavra, a proporção relativa da potassa e da soda nas diversas especies de trigo provenientes d'esses diversos terrenos. Eis aqui as proporções expressas em centesimos.

	<i>Potassa.</i>	<i>Soda.</i>
Trigo proveniente do terreno adubado com a potassa	84—55	15—45
Trigo proveniente do terreno adubado com a soda	76— 5	23— 5
Trigo proveniente do terreno adubado com o sal marinho	76— 5	23— 5
Trigo proveniente do terreno adubado com o sal normal	82— 5	17— 5

O que impressiona logo á primeira inspecção d'este mappa, é que a potassa predomina por todas, e que mesmo no trigo proveniente do terreno adubado pelo carbonato de soda, elle se eleva ainda tres vezes acima do peso d'este alcali. E' verdade que a sua proporção é menor que a do trigo proveniente do terreno adubado pelo carbonato de potassa, e mesmo do que provém do terreno normal. Mas é preciso reflectir bem, que as quantidades dadas pelo auctor são quantidades relativas e nada teem d'absolutas. E' possível pois, apesar da differença relativa expressa no mappa, que as quantidades absolutas da potassa sejam as mesmas na quarta especie de trigo, e que a soda so varie. Em igual caso seria illudir-se, crer que a soda pode substituir a potassa, e substituil-a n'uma certa medida, porque a quantidade absoluta d'esta ultima, não seria reduzida proporcionalmente.

Saussure mostrou ha muito tempo que um vegetal absorve indistinctamente pelas raizes todas as materias mineraes que lhe são apresentadas, ou estas materias sejam boas ou más, alimentares ou venenosas, assimillaveis ou não. Em todos os periodos da vida d'uma planta ha pois substancias mineraes livres, e outras combinadas; materias alcalinas ja assimiladas e outras o não estão ainda, que o não serão talvez nunca, e que circulam simplesmente no interior dos vasos, até que por seu turno cheguem a ser fixadas ou eliminadas segundo a sua natureza.

Ora a analyse do Sr. Daubeny não calculou esta differença. Ella simplesmente estabelece a relação entre a po-

tassa e a soda, achadas nas cinzas, sem distinguir o alcali que era livre, do que era combinado, o alcali que forma parte integrante do vegetal e o que simplesmente circula no interior dos seus vasos.

Se, pelo contrario, a dosagem fosse feita d'uma maneira absoluta; se, por exemplo, tendo tomado uma mesma quantidade de dous trigos provenientes, um do campo normal, o outro do campo adubado pelo carbonato de soda, o auctor determinasse a quantidade absoluta da potassa contida nas cinzas de cada um d'elles, o resultado então teria uma significação que não pode ter com a dosagem relativa. Porque, como é provavel, se tivesse achado a mesma quantidade de potassa, ou quasi a mesma nos dous casos, teria sido forçado a admittir que a soda, achada de mais no segundo, era a soda menos combinada, circulando livremente no vegetal no momento da seifa, porque esta soda não tinha tomado o lugar de nenhuma porção de potassa, e não teria reduzido esta proporcionalmente.

O auctor não tinha feito esta experiencia, mas parece não obstante ser levado a acreditar, sem o afirmar positivamente, que so a potassa é assimilada pelos vegetaes, e que esta quando se acha concorrentemente não se encontra senão como producto accidental e no estado livre, circulando simplesmente no interior dos vasos. E com effeito ha fortes razões para crer que seja assim; porque a soda realmente podia substituir a potassa como indica Liébig, porque teria alli um limite fixo a esta substituição, e por que era um terreno onde a soda teria sido espalhada com profusão, as plantas apresentariam tambem nas suas cinzas uma quantidade de potassa excedendo muito a d'este alcali.

F. B. dos Santos.

PHYSICA.

Comparações thermometricas; pelo Lente de Mathematica no
Lyceó de Braga, e Membro Honorario, o Sr. Dr. José Joa-
quim da Silva Pereira Caldas.

Nous donnerons des règles pour convertir les
degrés des . . . échelles.

*Chim. Expér. de Wll. Ha. par Gaultier-
Claubry, t. 1. pag. 93.*

I.

A avaliação do calorico livre, ainda nas menos triviaes experiencias de physica, é uma das praxes de maior facilidade por certo, pela summa vulgaridade do uso facilimo do thermometro. Não acontece todavia o mesmo, quando acaso se pertende passar — d'umas para outras — nas diversas escalas ou gradações thermometricas. E é por essa razão, que não deixará de ser curiosa por ventura (quando ainda se não repute por importante), a exposição da « formula geral da conversão reciproca dos diversos thermometros »: formula de facil applicação na verdade, e adaptada por conseguinte até ás mais medianas intelligencias dos nossos leitores.

E assim, designando-se por (E, E') os graus respectivos do termo da ebullicão ou da fervura da agua, correspondentes aos dous thermometros que se pertenderem comparar; — por (G, G') os graus correlatos do termo da congelação da agua ou da mistura frigorifica relativa; — por (T, T') os graus correspondentes da conversão procurada; — e por (t, t') a relação que tiverem entre si esses graus thermometricos; — é claro, que esta relação, « ou porção correlata de certos graus d'um thermometro para com certos graus d'um outro », será correspondente ao numero total dos graus respectivos dos dous thermometros que se compararem, desde o ponto de congelação até ao ponto d'ebullição. — E por conseguinte, será :

$$t' : t :: E' - G' : E - G,$$

ou (passando da proporção para a equação correlata)

$$\frac{t'}{t} = \frac{E' - G'}{E - G} \dots\dots (1)$$

E como a mesma relação dos graus thermometricos, dos dous thermometros da comparação, é tambem correspondente ao numero total dos seus graus respectivos, desde o ponto de congelação até aos graus correspondentes da conversão procurada, será egualmente

$$t' : t :: T' - G' : T - G,$$

donde se deduz

$$t' (T - G) = t (T' - G')$$

ou então

$$\frac{t'}{t} (T - G) = T' - G'$$

ou finalmente

$$T' = G' + \frac{t'}{t} (T - G) \dots\dots (2)$$

E substituindo na equação (2) o valor do primeiro membro da equação (1), ter-se-ha a « formula de conversão » procurada

$$T' = G' + \frac{E' - G'}{E - G} (T - G) \dots\dots (A)$$

II.

Tomando para exemplificação as quatro principaes escalas thermometricas — a de *Fahrenheit*, usada na Inglaterra, em muitos paizes do norte, e ainda bastante entre nós, mui principalmente nas duas provincias do norte, mais sobre tudo na provincia do Minho — a de *Reaumur*, usada na França, na Italia, na Hespanha e tambem entre nós — a de *Celsio* (a centigrada) usada nas mesmas Nações, e muito usada na Suecia muito antes ainda da sua introduccão na França — e a de *Delisle* usada especialmente na Russia; tomando estas quatro escalas (tornamos a repetir), para nos servirem d'exemplificação; — como temos n'ellas pela construcção :

$E', E \left\{ \begin{array}{l} 212^\circ \text{ em F. , } 80^\circ \text{ em R. , } 100^\circ \text{ em C. , } 0^\circ \text{ em D. } \end{array} \right\}$
 $G' G \left\{ \begin{array}{l} 32^\circ \text{ ,, , } 0^\circ \text{ ,, , } 0^\circ \text{ ,, , } -150^\circ \text{ ,, } \end{array} \right\}$

teremos igualmente pela formula (A), designando (T', G', E') graus thermometricos de Fahr. e (T, G, E) graus thermometricos de Reaum.,

$$212^\circ = 32^\circ + \frac{212^\circ - 32^\circ}{80^\circ - 0^\circ} (80^\circ - 0^\circ)$$

ou então

$$212^\circ = 32^\circ + \frac{180^\circ}{80^\circ} 80^\circ$$

ou finalmente

$$212^\circ = 32^\circ + 180^\circ = 212^\circ.$$

Suppondo, pelo contrario, que designem (T', G', E') graus de Reaum. e (T, G, E) graus de Fahr., teremos

$$80^\circ = 0^\circ + \frac{80^\circ - 0^\circ}{212^\circ - 32^\circ} (212^\circ - 32^\circ)$$

ou então finalmente

$$80^\circ = 0^\circ + 80^\circ - 0^\circ = 80^\circ.$$

Designando por (T', G', E') graus centigrados e por (T, G, E) graus de Del., teremos

$$100^\circ = 0^\circ + \frac{100^\circ - 0^\circ}{0^\circ - (-150^\circ)} (0^\circ - \{-150^\circ\})$$

ou então finalmente

$$100^\circ = 0^\circ + 100^\circ - 0^\circ = 100^\circ.$$

Suppondo, pelo contrario, que sejam (T', G', E') graus de Del., e (T, G, E) graus centigrados, teremos

$$0^\circ = -150^\circ + \frac{0^\circ - (-150^\circ)}{100^\circ - 0^\circ} (100^\circ - 0^\circ)$$

ou então finalmente

$$0^\circ = -150^\circ + 0^\circ + 150^\circ = 0^\circ.$$

E a mesma applicação, da formula (A), terá igual facilidade para outros quaesquer graus thermometricos, que acaso se pertendam comparar.

Assim, querendo saber quantos graus de Fahr. serão 5° de Del., teremos — com abstracção dos signaes —

$$5^{\circ} = 150^{\circ} + \frac{0^{\circ} - 150^{\circ}}{212^{\circ} - 32^{\circ}} (T - 32^{\circ})$$

ou então

$$5^{\circ} = 150^{\circ} + \frac{-150^{\circ}}{180^{\circ}} (T - 32^{\circ})$$

ou então

$$-145^{\circ} = -\frac{150^{\circ}}{180^{\circ}} (T - 32^{\circ})$$

ou então (não querendo ainda mudar os signaes — em +),

$$-145^{\circ} \cdot 180^{\circ} = -150^{\circ} (T - 32^{\circ})$$

ou então

$$\frac{-26100^{\circ}}{-150^{\circ}} = T - 32^{\circ}$$

ou então

$$174^{\circ} = T - 32^{\circ}$$

ou finalmente

$$T = 174^{\circ} + 32^{\circ} = 206^{\circ}$$

« que tantos são os graus de Fahr., correspondentes aos 5° de Del. »

E querendo saber a quantos graus de Del. correspondem 84° de Reaum. (que marcam o calorico livre do xarope fervendo), teremos — com abstracção dos signaes —

$$84^{\circ} = 0^{\circ} + \frac{80^{\circ} - 0^{\circ}}{0^{\circ} - 150^{\circ}} (T - 150^{\circ})$$

ou então

$$84^{\circ} = \frac{80^{\circ}}{150^{\circ}} (T - 150^{\circ})$$

ou então

$$84^{\circ} \cdot 150^{\circ} = 80^{\circ} (T - 150^{\circ})$$

ou então

$$\frac{-12600^{\circ}}{80^{\circ}} = T - 150^{\circ}$$

ou então

$$-157,5 = T - 150^{\circ}$$

ou finalmente

2.^a Serie, T. IV. — N.º 1.

$$T = -157,5 + 150 = -7,5.$$

E como os graus de Del. são negativos desde a ebulição até á congelação; e como nós havemos tomado os 150° com o signal +; devemos agora tomar o resultado obtido com o signal contrario do signal que o affecta: — o que nos dá +7°,5 pelos graus de Del. que de feito correspondem aos 84° de Reaum., (tambem correspondentes a 105° C. e a 221° F.).

III. — 211 —

Comparados os quatro predictos thermometros, na amplitude total das suas diversas escalas, é facil de vêr que os seus graus se correspondem completamente de 18 em 18 graus de Fahr., de 8 em 8 graus de Reaum., de 10 em 10 graus de Cels., e de 15 em 15 graus de Del., como pode observar-se na tabella seguinte, tomando-se por ponto de partida os numeros dos parenthesis:

<i>Fahrenheit.</i>	<i>Reaumur.</i>	<i>Centigrado.</i>	<i>Delisle.</i>
— 22°	— 24°	— 30°	— 195°
— 4°	— 16°	— 20°	— 180°
14°	— 8°	— 10°	— 165°
(32°)	(0°)	(0°)	(— 150°)
50°	+ 8°	+ 10°	— 135°
68°	16°	20°	— 120°
86°	24°	30°	— 105°
104°	32°	40°	— 90°
122°	40°	50°	— 75°
140°	48°	60°	— 60°
158°	56°	70°	— 45°
176°	64°	80°	— 30°
194°	72°	90°	— 15°
(212°)	(80°)	(100°)	(0°)

Comparados os tres primeiros somente, é facil de vêr tambem, que os seus graus thermometricos se correspondem perfeitamente de 9 em 9 graus de Fahr., de 4 em 4 graus de Reaum., e de 5 em 5 graus de Cels. (ou de

« metade em metade » dos numeros precedentes), como po-
de observar-se egualmente na tabella seguinte, com os mes-
mos pontos de partida:

<i>Fahrenheit.</i>	<i>Reaumur.</i>	<i>Centigrado.</i>
-13°	-20°	-25°
-4°	-16°	-20°
-5°	-12°	-15°
-14°	-8°	-10°
-23°	-4°	-5°
(32°)	(0°)	(0°)
41°	+4°	+5°
50°	8°	10°
59°	12°	15°
68°	16°	20°
77°	20°	25°
86°	24°	30°
95°	28°	35°
104°	32°	40°
113°	36°	45°
122°	40°	50°
131°	44°	55°
140°	48°	60°
149°	52°	65°
158°	56°	70°
167°	60°	75°
176°	64°	80°
185°	68°	85°
194°	72°	90°
203°	76°	95°
(212°)	(80°)	(100°)

E comparados os thermometros de Fahren. e de Del.,
facil será de vêr por ultimo, que os seus graus thermo-
metricos se correspondem de 6 em 6 graus de Fahr., e
de 5 em 5 graus de Delisl., como será facil d'observar
egualmente na tabella seguinte, com os mesmos pontos
respectivos de partida:

<i>Fahrenheit.</i>	<i>Delisle.</i>	<i>Fahrenheit.</i>	<i>Delisle.</i>
- 10°	- 185°	104°	- 90°
- 4°	- 180°	110°	- 85°
2°	- 175°	116°	- 80°
8°	- 170°	122°	- 75°
14°	- 165°	128°	- 70°
20°	- 160°	134°	- 65°
26°	- 155°	140°	- 60°
(32°)	(- 150°)	146°	- 55°
38°	- 145°	152°	- 50°
44°	- 140°	158°	- 45°
50°	- 135°	164°	- 40°
56°	- 130°	170°	- 35°
62°	- 125°	176°	- 30°
68°	- 120°	182°	- 25°
74°	- 115°	188°	- 20°
80°	- 110°	194°	- 15°
86°	- 105°	200°	- 10°
92°	- 100°	206°	- 5°
98°	- 95°	(212°)	(0°)

IV.

Os graus de calorico «nimiamente elevados» determinam-se por meio do pyrometro d'*Wedgwood*, cada grau do qual equivale a 130° Fahr.; a 43,56 Reaum.; a 54,44 Cent.; a - 68,33 Del.—E é esse instrumento effectivamente o verdadeiro «thermometro» das nimias elevações calorificas: — o seu 0° corresponde a 1077 Fahr.; a 464°,44 Reaum.; a 580°,55 Centigr.; a + 720°,83 Delisle; — e a maior calorificação que se ha determinado com este instrumento, corresponde ao seu grau 185°, o qual equivale a 25:127 Fahr.; a 11:153,33 Reaum.; a 13:941,66 Cent.; e a + 20:762,5 Delisle.

A construcção pois, do pyrometro d'*Wedgwood*, comparada com a escala thermometrica de *Fahrenheit*, dá para formulas da sua conversão reciproca as duas formulas seguintes:

$$F = W. 130 + 1077. \dots (B)$$

$$W = \frac{F - 1077}{130} \dots\dots (C)$$

E como a formula (A) nos ensina a converter os graus de *Fahrenheit* nos graus de qualquer outra escala (ou quaesquer d'estes ultimos n'aquelles primeiros); facil é de vêr que por meio das tres formulas (A), (B), (C), se obterá com facilidade qualquer conversão thermometrica ou pyrometrica que se busque. — E' porém claro, que a predita formula (A) nos dá para Fabr. e Reaum. a formula seguinte :

$$F = 32 + \frac{212 - 32}{80} R$$

ou então

$$F = 32 + \frac{18}{8} R$$

ou finalmente

$$F = \frac{R \cdot 9}{4} + 32 \dots\dots (D)$$

da qual se deduz a formula reciproca subsequente :

$$F - 32 = \frac{9 \cdot R}{4}$$

ou então

$$(F - 32) \cdot 4 = 9 R$$

ou finalmente

$$R = \frac{(F - 32) \cdot 4}{9} \dots\dots (E)$$

A mesma formula (A) nos dá para Fabr. e Cels. a formula seguinte :

$$F = 32 + \frac{212 - 32}{100} C$$

ou então

$$F = 32 + \frac{18}{10} C$$

ou finalmente

$$F = \frac{C \cdot 9}{5} + 32 \dots\dots (F)$$

da qual se deduz a formula reciproca subsequente :

$$F - 32 = \frac{9 \cdot C}{5}$$

ou então

$$(F - 32) \cdot 5 = 9 C$$

ou finalmente

$$C = \frac{(F - 32) \cdot 5}{9} \dots\dots (G)$$

Da mesma formula (A) se tira para Fahr. e Delisl. a formula seguinte, « com os respectivos signaes »:

$$F = 32 + \frac{212 - 32}{0 - (-150)} (-D - \{-150\})$$

ou então

$$F = \frac{32 \cdot 150 + 180 (150 - D)}{150}$$

ou então

$$F = \frac{32 \cdot 150 + 180 \cdot 150 - 180 \cdot D}{150}$$

ou então

$$F = \frac{212 \cdot 150 - 180 \cdot D}{150}$$

ou finalmente

$$F = 212 - \frac{D \cdot 6}{5} \dots\dots (H)$$

da qual se deduz a formula reciproca subsequente:

$$F = \frac{5 \cdot 212 - D \cdot 6}{5}$$

ou então

$$5 F = 1060 - D \cdot 6$$

ou finalmente

$$D = \frac{1060 - F \cdot 5}{6} \dots\dots (I)$$

E assim por meio d'estas formulas (D), (E), (F), (G), (H), (I) — combinadas com as formulas (B), (C) — poder-se-hão effectuar directamente quaesquer conversões pyrometricas e thermometricas, por meio das formulas seguintes, na ordem das tres escalas restantes:

$$(1.^{\circ}) \dots\dots W. 130 + 1077 = \frac{R \cdot 9}{4} + 32$$

ou então

$$W. 130 + 1045 = \frac{R. 9}{4}$$

ou finalmente

$$R = \frac{W. 520 + 4180}{9} \dots\dots (L)$$

da qual se deduz a formula reciproca subsequente, como se deduziria igualmente da formula (C),

$$R. 9 = W. 520 + 4180$$

ou finalmente

$$W = \frac{R. 9 - 4180}{520} \dots\dots (M)$$

$$(2.ª) \dots\dots W. 130 + 1077 = \frac{C. 9}{5} + 32$$

ou então

$$W. 130 + 1045 = \frac{C. 9}{5}$$

ou finalmente

$$C = \frac{W. 650 + 5225}{9} \dots\dots (N)$$

da qual se deduz a formula reciproca subsequente, como se tiraria igualmente da formula (C),

$$C. 9 = W. 650 + 5225$$

ou finalmente

$$W = \frac{C. 9 - 5225}{650} \dots\dots (O)$$

$$(3.ª) \dots\dots W. 130 + 1077 = 212 - \frac{D. 6}{5}$$

ou então, «tomando signaes positivos, por serem graus superiores á ebullição»,

$$W. 650 + 4325 = D. 6$$

ou

$$D = \frac{W. 650 + 4325}{6} \dots\dots (P)$$

da qual se deduz a formula reciproca subsequente, como igualmente se deduziria da formula (C),

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

$$D. 6 = W. 650 + 4325$$

ou finalmente

$$W = \frac{D. 6 - 4325}{650} \dots\dots (Q)$$

Fomos um pouco prolixos na verdade, na deducção das formulas precitadas (e cuja applicação é de summa facilidade, reduzida como ella se acha ás mais triviaes das operações da arithmetica): julgamos todavia que n'essa mesma prolixidade fariamos algum serviço aos menos lidos dos Pharmaceuticos e dos Facullativos, a bastantes d'uns e outros dos quaes havemos visto cincar n'estas conversões (quando por ventura lhes não era este assumpto inteiramente estranho), sem que lhes fosse possivel conceber uma idéa exacta das diversas graduacões thermometricas, se acaso lhes eram indicadas por uma escala de thermometro a que elles não estavam acostumados.

E é por motivo d'essa mesma utilidade geral, em materia d'applicações tão quotidianas como estas, que nós terminaremos esta exposição calorimetrica, com algumas indicações importantes para as mais delicadas das experiencias thermometricas. E são ellas as observações de *Dalton*, relativas á correcção da expansão do vidro do thermometro, visto que — sem essa correcção — mal poderiamos conhecer o valor exacto da expansão do mercúrio, como ja chegara a notar *Deluc* antes de *Dalton*; — porque a expansão da bola, ou do globo do thermometro, affecta consideravelmente a expansão do liquido calorimetrico. E são estas correcções importantes as que se observam na tabella seguinte, formulada em relação ás duas mais principaes e mais frequentes escalas thermometricas, a de *Fahrenheit* e a de *Celsia* (a centigrada):

<i>Fahrenheit.</i>		<i>Centigrado.</i>	
Escala geral.	Escala correcta.	Escala geral.	Escala correcta.
32	32	0	0
39,1	39,3	+ 3,94	+ 4,05
46,6	47	8,11	8,33
54,44	55	12,47	12,78
62,55	63,3	16,97	17,38
71,04	72	21,69	22,22
73,84	81	23,24	27,22
89,02	90,4	31,68	33,39
98,49	101,1	36,91	38,38
108,3	110	42,39	43,33
118,5	120,1	48,06	48,61 < 45,61 >
129	130,4	53,89	54,64
139,9	141,1	59,94	61,72
151	152	66,11	66,67
162,4	163,3	72,44	72,91
177,4	178 < 175 >	80,78	81,44 < 79,44 >
186,5	186,9	85,83	86
199	199	92,78	92,88
212	212	100	100

E por meio da formula (A) se poderá passar d'estas duas escalas para quaesquer das de Reaum. ou Delisle : — o que tambem poderá effectuar-se por meio das formulas particulares (E), (F), e ainda por meio das duas formulas seguintes, igualmente deduzidas, da formula (A) para Reaum. e Delisl. comparadas com Cels.

$$(D) \dots\dots R = \frac{80}{100} C$$

ou finalmente

$$R = \frac{C \cdot 4}{5} \dots\dots (R)$$

$$(C) \dots\dots D = - 150 + \frac{150}{100} C$$

ou finalmente

$$D = \frac{C \cdot 3}{2} - 150 \dots (S)$$

das quaes se poderiam deduzir facilmente as duas reciprocas seguintes:

$$C = \frac{R \cdot 5}{4} \dots (R')$$

$$C = \frac{D \cdot 2 + 300}{3} \dots (S')$$

e onde as letras maiusculas — « assim como em todas as demais formulas precitadas » — representam constantemente as diversas escalas thermometricas de que são iniciaes.

Synopse das observações meteorologicas feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa no mez de Dezembro de 1852; pelo Demonstrador de Medicina da mesma, e Membro Benemerito, o Sr. Dr. Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão.

Temperatura media da atmospherá	11°,3.
„ maxima „	13°
„ minima „	9°,5
Maxima variação diurna de temperatura	1°,5
Pressão media da atmospherá	760,69 ^{mil.}
„ maxima „	769,61
„ minima „	741,67
Ventos mais constantes durante o mez	S. NE. N. NO. <small>pol. linh.</small>
Altura da agua no pluviometro	4,1
Dia mais chuvoso do mez (28)	1
Grau medio d'humidade no hygrometro	—3°,5

Observações.

Quando n'este mez a pressão barometrica desceu consideravel e rapidamente a 741,67, que foi entre 15 e 20

do mez, os casos d'apoplexias foram muitos, e observados por quasi todos os practicos de Lisboa: eu fiz notar esta aterradora coincidencia aos Srs. Drs. Gomes, Bizarro, e Lima Leitão, e aos Srs. Santos, Silveira, e Namorado em diversas conferencias, a que assistimos d'infermos apopleticos e emiplegicos; e além d'estes, ainda soube que por essa mesma epocha tinham havido em Lisboa outros muitos casos d'hemorrhagias ou congestões intracraneeas, bem como de fluxões hemorrhagicas d'outros orgãos: tive occasião d'observar uma forte epistaxis na presença d'uma pleuro-pneumonia direita.

O inverno tem corrido muito chuvoso, mas pouco frio, o que tem feito com que não tenham apparecido tantos casos como nos invernos passados d'aquellas molestias, que costumam ser mais frequentes n'estes mezes, como são as pneumonias e os pleurizes.

Em lugar d'ellas tem havido em Lisboa uma verdadeira epidemia catarrhosa, ou grippe. Felizmente não se tem manifestado caso algum grave, e o simples agasalho e resguardo tem sido sufficientes, na grande maioria dos casos, para debellar a molestia. Algumas vezes com tudo a forma anginosa apparece, e é então que se tornam necessarios mais cuidados, e mesmo algumas applicações antiphlogisticas, e sudorificas, as quaes no fim do primeiro septenario tem posto termo ao mal. So tenho observado um caso, que mais por circumstancias individuaes do que pela gravidade da molestia, tem reclamado mais cuidado e vigilancia, e tem-se prolongado mais do que o commum d'estas enfermidades.

Todas as molestias tem apresentado a forma intermitente ou remittente muito pronunciada, circumstancia que ja se nota em Lisboa, especialmente n'esta quadra, ha alguns annos, e que merece ser estudada cuidadosamente; o sulphato de quinina tem por consequente sido applicado em variadas molestias, e quasi sempre com bom resultado.

Casa no Largo do Caldas, em 1.º de Janeiro de 1853.

PEÇAS OFFICIAES.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 452, de 9 de Dezembro de 1852.

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

Foi aberta a sessão pelas 6 horas da noite, lida e approvada a acta da antecedente.

O Sr. 1.º Secretario deu conta da correspondencia e dos objectos doados; e mencionou um officio do nosso Delegado em Mirandella, o Sr. J. S. R. Cardoso, dando parte d'haver fallecido o nosso Consocio o Sr. Antonio Luiz Figueira, de Chaves, e que tendo-se demorado por 25 dias no Porto, visitara todos os nossos Consocios residentes n'aquella Cidade, sendo-lhe muito aprazivel encontral-os interessados pelo incremento d'esta Sociedade, e que o nosso Delegado o Sr. Sousa Dias bem merece da mesma Sociedade, pelo bom desempenho do seu encargo a todos os respeitoos.

A Sociedade deliberou, por proposta do Sr. J. A. Rodrigues, que esta parte do officio do Sr. Cardoso fosse inserta na acta.

O mesmo Sr. 1.º Secretario, como Relator da Mesa, disse que ella era d'opinião que o projecto para a compra de um edificio, apresentado na sessão passada pelo Sr. J. D. Corrêa, fosse guardado no Archivo, para ser consultado quando a Sociedade emprehender alguma coisa n'esse sentido.— Approvado.

O Sr. J. Tedeschi apresentou uma proposta de Candidato para Socio; e declarada urgente, procedendo-se ás formalidades do Regimento, foi approvada e admittido para Membro Correspondente Nacional o Sr. José Felix Nunes Franco, Pharmaceutico em Alemquer.

O Sr. Telles Senior apresentou, por parte da Commissão especial, o Projecto de Reforma dos Estudos Pharmaceuticos.

O Sr. Pereira requereu que o projecto apresentado fos-

se dado para discussão, precedendo avisos a todos os Membros Effectivos. — **Approvado.**

O Sr. Presidente pediu aos Consocios, encarregados de quaesquer trabalhos, que podessem servir de materia de discussão, os apresentassem com a brevidade possivel.

O Sr. J. D. Corrêa foi de voto que se apresentassem algumas questões scientificas, para serem discutidas nas sessões em que houvesse menos affluencia de trabalhos.

O Sr. J. A. Rodrigues foi d'opinião que a Mesa apresentasse alguma these para ser discutida.

Chegada a hora o Sr. Presidente fechou a sessão, dando para Ordem do Dia da seguinte a discussão do Projecto de Reforma dos Estudos Pharmaceuticos.

Manuel Vicente de Jesus,

2.º Secretario.

DIVERSIDADES.

**Viagem pharmaceutica á Exposição universal de Londres;
pelo Sr. Corvaut.**

Quando se annunciou o projecto da exposição universal de Londres, ninguem duvidou que a Pharmacia, não como sciencia, mas como arte, teria tambem um logar n'aquelles *Estados geraes* da industria humana, e um logar em relação com o programma que se publicou. Convencidos nós de que isto assim deveria acontecer, decidimo-nos a fazer uma viagem pharmaceutica ao Palacio de Crystal. E' a relação d'esta viagem que vamos esboçar.

.....

Entrando no edificio colossal erigido para abrigar a exposição, n'este immenso bazar, onde pela primeira vez se achavam reunidos em toda a sua diversidade os productos de todo o mundo, sente-se uma especie de vertigem causada pelo turbilhão de objectos luxuosos, artisticos, bem proprios, para o dizer em poucas palavras, para deslumbrarem o espirito, e que se desinrolam diante do expectador

n'uma extensão pasmosa. Mas, exceptuando os productos chymicos gigantescos que serviam para decorar o edificio, e de que tractaremos depois, podia-se percorrer a extensa galeria do Palacio de Crystal, onde principalmente os objectos de luxo de magnifico effeito estavam expostos; podia-se mesmo visitar todas as grandes salas sem que se encontrasse cousa alguma das que nos interessam. Ah! é porque os objectos do nosso estudo, posto serem, em ultima analyse, mais uteis á humanidade, que a maior parte dos que mais abundavam na exposiçãõ universal, não seduzem os olhos pelo seu brilho, nem impressionam sempre agradavelmente o olfacto com as suas emanações; é porque são *unicamente* uteis. Demais, não offenderiam elles a nossa vaidade recordando-nos as enfermidades do nosso corpo terreste e mortal? Per este motivo foram elles collocados em logares afastados; e por isso pouco excitam a curiosidade mesmo do visitante que se afastou para longe dos objectos seductores. Graças a esta disposiçãõ pode o Pharmacologista, o Chymico, o Naturalista entregar-se tranquillo ao estudo dos productos que lhe interessam, e so de tempos a tempos o vem distrahir a multidãõ que, la ao longe, tumultúa, sussurra, e se comprime.

Comtudo a par d'esta vantagem o homem de sciencia experimenta um desgosto. Nos seus estudos não lhe é concedido fazer uso senão d'uma parte dos sentidos que o Creator lhe concedeu. Pode olhar *ad libitum*; mas jamais poderá apalpar, voltar, cheirar, ou provar, acções estas que convém executar para que as descrições sejam fieis, a menos que não se queira arriscar a infringir o preceito escripto n'estes termos: *No to touch* (não se toque), com letras vermelhas sobre papel branco. A verdade, porém, manda que se diga, para minorar as lastimaveis consequencias d'aquelle preceito, que os policemen de Londres e principalmente os encarregados da guarda dos objectos são tão cortezãos nas suas maneiras como habeis no diagnostico; á legoa distinguem elles o visitante serio do visitante ocioso, o iniciado do profano, e por isso nos con-

cederam que umas por outras vezes commettessemos discretas infracções do terrível *no to touch*.

Nas exposições quinquenaes da industria franceza a Pharmacia era representada por alguns productos e raros instrumentos de seu uso. Na exposição universal não aconteceu assim; exceptuando a Pharmacia galenica, que alli estava muito pobre, e mais do que era razão que fosse, toda a Pharmacia chymica, toda a Pharmacia botanica, ou antes a drogaria estavam alli largamente representadas.

Entenda-se bem que não tencionamos tractar de todos aquelles objectos perfeita nem completamente; porque para isso ser-nos-hia mister empregar meios physicos e intellectuaes de que careciamos, e demais um tal empenho, para ser bem satisfeito, exigia que tivéssemos consagrado ao estudo d'aquellas galerias e substancias longos mezes, e que enchéssemos não algumas poucas paginas, mas volumes inteiros, suppondo mesmo que eramos versados nas sciencias accessorias da Pharmacia. Não foi esta pois a nossa pertença.

Foi para nós muito difficil decidir qual a melhor classificação que deveríamos adoptar n'este relatorio. ; Deveríamos apresentar os objectos classificados geographicamente, isto é, segundo os paizes de que eram provenientes, ou grupal-os por generos, seguindo a analogia? Depois de muita hesitação decidimo-nos por este ultimo methodo. Teremos pois a tractar os seguintes capitulos: 1.º Productos pharmaceuticos propriamente ditos. 2.º Productos chymicos. 3.º Historia natural medica. 4.º Instrumentos. 5.º Objectos diversos; finalmente faremos um resumo.

Productos pharmaceuticos.

Os productos pharmaceuticos propriamente ditos eram em muito pequeno numero, por uma razão muito simples: ; Que productos pharmaceuticos se devem ou podem submeter ao exame d'um jury n'uma exposição industrial? Somente objectos cuja apreciação se possa fazer pelas qualidades physicas. ; E por ventura será possivel julgar das difficuldades vencidas na confecção de misturas que não

teem forma alguma determinada? ; Ou poder-se-hão apreciar as suas virtudes medicas?

Os productos pharmaceuticos mais importantes da exposição universal eram, incontestavelmente os extractos e os pos; e, digamol-o ja, foram os productos provenientes de França os que se avantajaram aos de todas as outras nações. Começaremos a nossa revista pela apreciação dos extractos pharmaceuticos do Sr. Grandval, Pharmaceutico do Hospital de Reims; não so porque formavam a collecção mais numerosa, mas porque revelam uma pequena revolução n'esta forma medicamentosa.

Seríamos exaggerados se dissessemos que estes extractos em nada se assemelham aos das nossas boticas, porém o que podemos affirmar é que differem muito d'elles. ; Quem reconhecera debaixo da forma de grãos brilhantes ou de palhetas micaceas louras, amarellas, vermelhas, escuras-claras, leves, semi-transparentes a substancia dos nossos antigos, mui negros e mui amorphos extractos? Vê-se por esta primeira indicação, que os extractos do Sr. Grandval são todos sêccos. Todos teem o sabor e o cheiro das plantas que os produziram, com uma exactidão e intensidade taes, que os das plantas cujo cheiro é bem definido como a cicuta, o meimendro, o rhuibarbo, e a genciana não necessitariam letreiros para serem reconhecidos. O taraxaco tem um cheiro bem fugaz, bem difficil de determinar: não obstante, o extracto de taraxaco preparado pelo Sr. Grandval, posto sobre a lingua fundese produzindo a sensação simultanea de frescura e amargor que caracteriza o sabor d'esta chicoriacea. Accrescentemos que todos os extractos do Pharmaceutico do Hospital de Reims são muito soluveis; que muitos, infelizmente, são excessivamente hygrometricos, e se convertem em extractos molles depois de se terem aberto umas poucas de vezes os frascos que os contém. Este caracter, bem como os que ja referimos, prova que pelo modo seguido na sua preparação, os principios das plantas são conservados com uma perfeição que não é possivel exceder-se.

Seria muito longo descrever este modo operatorio. Di-

remos somente aos leitores que o ignoram que é por meio do vacuo, obtido em um apparelho de sua invenção, que constitue uma modificação do apparelho de Ure, que o Sr. Grandval opéra. Ajuntemos, circumstancia importante a notar, que na opinião do Sr. Grandval estes extractos tão perfectos custam menos a preparar e saiem mais baratos que os extractos ordinarios, razão porque a sua adopção geral terá todas as vantagens.

Com tudo, antes de se adoptarem geralmente, é mister resolver a questão medica que lhes diz respeito, ou por outras palavras é necessario saber a differença d'actividade que pode existir entre os novos extractos e os antigos; porque é fora de toda a duvida, que aquelles teem uma acção mais energica, não so pelo seu estado de seccura, mas porque os seus principios activos se conservam n'elles inalterados. Esta questão so as experiencias clinicas podem resolver. Ignorâmos que os extractos do Sr. Grandval tenham sido experimentados d'um modo regular e sufficientemente geral debaixo d'este ponto de vista. Limitar-nos-hemos a estas simples reflexões, sobre este objecto, porque a natureza d'este escripto nos não permite ser mais prolixos acrescentando apenas, como simples advertencia aos practicos, que a relação media entre os extractos molles e os extractos sêccos é :: 11:12.

O Sr. Grandval não expoz so extractos medicinaes, mas tambem extractos alimentares, e extractos industriaes obtidos pelo mesmo processo e egualmente perfectos no seu genero.

O extracto de leite que elle apresentou tem o aspecto do mannã em lagrimas, e o cheiro e sabor do leite sem alteração. Diluido em sufficiente quantidade d'agua reconstitue o leite primitivo. Foram expostas conservas de leite, provenientes de diversos paizes, porém muitas d'ellas pareceram-nos ou que eram inferiores em qualidade ou que não satisfiziam a condição importante de serem facilmente transportaveis. Faremos a mesma observação sobre o *extracto de caldo*. Este producto, que não é de pouco valor na practica medica, expol-o o Sr. Grandval de-

baixo da forma de palhetas micaceas, amarellas alouradas, com o cheiro e sabor do caldo, e constituindo-o quando se dissolviam na agua quente.

Posto que os *extractos tinctoriales* (de páo campeche, páo do Brasil, &c.) do Sr. Grandval fossem menos numerosos e em menores porções do que os expostos por fabricantes especiaes, como os da casa Meissonnier de Paris, que primam em perfeição, com tudo os productos eram muito bons, e pareceu-nos que mais finos em qualidade.

Na collecção do nosso collega de Reims faltava um producto, o qual mui bem se pode preparar no seu apparelho; referimo-nos á *albumina sécca* que tanta importancia tem em Pharmacia e sobre tudo nas artes.

A casa Menier de Paris expoz tambem, com outros productos de que fallaremos depois, extractos pharmaceuticos. Digamo-lo de passagem, se esta casa fosse a primeira a revolucionar d'uma maneira tão extensa a preparação dos extractos (1) se tivesse apresentado amostras tão numerosas, se o apparelho, para fazer o vacuo, de que se serve, fosse de tão facil emprego nos laboratorios pharmaceuticos, conceder-lhe-tamos todos os elogios que acabámos de fazer á exposição do Sr. Grandval, porque estes extractos séccos são tão perfectos como aquelles. O Sr. Menier expoz grandissimos frascos cheios de extractos séccos, e em palhetas de rhuibarbo, quina, ipecacuanha, açafraõ, e digitalis que pelo cheiro, sabor, e cõr, attestavam a perfeição do processo operatorio. Os extractos molles do Sr. Menier, como taes, pareceram-nos perfectissimos.

O Sr. Menier possui um importante laboratorio de pharmacia de Paris; comprovemos isto com um exemplo: 500 kilogrammas de belladona verde podem, no seu laboratorio, ser convertidos em extracto n'um só dia. Entrando de manhã; é logo exprimida em uma mó vertical movida por vapôr, para se extrahir o succo; este é defeca-

(1) Para darmos o seu a seu dono devemos dizer que o nosso respeitavel collega o Sr. Dausse, foi o primeiro que propoz levar todos os extractos á secura. Porém então tractava-se so da preparação pelos meios ordinarios, e não no vacuo.

do, filtrado, e finalmente evaporado no vacuo; de tarde está convertido em extracto.

Exceptuando os extractos preparados em França nenhuns outros appareceram no Palacio de Crystal que vallessem cousa alguma. Alguns Pharmaceuticos Inglezes expozeram extractos molles, extractos semi-liquidos, conhecidos em Inglaterra e Alemanha pelo nome de *mellago*, e extractos liquidos, isto é, succos, infusos e decoctos de plantas, um pouco condensados, e conservados por meio de quantidade sufficiente d'alcohol. Estas duas ultimas ordens de productos não são conhecidos na pharmacia franceza.

Os inglezes e americanos enviaram á exposiçãõ o extracto liquido (chamado essencia) de salsa-parrilha, mais como um annuncio ao publico do que como productos seriamente submettidos ao exame do jury.

Havia tambem extractos das solaneas virosas vindos de Bengala, o que demonstra que estes extractos gozãõ na India, como na Europa, de grande credito. A Espanã enviou os mesmos productos e tambem extracto de flor de laranjeira, extracto ou succo d'alcaçus, e extractos secos debaixo da forma de pastilhas lenticulares.

Tractaremos agora d'uma outra forma pharmaceutica importante; os *pos pharmaceuticos*. Em diversas partes da exposiçãõ encontrãmos pos pharmaceuticos vindos de diversos paizes, mas em geral sem apparencia de pertenções a disputar a palma do aperfeiçoamento. So dous expositores fizeram excepção ao que dissemos: O Sr. Menier, de quem ja fallãmos, e os Srs. Haskell, Merrit e Buel de Now-York (Estados-Unidos da America). Estes ultimos apresentaram pos facéis d'obter, e que, não obstante, deixavam perceber o *grão*; o Sr. Menier formou a sua collecção, principalmente, de pos de substancias as mais refractarias á pulverisação; taes como a salsa-parrilha, o alcaçus, a simaruba, a ratanhia, e o coral. Apesar d'esta difficuldade os seus pos estavam reduzidos ao ultimo grão de tenuidade que se pode attingir, e que se reconhece pelo aspecto completamente fosco (mate) do pro-

ducto, e pela adherencia das particulas que faz que, logo que se poem em movimento, ellas cahiam em ondas, ou que *corram* como a agua, segundo a natureza do corpo pulverulento. Dous enormes frascos contendo aço e ferro em po impalpavel, po proveniente das limalhas e não dos oxydos reduzidos pelo hydrogenio, testemunham o poder dos meios de que o Sr. Menier dispõe.

Os nossos leitores não se admirarão do que acabamos de dizer-lhes se souberem que o Sr. Menier fundou ha ja muitos annos, em Noisiel-sur-Marne, um laboratorio hydraulico para a pulverisação das substancias medicinaes, que não tem analogo na Europa, tanto pela sua importancia como pela perfeição dos productos que n'elle se preparam.

Conceder-nos-ham agora que façamos sahir a questão dos pos medicinaes do palacio da exposição, para a fazer entrar no dominio. . . . das hypotheses. Queremos chamar a attenção sobre uma proposição que emittimos na ultima edição da *Officina*.

(Continúa.)

Sousa Telles, Junior.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

PHARMACIA.

Preparações do Iodo contra as escrofulas, a syphilis antiga, e os tumores brancos; pelo Dr. Burgraeve de Gand.

Com os iodados se faz constantemente uso do oleo de figados de raia, e mesmo algumas vezes, quando a constituição é mui delicada, principia-se por administrar o oleo so até que os doentes possam supportar os iodados.

Na syphilis inveterada.

Iodureto de potassio.....	100	grammas,
Agua de flor de laranjeira ..	1,000	„
Iodo	1	„
Iodhydrargyrato de potassa..	1	„

Primeiro um copo de liquor cheio d'este remedio pela manhã; depois um pela manhã e á noute, até desaparecerem os symptomas.

Pela acção d'este medicamento, mesmo nas constituições as mais deterioradas, o doente readquire as forças, e restabelece o seu bom aspecto. O regimen deve consistir principalmente em comidas succulentas, e bebidas tonicas.

Nas escrofulas, gotta, certos casos de phtisica, rachitis, tumores brancos, engorgitamentos glandulosos, &c.

Iodureto de baryo.....	6	grammas,
Canella em po	5	„
Assucar.....	5	„

Divida em 8 papeis, para tomar 2 ou 3 por dia.

Fazendo ao mesmo tempo uso do iodureto de baryo, em fricções ou em topico sobre as ulceras.

Iodureto de baryo.....	2 a 4	decigrammas,
Banha	30	grammas.

*Na cachexia cancerosa, para obter a resolução dos engor-
gulamentos.*

Sabão medicinal	8	grammas,
Gomma ammoniac.	4	„
Iodureto de ferro	2	„
Cicuta em po.	} ãa	2 „
Aconito em po.		

F. pil. de 20 centigrammas. — Duas pela manhã e á noute.

Em fricções para acalmar as dôres agudas.

Iodureto de potassio	3	grammas,
Iodhydrato de morphina	1	„
Banha.	40	„

Uma fricção pela manhã e á noute, por espaço d'um quarto d'hora.

Nas affecções dertosas.

Iodureto d' enxofre.	2	grammas,
Mucilagem arabica, q. b. para fazer 36 pilulas.		

Nos adultos principia-se por uma pilula pela manhã e á noute, augmentando-se até 6, segundo a tolerancia do subjeito. Segunda-se algumas vezes a acção do remedio, pelas fricções com a seguinte pomada:

Iodureto d' enxofre.	6	decigrammas a 4 grammas,
Banha.	30	grammas.

Uma fricção pela manhã e á noute.

(Ann. de la Société de Médecine de Gand.)

H. J. de Sousa Telles.

Falsificação do xarope d'orchata, meio de a reconhecer; pelo Sr. Stan. Martin.

Prepara-se no commercio um xarope d'orchata, que não contém amendoas, nem alguma outra substancia emulsiva.

Tivemos occasião d'examinar este liquido, e o achámos composto de xarope commum, de glucosa, de tinctura alcoholica de balsamo de Perú ou de Mecca, e de oleo essencial d'amendoas amargas.

Este xarope tem o cheiro e sabor da orchata de melhor qualidade; differindo apenas em que, misturado na agua, torna-se d'um branco sujo, e translucido; não se turvando pela agitação; descorando-se, e tornando-se limpido pela filtração.

Reconhece-se melhor a falsificação pelo methodo seguinte: Junctam-se em uma garrafa 30 grammas d'este xarope com 100 d'agua e 10 de ether sulphurico, agita-se por vezes a mistura; depois de 4 ou 5 horas de repouso, o liquido torna-se incoloro perfeitamente limpido; porque o ether senhoreou-se de toda a resina, que torna-va o liquido leitoso. Se se repete esta operação, comparativamente com o xarope d'orchata, feito segundo o *Codigo*, forma-se no liquido uma camada superior, branca, composta d'ether, d'albumina, de gomma, e de parenchyma; o resto do liquido é agua, assucar, e uma quantidade quasi inapreciavel d'oleo suspenso pela emulsina.

(*Ab. Méd.*)

H. J. de Sousa Telles.

Sabão d'oleo de ricino.

Lêmos na *Abelha medica* de 15 de Janeiro de 1853, a seguinte nota. — Segundo affirma o Sr. Stumeke, a saponisação do oleo de ricino pelos alcalis opera-se com grande facilidade. Este oleo fornece com a soda, entre outros, um sabão branco e duro que, administrado em forma pilular, constitue um remedio laxativo dos mais commodos.

Processo particular para obter a magnesia ingleza, chamada — Magnesia d'Henry.

Sabe-se que esta magnesia, tão estimada entre os Inglezes, e cuja preparação é ainda um segredo, é mui pe-

sada e granulosa, em quanto que a officinal é leve e pulverulenta. Suppõe-se que ella se obtém humedecendo o carbonato que se quer calcinar e comprimindo-o fortemente em um cadinho. O Sr. Collas, propoz ha annos o seguinte processo, para obter tambem uma magnesia mui pesada: prepara-se uma pasta bem consistente, de carbonato de magnesia e agua, secca-se em uma estufa, mette-se em um cadinho de sorte que fique bem calcado, e se calcina. O processo do Sr. Mohr approxima-se a este a muitos respeitois, so com a differença de não julgar condição indispensavel o calcar muito a pasta dentro do cadinho, como prescreve Collas.

Dissolve-se em agua distillada o sulphato de magnesia puro, ajuncta-se á dissolução fervendo um soluto de carbonato de soda até não haver mais precipitação. Continua-se a fervura até cessar todo o desinvolvimento do acido carbonico, separa-se o precipitado, ferve-se novamente, lança-se sobre o filtro, lava-se com agua distillada quente, até desapparecer todo o indicio d'acido sulphurico. O precipitado secco, e peneirado, é mui branco e denso; calcina-se ao rubro branco pelo espaço d'uma hora, n'um cadinho d'Hesse bem tapado, obtendo por esta forma magnesia d'uma magnifica côr branca, finamente granulosa; porém nas partes que estiveram em contacto com as paredes do cadinho, tem uma côr amarella, devida ao peroxydo de ferro contido no mesmo cadinho. Esta magnesia tem uma ligeira côr rosada por transparencia; á luz reflectida é d'um bello branco; a sua densidade e peso especifico, são mesmo superiores á magnesia d'Henry, da qual uma pollegada cubica pesa 7 grammas, em quanto que a de Mohr pesou em tres ensaios 10,74; 11,49 e 11,48 grammas. O peso especifico da magnesia d'Henry é de 2,50 a 2,67; a obtida por Mohr pesa 3,148. Mohr aconselha ainda, com o fim de privar esta magnesia d'uma pequena quantidade d'acido sulphurico que pode conter, de ter a precaução, antes de a calcinar, de a aquecer ligeiramente e laval-a em agua quente. (Bulletin de Thérapeutique.)

— H. J. de Sousa Telles.

Preparação do acido benzoico por sublimação; pelo Sr. J. Delagarde.

As flores de benjoim, preparadas por simples sublimação, pouco tempo gastam a tornar-se amarellas, ainda mesmo pelo processo de Mohr, o que sem duvida é devido á grande quantidade d'oleo essencial que conteem.

Tendo tido occasião de fazer semelhantes preparações, em quanto estive no Hospital Maritimo de Rochefort, pareceu-me que ajunctando certa quantidade de carvão animal ao benjoim, o carvão conservaria pelo menos uma parte d'este oleo volatil, ao mesmo tempo que daria mais brancura ao acido benzoico obtido. E com effeito assim aconteceu, conservando ha dous annos o producto d'este modo preparado toda a sua brancura.

Pulverisa-se grosseiramente o benjoim, espalha-se no fundo d'um vaso de folha de Flandres; e em seguida cobre-se d'uma camada de carvão animal, lavado no acido chlorhydrico, d'um meio centimetro d'altura.

Luta-se o vaso, como faz o Sr. Mohr, com uma folha de papel de filtrar; colloca-se na parte superior um capitel de papel grosso, adaptado exactamente á circumferencia do vaso. Poẽ-se este aparelho em banho d'arêa, e aqueuta-se pouco a pouco.

O acido benzoico obtido não é chymicamente puro; porém muito branco, e bom para uso ordinario.

(*J. de Chimie médicale.*)

J. D. Corrêa.

Centro de Documentação da Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

CHYMICA.

Contra-venenos, e meios de os empregar; pelo Sr. Dr. Comet.

Quando os Medicos são chamados a toda a pressa, nos casos de envenenamentos, acham-se geralmente debaixo da influencia de circumstancias especiaes, que nem sem-

pre lhes permitem fazer uma escolha tão prompta como seria necessario do antidoto o mais apropriado.

Qualquer que seja a experiencia do Practico, tem sempre necessidade de se acautelar com o emprego dos mais efficazes agentes neutralisadores, principalmente se tem de os empregar sem demora: mas a brevidade é sempre indispensavel, porque é necessario destruir rapidamente a acção toxica da substancia ingerida, e por isso se torna necessario empregar o que estiver mais á mão.

O estudo e os trabalhos toxicologicos merecem uma seria attenção: todos os annos apparecem novas descobertas sobre a toxicologia e a therapeutica dos envenenamentos. O estudo dos contra-venenos faz progressos diariamente, e para não hesitar em sua administração é mister estar ao facto de todos os trabalhos publicados a este respeito; pelo que nos pareceu util apresentar em um so artigo o estado actual da sciencia, e a indicação dos meios os mais efficazes, que convém empregar na maior parte dos casos de envenenamento.

Publicaremos em primeiro logar um extracto d'um recente trabalho d'Orfila.

« A eschola de Giacomini tem procurado destruir uma ideia fundamental da toxicologia franceza, prescrevendo d'uma maneira absoluta o emprego dos contra-venenos. Em quanto os Medicos e Chymicos francezes de nossos dias dirigem toda a sua attenção para a descoberta de novos contra-venenos, o Professor italiano faz contra este modo de medicação a maior accusação.

» Não procurarei defender a doutrina dos contra-venenos contra as exaggerações de que ella tem sido objecto n'estes ultimos tempos: assim o emprego do ferro metallico contra os saes de cobre; o do proto-sulphuretô de ferro contra o sublimado corrosivo; e sobre tudo o do proto-chlorureto de estanho, veneno irritante, energico, tão gaba-do pelo Sr. Poummet e pelo Instituto contra o mesmo sublimado corrosivo, não são evidentemente susceptiveis d'alguma applicação vantajosa porque não os ha sempre á mão, porque é necessario um certo espaço de tempo

para se poderem haver, e porque um grande numero de experiencias tem demonstrado que elles não teem utilidade alguma quando se administram mesmo um ou dous minutos depois da entoxicação. Ninguem tem mais do que eu (Orfila) insistido sobre a necessidade de recorrer *promptamente* ao emprego dos contra-venenos, se d'elles se quer tirar alguma vantagem; nem ninguem tem contribuido mais a fazel-os considerar como medicamentos, que poderiam não ser de grande utilidade no tractamento de envenenamento, porque o mais das vezes se estará na impossibilidade de os administrar a *tempo*.

» Por outro lado estou convencido de que é *indispensavel* desembaraçar *primeiramente* o doente da substancia venenosa, antes que tenha tempo de obrar, empregando duas especies de meios: em primeiro lugar os *evacuantes*, depois os *neutralisadores chymicos*.

» Será por isto que se tornará necessario renunciar ao emprego dos neutralisadores chymicos, brandos e inoffensivos, ao alcance de todo o mundo, que longe de suspender as evacuações, as *favorecem* destruindo ou attenuando a acção venenosa da substancia ingerida? Quem se persuadirá, por exemplo, que não é mais vantajoso fazer vomitar os doentes com agua tepida, albuminosa, nos envenenamentos determinados por um grande numero de saes metallicos taes como os de mercurio, cobre, chumbo, &c., com a agua tepida, tendo sulphato de soda em dissolução, nos envenenamentos pelos saes de baryta e de chumbo, ou com o mesmo liquido, igualmente tepido, ligeiramente salgado (com o chlorureto sodico), quando se tem engolido o azotato de prata, antes que administrar *somente* agua tepida? Como se não comprehende que ha aqui dous beneficios em lugar de um so, o de fazer vomitar e o de aniquilar no todo ou em parte a porção de substancia venenosa que, por uma causa qualquer, não seria tão *promptamente* expellida como era para desejar? Mas, pergunta-se, as cousas passam-se no estomago como nas retortas dos laboratorios? A isto responder-se-ha que é facil de demonstrar por diversas razões e por *experiencias*

directas que as reacções chymicas teem exactamente logar da mesma maneira nos dous casos : se não houvessem factos para justificar esta asserção, bastaria dizer, para tirar toda a duvida, mesmo entre aquelles que conhecem apenas os elementos da sciencia, que as reacções, de que se falla, teem logar no *momento mesmo em que as substancias se põem em contacto*, e que por isso a natureza do vaso não poderia exercer a menor influencia sobre o resultado. Mas, diz-se ainda, perde-se assim um tempo precioso, durante o qual se deveriam combatter os efeitos *dinamicos do veneno*. O que se sabe hoje a respeito do pretendido *dy-namismo*, que se invoca, dispensa responder minuciosamente a esta asserção; é certo que se fosse necessario encher até á bocca os doentes d'aguardente ou de vinho, como quer a escola Giacomini, haveria perigo de demorar o emprego dos medicamentos incendiarios; mas a observação caduca logo que se prova que seria mais que temerario, quem recorresse a uma tal medicação.

» Não se pode acreditar n'um contra-veneno senão quando elle reune, como sempre se tem dito, as seguintes condições: 1.^a Deve achar-se á mão facilmente, e poder-se administrar em alta dose sem inconveniente: 2.^a E' necessario que elle decomponha o toxico, ou que se combine com elle de modo que dê logar a um composto inerte ou pelo menos um composto menos activo do que o proprio veneno: 3.^a Convém que além disso elle favoreça o vomito. Debaixo d'este triplo ponto de vista, a albumina, que tem sido primeiramente aconselhada, offerece as maiores vantagens: de facto ella está ao alcance de toda a gente, é nauseante, pode ser tomada em mui grande dose sem perigo, e forma com os saes mercuriaes um composto muito menos activo do que elles; ainda mais a acção salutar da albumina, como meio de decomposição de muitos outros saes metallicos e d'alguns acidos é tal que ninguém duvidará admittir a seguinte regra: « Em todos os casos de envenenamento, desde a apparição dos primeiros symptomas, e ainda mesmo antes de se ter reconhecido a natureza do veneno ingerido, é necessario dar ao

«doente agua albuminosa fria, ou melhor ainda, quente, «porque esta dissolução, que está ao alcance de toda a «gente, tende a provocar o vomito, porque diminue notavelmente a intensidade toxica de um grande numero «de saes, e de certos acidos, e porque mesmo quando «não tem acção chymica sobre o veneno, não agrava os «accidentes, e pelo contrario convém sempre por favor «recer o vomito.»

» Por outro lado o Sr. Bussy tem considerado como um antidoto, de um uso geralmente effizaz, a magnesia pouco calcinada e administrada em mui grandes doses. Este sabio Chymico affirma:

» Que a magnesia pura, mas ligeiramente calcinada, «pode facilmente absorver o acido arsenioso em dissolução; e formar com elle um composto insolavel, mesmo «na agua fervendo.

» Que os animaes a que tem administrado o arsenico são constantemente salvos, quando se lhes tem feito tomar doses sufficientes de magnesia.

» Que este antidoto apresenta, sobre os que são conhecidos e empregados actualmente, a vantagem de se encontrar sempre prompto em todas as pharmacias; de neutralisar facil e completamente o veneno; de poder ser dado sem inconveniente em grande dose, e de seus effeitos therapeuticos geraes estarem em relação com as medicações que se precisam preencher neste genero de envenenamentos.

» Que a magnesia decompõe o emetico, os saes de cobre, e o sublimado corrosivo; e que ha razão para acreditar que se pode empregar com vantagem para combater e attenuar os effeitos d'estas substancias toxicas e o dos saes metallicos em geral.

» Que os saes dos alcalis organicos, morphina, strychnina, &c.; sendo egualmente decompostos pela magnesia, o seu emprego nos casos de envenenamento pelos productos organicos, que devem sua acção á presença d'alcalis vegetaes, podia ter o resultado de retardar ou tornar mais difficil a absorpção do veneno (*).

(*) Nos envenenamentos pelos alcalis vegetaes, tem-se aconselhado;

O Sr. Professor Caventou reconheceu tambem a acção real da magnesia, mas prefere-lhe o hydrato de ferro como antidoto dos preparados arsenicaes e metallicos. Entretanto admite que na falta do hydrato de ferro pode-se empregar a magnesia.

Depois d'estes dados geraes, que devem estar na memoria de todos os Practicos, e servir-lhes de auctoridade, formulamos a seguinte lista dos melhores contra-venenos.

Contra-venenos dos acidos concentrados: Magnesia em abundancia diluida n'agua; agua de sabão, forte: nada de vomitivos. Depois de vencidos os accidentes mais graves clysteres d'agua de sabão.

Contra-venenos dos alcalis concentrados: Acidos, sumo de limão, vinagre com agua, nada de vomitivos: limonada tartrica, especialmente contra os saes de potassa.

Contra-venenos dos preparados mercuriaes: Agua albuminosa feita com uma duzia de claras d'ovos, battidas em agua tepida: beber abundantemente, e excitar os vomitos introduzindo os dedos na garganta. Depois administrar em excesso magnesia diluida n'agua, e á falta de melhor cousa, leite diluido com metade d'agua.

Contra-venenos dos preparados arsenicaes: Agua albuminosa em abundancia; excitar o vomito em quanto não se tem á mão o hydrato de peroxydo de ferro, ou na sua falta a magnesia hydratada, que se administrará em proporções que nunca podem ser mui consideraveis.

Contra-venenos dos preparados de cobre: Como para o envenenamento pelo arsenico: e administrar depois um electuario composto de mel, limalha de ferro e de zinco (MM. Dumas et Bouchardat).

para neutralisar o veneno, a administração da agua iodada; da qual eis ahí a formula:

T. Iodureto de potassio	40 centigrammas,
Iodo	10 " "
Agua.	1 litro.

Algumas experiencias sobre os animaes, feitas no momento da ingestão do veneno, teem dado logar a acreditar na efficacia d'este antidoto; porém ainda não recebeu a sancção pelo emprego feliz no homem.

Contra-venenos dos preparados de chumbo e baryta: Fazer vomitar com agua tepida, tendo em dissolução sulphato de soda, ou na sua falta agua de poços, simples ou albuminosa; a magnesia e o hydrato de ferro administrados em doses elevadas.

Contra-venenos dos preparados antimoniaes: Agua albuminosa, magnesia, decocto de noz de galha, ou decocto hem saturado de quina ou de casca de carvalho: para aplacar os vomitos algumas colheres de xarope de diacodio.

Contra-veneno dos preparados de prata: *nitrato de prata ou pedra infernal*: Solução tepida de sal de cosinha (20 grammas por cada litro d'agua).

Contra-venenos dos preparados de ouro, zinco, bismutho, e estanho: Agua albuminosa, magnesia, hydrato de peroxydo de ferro.

Contra-venenos dos preparados de phosphoro (entre outros os palitos phosphoricos): Os dos acidos concentrados, indicados acima.

Contra-venenos dos preparados d'opio e dos vegetaes narcoticos: Fazer vomitar abundantemente; depois hebidas aciduladas, clysteres purgativos, e café em agua.

Contra-venenos dos preparados alcoholicos, determinando uma embriaguez absoluta: Fazer vomitar com agua quente, depois algumas gottas d'ammoniaco liquido em agua assucarada; um clyster d'agua quente, tendo em solução uma grande colherada de sal de cosinha.

Resta-nos apresentar algumas regras para observar no tractamento dos envenenamentos, depois da administração dos mais urgentes soccorros.

Estando preenchidos os mais urgentes soccorros, isto é, depois de ter enchido o doente de liquidos, tanto quanto possivel neutralisadores do veneno, e de o ter feito evacuar por cima e por baixo, administrados os antidotos especiaes, ha ainda necessidade de se darem os cuidados medicos de extrema importancia.

Convém, na maior parte dos casos, insistir no emprego dos purgantes, e vigiar principalmente as alterações, que

podem apparecer sobre tudo nas funcções da circulação e da respiração.

E' necessario excitar a pelle com fricções sêccas, e mesmo com sinapismos collocados sobre os membros; entreter um calor moderado do corpo; depois facilitar os movimentos inspiratorios, por pressões alternativas das paredes do peito.

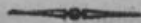
Prescrever-se-hão os diureticos nos envenenamentos pelos preparados arsenicaes e antimoniaes. Se ha um consideravel abatimento de forças vitaes, augmentar-se-hão com precaução, empregando algumas colheres d'uma poção estimulante, toxica, ou uma pequena quantidade de vinho de Malaga, de Lunel, &c.

Nos envenenamentos pelos narcoticos, o uso do café em agua deve ser mais prolongado. Algumas vezes uma pequena sangria se torna necessaria.

Nos envenenamentos pelos acidos concentrados, principalmente o acido sulphurico, o azul liquido, e a agua forte, o Sr. Bouchardat recommenda administrar abundantemente soluções de bicarbonato de soda, dez grammas d'este sal para cada litro de bebida. Esta medicação consecutiva tem por fim oppor-se á congelação do sangue, que pode ter logar nos vasos, em consequencia da absorpção dos acidos concentrados; mas a administração do bicarbonato de soda não deve ter logar nos envenenamentos pelos saes acidos venenosos, taes como o arsenico, &c.

Se no exercicio das funcções sobreviessem complicações graves, seu tractamento entraria na therapeutica ordinaria das doenças: não é possivel indical-o n'este artigo especial para os soccorros de urgencia nos casos de envenenamentos.

J. Tedeschi.



PHYSICA.

Synopse das observações meteorologicas feitas na Escola Medico-Cirurgica de Lishoa no mez de Janeiro de 1853; pelo Demonstrador de Medelina da mesma, e Membro Benemerito, o Sr. Dr. Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão.

Temperatura media da atmosphera	10°,7
„ maxima „	13
„ minima „	8,5
Maxima variação diurna de temperatura	4,5
Pressão media da atmosphera	760,37
„ maxima „	769,61
„ minima „	736,59
Ventos mais constantes durante o mez	N, NO, NE.
Altura da agua no pluviometro	4,1 <small>pol. linh.</small>
Dias mais chuvosos do mez 3, 6, 26	0,6
Grau medio d'humidade no hygrometro	-3°,4

Considerações.

O primeiro trimestre do presente anno vae-se apresentando quasi tão mortifero e doentio, como o correspondente do anno passado. Sem duvida que ha periodos, ou constituições atmosphericas, em que as molestias, ainda as mais graves, correm de um modo regular, cedem com facilidade ao tractamento empregado, e curam-se algumas, até com pasmo e surpresa dos proprios Medicos! Tal era o modo porque um grande numero d'infermidades se haviam apresentado nos ultimos mezes do anno passado, mas actualmente apresentam-se as cousas de um modo bem diverso; a lethalidade é maior, as molestias apparecem desde seu começo com ar de gravidade, e correm sempre

de um modo traiçoeiro e insidioso: direi mesmo que a maior parte das molestias agudas teem sido fataes dentro do primeiro septenario, e aquellas que se prolongam mais, e que se curam, é com uma demora, e com tanta disposição para as recaídas e recidivas, que trazem por longo tempo o espirito do Practico inquieto e sobresaltado.

¿ De que dependerá pois esta indole lethal da estação actual, bem como a do primeiro trimestre de todos os annos (aqui em Lisboa), tão diversa e opposta á da maior parte das outras epochas do anno? Sem duvida alguma depende isto do estado da circumfusa. ¿ E qual é esse estado da atmospherica n'este periodo do anno? As nossas observações meteorologicas ainda nos dizem bem pouco a este respeito; com tudo sabemos, que a direcção dos ventos, a humidade, e a temperatura, são as tres qualidades da atmospherica que n'este periodo tornam suas feições mais caracteristicas. D'este modo podemos dizer que os ventos mais pertencentes ao semicirculo N,O,S, ou os ventos do mar, que a humidade atmospherica tal que o ponteiro do hygrometro passa áquem de zero (Saussure), e que uma temperatura inferior a 12º de Reaumur, são tres circumstancias que, quando junctas, formam uma terrivel constituição atmospherica em Lisboa. Mas dando-se algumas vezes estas tres circumstancias da circumfusa sem tanta gravidade para as molestias reinantes, é necessario estudar mais a materia até que se chegue a descobrir essa relação importantissima que deve ligar o estado da atmospherica com o da salubridade d'uma dada povoação.

O que nós sabemos, até por observações proprias, ácerca da electricidade e do magnetismo atmospherico, quanto á sua importancia para a resolução d'este problema, pouco nos esclarece. Quando as observações feitas no norte da Europa pareciam fazer inclinar os espiritos a acreditar que o desinvolvimento da cholera-morbus coincidia com certos estados do magnetismo atmospherico, dirigimos observações constantes por mais de um anno n'este sentido, repetidas tres vezes por dia, e podemos assegurar que as variações e as oscilações do ponteiro magneti-

co não faziam differença attendivel d'umas para outras estações. Com isto tudo so queremos significar que os nossos instrumentos d'observações meteorologicas ainda são muito deficientes para a completa resolução d'este importantissimo problema da Hygiene Publica.

No mez de Janeiro teem apparecido molestias muito variadas, mas sempre graves, e sempre rapidas na maior parte dos casos: temos visto cruops em creanças, e fataes; cuja fatalidade tem dependido mais do character ataxico, e dinamico da molestia do que da suffocação prompta, e quasi sempre fatal produzida pelas pseudo-membranas de vias aereas: vimos uma peritonite simples, e fatal, vimos pneumonias muito duradouras, e muito graves, mas nas quaes o tartaro emetico fez milagres: os Srs. Santos, Silva, e Dr. Gomes poderão testemunhar alguns dos casos: tenho observado hemorragias cerebraes, hematemesis, e enterorrhagias rebeldes e graves, e quasi sempre coincidindo com as descidas rapidas do barometro: tive igualmente occasião d'observar alguns exantheas, especialmente escarlatinas; e na maior parte dos casos com a gravidade que lhe é propria, e ataques rheumaticos summamente dolorosos e rebeldes a todo o tractamento.

No meio d'esta campanha continua, em que os Practicos de Lisboa se teem achado ha mais de um mez, o elemento ou a forma intermittente não tem deixado de vir complicar estados ja de per si tão graves e assustadores; com tudo, ao menos, para essa forma morbida possuímos nós um poderoso meio de combattel-a, qual é o sulphato de quinina.

O Hospital de S. José tem igualmente pelo numero de seus enfermos, e pela mortalidade relativa comprovado, desgraçadamente, estas nossas asserções. ; E que muito pode admirar que n'um mez que tem corrido tão chuvoso, tão desabrido, e tão invernos, as classes pobres, e miseraveis ainda tenham soffrido mais? ; Classes a quem falta tudo quanto é indispensavel para resistir aos rigores d'uma estação muito menos ingrata? Mas ainda assim estas classes em Portugal, felizmente, não tocam o grau de

miseria em que se acham n'outros paizes, que se dizem muito mais illustrados do que o nosso.

Casa no Largo do Caldas n.º 62, no 1.º de Fevereiro de 1853.

REVISTA DOS JORNAES.

FEVEREIRO de 1853.

Observações e deducções meteorologicas. — O Sr. Dr. Guilherme José Antonio Dias Pegado, Lente de Physica na Eschola Polytechnica de Lisboa, começou em Janeiro d'este anno a publicar as suas interessantissimas observações e deducções meteorologicas, correspondentes ao mez de Dezembro e Janeiro passados. Temos tido a honra de receber de S. S.^{as} os mappas publicados, e aqui os recommendamos não so pelo que valem em muitas circumstancias da vida, para a explicação de diversos phenomenos, que so a meteorologia pode dar, mas tambem pelo modo porque estão redigidos. Incontestavelmente o Dr. Pegado é um dos sabios portuguezes que mais escrupulosamente tracta os assumptos de que falla ou escreve. Oxalá que mais alguem siga o seu exemplo, e que observações d'esta natureza se principiem a fazer com a devida exactidão em outros pontos do Reino.

Gazeta medica de Lisboa. — Recebemos o primeiro numero d'este periodico, redigido por vinte dos mais sabios Professores e Clinicos de Lisboa. Posto tenhamos a convicção de que os jornaes scientificos em Portugal são impossiveis, porque lhes falta o auxilio indispensavel, fazemos votos para que este progrida a fim de que a Medicina portugueza consiga fazer-se conhecida nos paizes estrangeiros. Contém o primeiro numero os seguintes artigos: Estudo sobre as urinas, pelo Sr. Dr. Gomes. Diveros casos de operação da talha, pelo Sr. Magalhães Coutinho. Causas da grande mortalidade no Hospital de S. José, pelo Sr. Antonio Maria Barbosa.

Nomeações. — Foi nomeado Pharmaceutico-Mór do Hospital Geral de Madrid o Sr. D. Benito Morales.

O Imperador Luiz Napoleão nomeou primeiro Pharmaceutico da casa imperial o Sr. Acar, de Ham, e Pharmaceuticos ordinarios d'elle Imperador os Srs. Marcotte, Cadet-Gassicourt e Mialhe.

Donativos feitos pelo Sr. Orphila. — O Sr. Orphila, conhecido em todo o mundo civilisado pelos seus numerosos e excellentes trabalhos sobre Toxicologia, acaba de practicar uma acção tão generosa e ao mesmo tempo tão delicada, que não podemos deixar de fazer d'ella especial menção. No principio d'este anno distribuio por diversos estabelecimentos scientificos de França uma somma de 121:000 francos, da seguinte maneira:

1.º Ao Estado, para concluir o Museo Orphila 60:000 fr.

2.º A' Academia de Medicina, para fundar um premio de 2:000 fr., uma inscripção de 1:000 fr. de juro de 3 por 100.

3.º A' Eschola de Pharmacia de Paris, para fundar um premio de 1:000 fr., uma inscripção de 500 fr. de juro de 3 por 100.

4.º A' Associação dos Medicos do departamento do Seine uma inscripção de 400 fr. de juro de 3 por 100.

5.º A' Eschola preparatoria de Medicina de Bordeaux 1:000 fr.

6.º A' Eschola preparatoria de Medicina d'Angers 2:200 fr.

7.º Ao Estado (para despesas de inversão de fundos) 4:600 fr.

A somma de 121:000 francos é completada considerando os 1:900 fr. de juro de 3 por 100 destinados ao pagamento dos n.ºs 2, 3, e 4, comprados a 64 fr.

Em outro numero publicaremos a carta interessantissima que o Sr. Orphila dirigio ao Sr. Bussy, Director da Eschola de Pharmacia de Paris, na qual regula a fundação do premio, e propõe algumas questões a que deve ser especialmente destinado.

Estudos em Hespanha. — Em 24 de Janeiro p. p. 2.ª Serie, T. IV. — N.º 3.

ordenou S. M. a Rainha d'Hespanha que fosse permittido aos estrangeiros seguirem n'aquelle reino os estudos necessarios para obterem os titulos das profissões scientificas, debaixo das mesmas condições a que estão sujeitos os hespanhoes.

Fumarina. — O Sr. Hannon extrahio da *Fumaria officinalis* um alcaloide a que deu o nome de *fumarina*. E' branca, amarga, e tem reacção alcalina. E' pouco solúvel n'agua, e mais no alcohol, d'onde se separa em pequenos crystaes pela evaporação espontanea. Une-se com facilidade aos acidos diluidos, e forma soluções salinas, susceptiveis de fazer escuma, e geralmente crystallisaveis. Pelo seu modo d'obrar na economia parece ser um dos mais heroicos antiphlogisticos. Não existe so na *Fumaria officinalis*; outras especies do mesmo genero tambem a contém, porém aquella é onde mais abunda, principalmente quando vegeta em terrenos fortes, adubados, bem ricos d'azoto, e sobre tudo quando é colhida, em plena floração, nos mezes de Junho e Julho. Para obter a *fumarina* propõe o Sr. Pommier o seguinte processo: Lave-se, escolha-se, e reduza-se a polpa a fumaria; ajunte-se-lhe um volume egual d'agua distillada acidulada com acido acetico, e faça-se digerir. Cõe-se com expressão; e depois precipite-se o liquido pelo ammoniacó. Obtem-se assim a *fumarina* bruta, com a qual se pode preparar os saes. Para isto basta dissolver-a nos acidos diluidos, decorar pelo carvão animal, isempto de cal, concentrar o soluto até á consistencia de xarope, e deixar crystallisar espontaneamente. Descorando pelo carvão uma dissolução salina deste alcaloide, precipitando-o pelo ammoniacó e fazendo-o depois crystallisar no alcohol obtem-se a *fumarina pura*.

Preparação da pomada oxygenada. — O Sr. Houstin propõe, como o melhor processo para a preparação da pomada oxygenada, aquecer a banha até á temperatura da agua fervendo, pouco mais ou menos, ajunctar então o acido azotico, deixar por alguns instantes sobre o fogo mechendo sempre, tirar para fora, agitar até que esfrie, e deital-a depois nos moldes de papel. As vantagens que acha n'este processo são as seguintes: 1.^a Fazer-se a reac-

ção em muito pouco tempo; 2.^a ser a reacção completa, o que não acontece pelo processo ordinario; 3.^a ficar a pomada com uma bella côr amarella, e não amarella esverdeada; 4.^a não manchar o papel dos moldes em que se deita.

Molestia dos nabos. — Os nabaes da Belgica teem sido atacados d'uma molestia de que ja tinham sido acomettidos os da Inglaterra e Escossia. Nota-se nos individuos doentes uma alteração geral, que se manifesta, entre outros symptomas, pela morte das folhas; o gado não come a planta doente. O Sr. Moren leu á Academia Real da Belgica uma memoria sobre esta infermidade, que vem designada no Bolletin de M. C. y Far. de Madrid com o nome de *nabuno*. O Sr. David Low considera esta molestia uma especie de gangrena.

Almofadinhas desinfectantes de carvão. — O Sr. Howd, Medico irlandez, emprega, com muito bom resultado, almofadinhas cheias, em parte, de carvão em po, como meio de destruir o mau cheiro nas camas dos doentes que teem dejecções alvinas involuntarias, incontinencia d'urina, &c. Collocam-se por baixo do corpo dos enfermos.

Remedios secretos. — E' digno de ler-se o discurso que, ácerca de remedios secretos auctorizados pelo governo francez, leu na Eschola de Pharmacia no dia 4 de Novembro o Sr. Soubeiran. Vem no Journal de Pharmacie et Chimie de Dezembro de 1852. Em materia de charlatanismo, ainda que vamos mal, somos talvez a nação que menos soffre.

quinidina. — Alguns jornaes scientificos de França, pertencentes aos mezes de Dezembro e Janeiro passados, occupam-se do estudo d'um novo alcaloide das quinas, que n'estes ultimos tempos foi inculcado, em uma publicação anonyma, espalhada com profusão em Paris, como existindo no estado de sulphato no sulphato de quinina, a fim de o falsificar. Este alcaloide é já notavel pelas duvidas que ácerca da sua existencia teem tido os seus proprios descobridores, e pela divergencia em que estão os Chymicos ácerca das suas propriedades. Os Srs. Henry e Delon-

dre descobriram em 1833 este alcaloide nas aguas amarellas que sobrenadam a quinina depois da distillação das tinturas alcoholicas, e deram-lhe o nome de *quinidina*, e passado um anno declararam que não o consideravam ja como uma especie nova mas sim como um *hydrato de quinina*. O Sr. Winchler, pelo contrario, indicou-o primeiro como um hydrato de quinina, e depois como um alcaloide diverso d'aquelle. O Sr. Leers publicou que a quinidina se extrahia das quinas de Bogotá com o fim de falsificar com elle o sulphato de quinina. Finalmente, o Sr. Van-Heijmingen extrahio da quinoidina uma substancia a que deu o nome de *quinina*, a qual parece ser a quinidina dos auctores mencionados. As propriedades e composição que todos estes Chymicos dão á quinidina são diversas, porém assemelham-se tanto ás da quinina que o Sr. Bouquet, que foi director da fabrica Pelletier e Berthemot, julga que por em quanto se não deve considerar como uma especie chymica bem determinada. Com tudo o Sr. Bussy e Guibourt, admittem a sua existencia como tal. D'uma analyse por elles feita d'um sulphato de quinina de cuja pureza se duvidava, extrahimos as seguintes consequencias:

1.^a A quinina e a quinidina, qualquer que seja a composição atomica d'esta ultima, que ainda não está definitivamente fixada, são dous alcaloides das quinas com propriedades physicas e chymicas differentes.

2.^o A quinina separa-se das suas dissoluções hydro-alcoholicas debaixo da forma d'um liquido d'apparencia xaroposa, que conserva a sua transparencia seccando ao ar. Quando, porém, se estende em camada delgada sobre vidro, torna-se opaca, tomando uma estructura crystallina, muito fina e indeterminada.

No primeiro estado, a quinina parece conter 3 equivalentes d'agua, ou 14,29 por 100; no segundo estado contém so 1 equivalente, ou 5,26 por 100, suppondo o equivalente da quinina igual a $C^{20} H^{12} Az O^2$.

A quinidina separa-se das suas dissoluções hydro-alcoholicas, e alcoholicas em crystaes, que segundo a nossa opinião (Bussy e Guibourt) pertencem ao systema directo

rectangular ou rhomboidal. As principaes formas que nos apresentou foram :

O octaedro rectangular ;

O octaedro rhomboidal, muito semelhante ao do enxofre nativo ;

O prisma directo reetangular, geralmente curto, e algumas vezes quasi cubico ;

O prisma directo rectangular mais comprido e terminado por uma faceta ;

O prisma direito rhomboidal.

Estes crystaes parecem anhydros, porque não diminuem sensivelmente de peso a 100° .

3.º A quinina é solúvel a frio, em todas as proporções no ether, e no alcohol absoluto ; quasi em todas as proporções no alcohol de 90° .

A quinidina, a frio, exige 140 a 150 partes d'ether para se dissolver ; 45 p. de alcohol absoluto ; 105 p. d'alcohol de 90° ; dissolve-se em 3,7 p. d'alcohol absoluto fervendo.

4.º O sulphato de quinina crystallizado (bibasico segundo Liebig, neutro segundo Regnault) dissolve-se a frio em 57 p. d'alcohol absoluto e em 63 p. de alcohol de 90° .

O sulphato de quinidina correspondente dissolve-se, a frio, em 30 a 32 p. d'alcohol absoluto e em 7 p. d'alcohol de 90° .

5.º O sulphato de quinina dissolve-se em 265 p. d'agua fria e em 24 p. d'agua quente.

Segundo Howard, o sulphato de quinidina dissolve-se em 73 p. d'agua fria, e em 4,20 p. d'agua fervendo. Segundo Leers dissolve-se em 16 p. de agua fria e em 130 p. d'agua fervendo.

6.º O oxalato de quinina é insolúvel na agua.

O oxalato de quinidina dissolve-se bem na agua, e crystallisa facilmente pelo resfriamento ou evaporação.

Fallecimento. — Morreu em Londres d'uma apoplexia fulminante o Sr. Jonathan Pereira, conhecido por um dos maiores Pharmacologistas. Era nosso Socio. Deixou uma obra excellente de *Materia Medica*.

Sousa Telles, Junior.

PEÇAS OFFICIAES.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 453, de 30 de Dezembro de 1852.

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

Pelas seis horas e meia da noite foi aberta a sessão, lida e approvada a acta da antecedente; e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

O 2.º Secretario fez a leitura da acta da ultima sessão do Conselho Administrativo.

O Sr. Presidente convidou o Sr. 1.º Secretario a fazer a leitura de todo o Projecto de Reforma dos Estudos Pharmaceuticos; finda a qual declarou estar em discussão na sua generalidade.

O Sr. Pereira fez algumas considerações sobre a generalidade do projecto, declarando que reservava fazer algumas emendas para quando se tractasse da sua especialidade.

Approvado o projecto na generalidade, o Sr. Presidente annunciou passar-se á discussão na especialidade, tendo esta logar por artigos.

O Sr. Corrêa pediu esclarecimentos sobre o Art.º 1.º, e, sendo satisfeito pelo Sr. Relator da Commissão, foi o dicto artigo approvedo.

O Sr. Pereira pediu a palavra sobre o Art.º 2.º, e foi d'opinião que a Physica e Chymica deveriam considerar-se como preparatorios para a Eschola especial de Pharmacia, e não como fazendo parte do Curso; bem como os dous annos de practica deviam servir de preparatorios para a Aula practica.

O Sr. Rodrigues disse que a Lei actual da Eschola de Pharmacia divide o Curso em theorico e practico; que no primeiro estão incluidas a Chymica e a Botanica, e não podiam de certo ser consideradas d'outra forma.

O Sr. Telles Junior foi d'opinião que as sciencias que a Commissão pede, não formam um Curso completo de

Pharmacia, e que julgava indispensaveis a Mineralogia e a Zoologia.

O Sr. Rodrigues fez vêr que a Mineralogia e Zoologia podiam-se muito bem dispensar, pois que nos estudos que a Commissão propõe se aprenderia, d'aquelles dous ramos d'Historia Natural, o sufficiente ao Pharmaceutico.

Fallaram ainda n'esta questão os Srs., Telles Senior, Corrêa, e Telles Junior, e em seguida posto á votação o Art.º 2.º foi approvedo e os seus paragraphos.

A's nove horas e um quarto fechou o Sr. Presidente a sessão, dando para a seguinte a continuação do projecto em discussão.

Acta n.º 454, de 27 de Janeiro de 1853.

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

Foi aberta a sessão pelas seis horas e meia da noute, lida é approveda a acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. J. J. Carvalho, de Villa-Nova de Gaya, enviou uma proposta sua, que tem por fim pedir-se a modificação do Art.º 131.º do Decreto de 29 de Dezembro de 1836. — Ficou sobre a mesa, para ser tomada em consideração em occasião opportuna.

A Commissão especial, incumbida do Projecto de Reforma dos Estudos Pharmaceuticos, apresentou o seu Parecer sobre as considerações feitas pelo nosso Consocio o Sr. L. V. Fortuna, de Mathosinhos; o qual ficou sobre a mesa, para ser tomado em consideração.

Continuou a discussão do Projecto de Reforma dos Estudos Pharmaceuticos; e foram approvedos os Art.ºs 3.º e 4.º

O Art.º 5.º foi longamente discutido, havendo diversas opiniões sobre o tempo que deveria durar cada lição na Aula practica. Tomaram parte n'esta discussão os Srs., Sousa Pereira, Corrêa, Rodrigues, Vicente de Jesus, Telles Senior, Telles Junior, e J. Q. Avellar; ficando approvedo o Art.º do projecto.

O Art.º 6.º foi egualmente discutido, e approvedo com pequena modificação no que respeita ao Jardim Botânico.

Os Art.ºs 7.º e 8.º approvedos.

Passando-se ao Art.º 9.º, o Sr. Corrêa foi d'opinião que o primeiro provimento das Cadeiras das Escolas de Pharmacia era da attribuição do Governo, segundo o que se tinha observado nas reformas das Escolas Medico-Cirurgicas em 1825 e 1836; e não lhe parecia conveniente o disposto no projecto.

O Sr. Telles Junior mostrou os inconvenientes que resultam d'essas nomeações feitas pelo Governo, e insistio em que os logares fossem providos por concurso publico.

O Sr. Corrêa pedio o adiamento d'esta discussão, por estar a hora adiantada; ao que a Sociedade annuo.

Sendo mais de nove horas fechou o Sr. Presidente a sessão.

Acta n.º 455, de 10 de Fevereiro de 1853.

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

Abriu-se a sessão pelas seis horas e meia da noute; foi lida e approveda a acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. E. Marchand, de Fécamp, Membro Correspondente Estrangeiro, enviou á Sociedade pelo nosso Consocio o Sr. V. Tedeschi, que se achava em Paris, uma Memoria manuscripta sobre aguas potaveis. — A Sociedade deliberou que esta Memoria fosse remettida a uma Commissão especial, composta de tres Membros, para sobre ella apresentar o seu juizo critico; e, incumbida a Mesa da sua nomeação, foram nomeados os Srs., Dr. F. A. Pereira da Costa, J. J. de Sousa Telles, e J. A. Rodrigues.

O Sr. Rodrigues, como Director da Commissão de Chymica, deu parte que a agua, remettida d'Obidos, para ser analysada, continha sulphydrico, sulphatos e chloruretos, saes de cal e de soda.

Passou-se á discussão do Projecto de Reforma dos Estudos Pharmaceuticos.

O Sr. 1.º Secretario fez a leitura do Art.º 9.º, e impugnaram a sua doutrina os Srs. Corrêa e Carvalho Senior: os Srs., Telles Junior e Rodrigues defenderam-a.

O Sr. Presidente chamou a atenção da Sociedade e dos Socios que haviam tomado parte na discussão, que a doutrina d'este Art.º seria melhor ser debatida quando se tractasse do Art.º 34.º Ficou por tanto adiada a discussão do Art.º 9.º

Foram approvados os Art.ºs 10.º, 11.º, 12.º, e 13.º

O Art.º 14.º foi approvado com uma emenda feita pelo Sr. Carvalho Senior.

O Art.º 15.º approvado; e o Art.º 16.º igualmente approvado com um addicionamento do Sr. Rodrigues (e a 1.ª Cadeira da Eschola Polytechnica).

O Art.º 17.º entrou em discussão, e o Sr. Pereira disse que se não devia exigir a certidão d'idade, aos individuos que pretendessem matricular-se na Eschola de Pharmacia. Fallaram sobre este assumpto os Srs., Carvalho Senior, Rodrigues, Corrêa, e Telles Senior; e foi approvado o Art.º com a emenda do Sr. Pereira.

O Art.º 18.º foi approvado.

A'cerca do Art.º 20.º lembrou o Sr. Rodrigues que sobre a mesa havia uma proposta do nosso Consocio o Sr. Carvalho, de Villa-Nova de Gaya, a respeito do registro de matriculas.

O Sr. 1.º Secretario fez a leitura da referida proposta, e sobre ella e o Art.º 20.º fallaram os Srs., Corrêa, Pereira, Carvalho Senior, e Rodrigues; ficando approvado o Art.º com a modificação de que os Pharmaceuticos seriam obrigados a dar parte dos Aspirantes que tivessem nas suas officinas, somente á Eschola que lhes ficasse mais proxima.

Pelas nove horas e meia encerrou o Sr. Presidente a Sessão.

Manuel Vicente de Jesus,

2.º Secretario.

DIVERSIDADES.

Viagem pharmaceutica á Exposição universal de Londres,
pelo Sr. Dorvault; continuada de pag. 36.

Até ao presente os Pharmacologistas teem considerado a pulverisação como uma simples mudança de forma dos corpos. Julgam elles que por esta operação os solidos não experimentam outra alteração que a proveniente da separação das suas moleculas integrantes, e que cada particula do corpo dividido se pode considerar como um diminutivo da massa inteira. Nós pensamos d'outro modo. Se até agora todos teem seguido a opinião que exposemos, é isso devido a que os factos em que nos baseamos para a refutar são mui difficéis de apreciar. E' opinião nossa que, em certos casos, a pulverisação não altera a constituição as propriedades intimas dos corpos; porém temos a convicção de que ha substancias, em maior numero talvez do que ousamos suppor, que a simples operação modifica, tanto na sua composição chymica como nas suas propriedades medicinaes. Infelizmente so podemos apresentar, como base da nossa opinião, dous ou tres exemplos decisivos.

Procuraremos o primeiro em um facto historico. Todos sabem que o assucar pulverisado perde parte da sua propriedade adoçante e da sua solubilidade. Um dia, Napoleão, a quem esta particularidade não tinha escapado, perguntou ao celebre Laplace qual era a razão porque quando se servia d'assucar inteiro achava a agua muito mais doce do que quando empregava um peso igual d'assucar em po? Laplace respondeu-lhe: Ha tres substancias o assucar, o amydo, e a gomma cuja composição chymica é quasi a mesma, e que se transformam umas nas outras debaixo de influencias as mais leves em apparencia, e que são um segredo da natureza. ¿Será a uma causa inexplicavel, como engenhosamente improvisou Laplace? ¿Será a uma mudança de estado electrico do assucar, como parece indi-

car a phosphorescencia que se manifesta quando se pulverisa na escuridade, que se deve attribuir a modificação que esta substancia experimenta? ; Não nos sabemos decidir. Porém esta modificação é um facto, e este facto basta, actualmente, para a nossa demonstração. Além d'este sabemos que a gomma arabica em po não tem nem o sabor nem a solubilidade que tem quando está inteira; e que a pulverisação diminue a solubilidade do acido arsenioso, a ponto que um kilogramma d'agua que dissolve 40 grammas d'este no estado vitreo não dissolve senão 14 grammas quando está em po.

Parece-nos racional admittir que a modificação das propriedades de um corpo é tanto maior quanto mais dividido esse corpo é pela pulverisação (2). Nos exemplos que citámos esta modificação é caracterizada pela menor solubilidade; e se sempre assim? ; Comtudo os homœopathas conseguem, ou parece conseguirem, por meio da superpulverição, dissolver proporções infinitesimaes, proporções homœopathicas, de corpos que se reputam completamente insolueis? Como quer que isto seja, por qualquer face que se considere esta questão, que nós propomos, merece sem duvida ser estudada, porque é um ponto de physica desconhecido.

Citaremos ainda a proposito de productos pharmaceuticos propriamente ditos: os productos do Sr. Bonjean, de Chambéry (Savoie) a ergotina, e as diversas preparações de esporão de centeio.

Os productos pharmaceuticos da Turquia: xarope de loureiro, de violetas, de amendoas, de uvas; aguas distilladas aromaticas; oleos volateis, especialmente o de rosas. Todos estes productos podem ser excellentes, porém a sua apparencia não o indica. O mesmo dizemos dos productos vindos do Egypto.

Os medicamentos veterinarios do Sr. Miramont, de Mérn

(2) Entenda-se que não fallámos das modificações que os agentes externos produzem sobre os corpos pulverisados, em consequencia da multiplicidade das suas superficies; as madeiras tinctoriaes, o guayaco coram-se oxydando-se; a gomma copal pulverisada, exposta á humidade, torna-se solavel no alcohol, &c.

(Oise), que na sua especie parecem dar muito bons resultados; o *unguento* para curar as ovelhas e toda a gaderia, da sarna e da tinha, exposto por um Pharmaceutico hollandez. E' o unico producto vindo de Hollanda, que temos a citar na nossa revista.

Bellas pastilhas inglezas de pasta purissima, mui alva, e translucida; mas muito historiadas.

Pastilhas mineraes preparadas com os saes de algumas aguas naturaes, taes como as de Bilin, na Austria.

Finalmente os *involtorios medicamentosos* do Sr. Lehuby, Pharmaceutico de Paris. São capsulas de gelatina de Carragaheen, compostas de dous pequenos tubos fechados em uma das suas extremidades, e embocetando-se um no outro á maneira de um agulheiro. Introduce-se o medicamento solido ou liquido, que se quer administrar em um d'estes dous tubos, fecha-se com o outro, e não resta mais que engulil-os.

Productos chymicos.

Os productos chymicos, ao contrario dos productos pharmaceuticos, eram muito numerosos. Este facto explica-se bem não so pelas reflexões que a respeito dos medicamentos ja fizemos, mas tambem pelo emprego cada vez mais extenso que os productos chymicos vão tendo na Medicina e na Industria. So tres paizes merecem ser citados n'este capitulo: a Alemanha; a Inglaterra; e a França.

A Alemanha enviou á exposição numerosos productos, porém estavam alli dispostos um pouco confusamente, sobre mesas baixas, sem estantes, em uma palayra, d'um modo improprio para fazer sobresahir tanto aos olhos do publico como aos dos intendedores as bellas amostras que n'elles abundavam. Os productos chymicos francezes, posto não estivessem tão desordenadamente collocados, não estavam bem dispostos e por vezes se notava desordem e até mesquinhez no seu arranjo. Os expositores inglezes, pelo contrario, deram provas de que conheciam toda a importancia de um aparador bem disposto. Foi por isso que os seus productos delicados, contidos em capsulas de

crystal, collocados debaixo de redomas, se apresentavam com todas as suas vantagens. A exposição alemã abundava mais em productos chymicos mineraes do que em productos organicos, circumstancia esta que não esperavamos.

Todos sabem que a Alemanha actualmente como que monopolisa a preparação de muitos alcaloides, taes como a morphina, codeina, santonina, digitalina, estrychnina, brucina, veratrina, &c., e os fornece aos fabricantes das outras nações por preços inferiores áquelles porque elles os poderiam obter, o que indica uma grande fabricação e um preço de mão d'obra excessivamente barato. Não vimos mais que dous ou tres nomes de Pharmaceuticos de cujos laboratorios todos estes productos saiem; circumstancia que explica o facto que assignalámos.

Os productos, que mais particularmente notámos na exposição alemã, são o acido phosphorico, chamado glacial, em pedaços vitreos, com apparencia de grossos fragmentos de crystal, exposto pelo Sr. Hermann, de Schonebeck; o acido succinico em bellas e abundantes crystallisações, o que se explica pelo facto de se recolher o succino ou ambar amarello sobre as margens do Baltico; o phosphoro, producto abundante em Alemanha, patria dos pallitos phosphoricos de que elle constitue a base inflammavel; a creosota, outro producto infeudado á Alemanha, e da qual uma amostra tinha a indicação de crystallisavel (?); a chinidina pura crystallisada, alcaloide artificial. Com tudo uma indicação do cathalogo, fazia presumir que era a quinoïdina, substancia que se produz na preparação do sulphato de quinina, e que é quasi-egual em actividade sem ter sabor tão amargo, pelo que os Medicos alemães a empregam na medicina das creanças (exp. de Zimmermann de Francfort); uma colleccção de specimens de quinina e seus saes, do Sr. Roch, de Oppeinheim (Hesse): e sal ammoniac crystallisado.

Os inglezes exposeram productos chymicos de grande e pequena fabricação, organicos e inorganicos mui numerosos. Para homens que gozam a reputação de positivos, achamos que sacrificaram muito á arte e ao amor proprio

nacional. Talvez que fosse aquillo mesmo positivismo, e que como habeis calculistas, sacrificassem 1 para haverem 2. Por isso não lhes faremos censura, mas sim elogio, porque d'este modo os fabricantes inglezes, procurando o seu lucro, fizeram um serviço ao paiz.

Entre os productos chymicos inglezes delicados notámos as bellas amostras dos principaes alcaloides (morphina, codeina, estrychnina, cinchonina) e seus saes, expostos pelo Sr. Morson, um dos mais distinctos Pharmaceuticos chymicos de Londres. Sobre tudo, na sua exposição, attrahio a nossa attenção uma bella amostra de acido hyppurico, producto tirado da urina do cavallo; um grande pão de morphina representando uma pyramide dupla; octaedros magnificos de sulphato de cinchonina; o furfurool, a furfuramide e os outros derivados d'este corpo obtido do farelo (*furfur*), que quasi todos, e particularmente os Chymicos, reputavam um *caput mortuum*, até que o Sr. Fownes publicasse os seus interessantes trabalhos ácerca d'aquella substancia. Não sabemos que tenha emprego algum.

Mencionaremos ainda muitos productos de pequena fabricação; são os seguintes:

A cantharidina, principio vesicante, mas pouco usado, das cantharidas.

A cafeina, em bellas agulhas finas e sedosas, grupadas em popas caprichosas. Sabe-se que este producto e seus saes, principalmente o citrato, tem sido ha pouco preconizado pelos Medicos belgas como febrifugo e antineuralgico.

A theina, principio caracteristico do chá, e que muitos Chymicos julgam identico á cafeina.

A bebeerina e seu sulphato, tirados da *Nectandra Rodiei*, productos que até hoje so se teem usado em Inglaterra, onde alguns practicos os empregam como succedaneos do sulphato de quinina. O Dr. Becquerel, que experimentou em França o sulphato, que é em escamas brilhantes amarello-avermelhadas, reputa-o menos efficaz que o sulphato de quinina, posto que algumas vezes produzio effeito quando o sulphato quinico falhou. Uma vantagem que el-

le, d'accordo com os practicos inglezes, lhe achou e não produzir phenomenos physiologicos sensiveis (Exp. M. Macfarlin d'Edinbourg).

O benzoato d'ammoniac em bellos pedaços, proposto, como o phosphato da mesma base, contra a gotta.

O aloin, principio crystallino e purgativo do aloes, exposto pelos seus descubridores; os Srs. Smith d'Edinbourg.

A naphthalina em grossas massas brancas crystallinas. Este producto foi proposto, ha dez annos, como remedio efficaz no exterior contra as molestias de pelle, e como succedaneo da camphora; no interior como incisivo identico aos balsamicos. Porém tem sido quasi esquecido por causa do seu cheiro fortemente bituminoso.

O acido valerianico, e uma serie numerosa de valerianatos metallicos. Bons e interessantes productos expostos pelo Sr. Barnes, de Londres.

Um especimen de sulphato de quinina em crystaes, parecidos pela transparencia e volume aos do assucar candi, branco d'alumen, expostos pelo Sr. Hemingray, de Londres.

Sulphato de quinina ordinario, acompanhado da collecção de todos os saes quinicos (Exp. Bullock, de Londres).

Uma collecção curiosa de diversos productos tirados da urina (Exp. idem).

O boro-tartrato de potassa, ou cremor de tartaro solavel, em escamas brilhantes e translucidas; forma ainda pouco conhecida, posto que ja tivesse apparecido na ultima exposiçào franceza.

O bicarbonato de soda crystallizado, forma tambem pouco conhecida.

O acetato de potassa, tambem debaixo de uma forma, que não é vulgar, isto é, em pequenas columnas quadradas.

Um crystal de sulphato de magnesia, em forma de dupla cruz grega, que pesava 1:500 grammas.

Nitrato de potassa em crystaes prismaticos, de um pe de cumprimento, pelo menos.

Crystaes d' enxofre.

Antimonio em pães, tendo na superficie a crystallisação em folhas de feto, característica d' este metal; porém estas folhas de feto tinham, nos pães a que nos referimos, um tal relevo, e estavam tão perfeitamente delineadas como nunca viramos. Dir-se-hia que eram obra de um habil artista; e com tudo eram naturaes.

Saes de ferro medicinaes, cuja fabricação tanto deve ao nosso compatriota o Sr. Beral, formavam bellas e numerosas colleções. Entre elles estavam todos os tartratos, citratos, lactatos, ioduretos e carbonatos de base simples e dupla, e muitos d' elles acompanhados dos xaropes a que servem de base. Que differença entre estes productos e os que se preparavam ha dez annos! O iodureto ferroso, tão difficil de conservar debaixo da forma solida, la estava unido ao assucar, em grandes escamas verdes-amarelladas.

O iodo e o iodureto de potassio figuravam nos aparadores de diversos fabricantes de Galway (Irlanda), e principalmente de Glasgow (Escossia). Porém estes productos não eram tão bellos como os extrahidos em França.

Não diremos o mesmo dos ioduretos metallicos, dos quaes quasi todos os fabricantes de productos chymicos inglezes mandaram, como em aposta, amostras á exposição. D'entre todos os ioduretos, o de mercurio e chumbo eram em palhetas tão formosas e brilhantes que se não poderiam exceder em perfeição. Junctemos aos outros iodicos o iodoforme, de todos os productos chymicos o que mais abunda em iodo, e que não obstante tem ainda pouquissimas applicações.

(Continúa.)

da Ordem dos Farmaceuticos
Sousa Telles, Junior.

SAÚDE PUBLICA.

Sobre o emprego do chloro como antidoto da estrychnina.

(Extracto d'uma carta do Sr. Bardet ao Sr. Dumas.)

Em 1840 era eu apenas um dos menos assíduos discipulos do vosso fructuoso Curso de Chymica, na Eschola de Medicina, e não obstante não deixava de observar o effeito decomponente do chloro sobre a estrychnina; vós nos dizieis poder ser, provavelmente, empregado como antidoto d'esta substancia.

Pharmaceutico n'um paiz onde se desembaraçam facilmente dos cães, por meio da noz vomica, cuja acquisição é mui facil, tenho por vezes empregado o chloro como contra-veneno d'aquella substancia, e posso affiançar que sempre obtive bons resultados. Citarei dezeseis casos de curas, sobre vinte cães envenenados aos quaes fiz tomar o chloro.

Submitto á vossa consideração o modo de administração que empreguei com aquelles animaes, que quasi sempre nos eram apresentados depois de dous ou tres accesos tetanicos...

Chloro liquido 5 grammas, agua distillada 250 grammas, administradas por uma so vez; dez minutos depois tartaro estibiado 5 centigrammas em 6 a 8 colheres d'agua tepida; pouco depois do primeiro vomito outras 4 grammas de chloro na mesma quantidade d'agua distillada; dez minutos depois 5 centigrammas de tartaro estibiado, e depois d'este vomitivo, leite com agua, o mais possivel, para provocar novos vomitos.

Sobre os quatro cães que succumbiram observei que não podiam vomitar, logo que as contracções do estomago se manifestavam; um accesso tetanico impedia os vomitos, e depois d'alguns esforços inuteis, seguidos de tetano, o animal succumbia.

Reflecti seseria possivel, por meio de fricções de chloro.

roformio, suspender as crises tetanicas. Mas, reflecti tambem se relaxando o systema nervoso, não paralisaria egualmente as contracções do estomago, impedindo ao mesmo tempo os vomitos? Por quanto é factó certo, que o animal succumbirá senão vomitar o toxico em excesso não absorvido; e a quantidade de chloro empregado (5 grammas), sendo insufficiente para a decomposição total, tambem senão deve augmentar, para que se não torne tão prejudicial, como o proprio veneno, que se queria combatter.

Citarei o caso d'um pequeno cão envenenado duas vezes, no intervallo d'um anno; apresentaram-m'o a segunda vez n'um estado totalmente desesperado; administrei-lhe uma quantidade de chloro diluido, que seria a dupla da que ordinariamente administrava: o cão estava tão atacado, e tinha a lingua tão negra, que o julguei por morto, pelo que empreguei menos diligencias como inuteis. Depois da administração do vomitivo, tornou-se n'um estado mais esperançoso e escapou; porém declarou-se-lhe uma tosse que lhe durou perto de tres mezes, e a pelle tornou-se cor de cidra por espaço de seis semanas.

O primeiro effeito attribui-o ao chloro; porém peço-vos a este respeito o vosso parecer.

Para que se não duvide da grande quantidade de noz vomica administrada, citarei em seu apoio o factó seguinte:

Em 1848, depois de muitos casos d'hydrophobia, pedi-me o Maire que preparasse 25 bolos em cada um dos quaes fizesse entrar 15 grammas de noz vomica rasurada. O effeito toxico foi fulminante, e não obstante sobre sete que me apresentaram, no instante mesmo da ingestão do veneno, seis escaparam, curando-se perfeitamente; o setimo, que era um grande galgo, morreu, o que attribui em parte a não lhe poder administrar o chloro competentemente, por isso que seu dono tinha receio de me ajudar, em vista dos esforços que o animal fazia, recusando a applicação do contra-veneno.

(Ann. chym. et phys.)

— H. J. de Sousa Telles.

Tannino considerado como antidoto da estrychnina.

Seria muito para desejar que a Therapeutica se fixasse melhor, do que actualmente ainda está, ácerca dos meios de combatter os envenenamentos pela estrychnina. O Sr. Orfila indicou para esse fim a administração dos emeticos, e o Sr. Wiel o sulphato de cobre. Donné preconizou o iodo, e Fourcroy o carvão; a Eschola italiana, o opio e seus compostos; e o Sr. Bouchardat propoz-se a combinar estes diversos meios pela maneira seguinte:

1.º Provocar o vomito com agua mui salgada ou emetica;
2.º Prescrever ao mesmo tempo a agua iodurada, dando um excesso de contra-veneno;

3.º Para combatter os accidentes tetanicos, entreter artificialmente a respiração, e fazer tomar, seja por que maneira for, o opio, com especialidade o laudano liquido de Sydenham, na dose de 30 a 40 gottas.

O emprego da agua iodurada não é uma cousa sem inconveniente, e mesmo, como o provou o Sr. Bouchardat, quando se não dá um excesso de contra-veneno, corre-se o risco de formar um iodureto d'iodhydrato de estrychnina, substancia eminentemente toxica, ainda que completamente insolavel na agua acidulada. A este respeito devemos mencionar um facto favoravel ao emprego do tannino, que o Sr. Guibourt foi o primeiro a aconselhar como precipitante dos compostos da estrychnina.

Uma mulher de 40 annos, e mui delicada, havia muito tempo que era affectada d'uma dor vaga, e aguda, ora na região do estomago, ora em differentes partes, como no collo descendente, musculos intercostaes esquerdos, bacia, &c., e que o seu Medico tomou por uma affecção rheumatico-espasmodica. Prescreveu-lhe, depois d'outros remedios, $\frac{1}{24}$ de grão de nitrato de estrychnina em po com assucar, cada tres horas.

Em vez de seguir pontualmente a prescripção, a doente determinou-se a tomar dobrada quantidade de hora em hora, não obstante a primeira ter ja determinado um principio de vertigem. Tendo decorrido seis horas, havia to-

mado um grão e meio. De repente, passeando no seu quarto, foi acommettida de vertigens tão intensas, que caindo fez uma contusão, e mesmo uma ferida no occipital.

No momento de a levantarem, havia perdido os sentidos. Um quarto d' hora depois chegou o Medico, ja ella havia recuperado o conhecimento, não tendo mais convulsões; accusando porém dôres no dorso, tremuras de mãos, vertigens com algumas nauseas, e vomitos aquosos. A respiração era difficultosa; o pulso fraco e frequente; os movimentos dos braços, mãos, e dedos, perfeitamente livres.

Applicou-se-lhe agua fria sobre a cabeça; 2 centigrammas e $\frac{1}{2}$ de tannino por hora, associado ao acido citrico e ao bi-carbonato de soda, dissolvidos em agua distillada.

Tendo acalmado os vomitos, administrou-se-lhe o tannino so em agua distillada, com xarope simples. Vinte e quatro horas depois tinham acalmado todos os accidentes. O tannino puro, do qual tinha tomado 60 centigrammas, passou então a ser substituido por um medicamento adstringente menos activo (decoção de 60 grammas de casca de carvalho, para 180 de agua), com a addicção de 30 grammas de xarope de canella, e de uma gramma d' ether sulphurico.

Com esta medicação a doente se restabeleceu promptamente, e a dôr vaga desapareceu para sempre; não ficando vestigios do veneno nem do contra-veneno.

(*Ann. de la Soc. de Méd. de Gand.*)

H. J. de Sousa Telles.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos
PHARMACIA.

A magnesia considerada em suas applicações.

Sobre este objecto acaba o Sr. Mouchon de publicar uma excellente Memoria, na *Gezeta Medica de Lyão*, da qual foram extrahidas as duas formulas seguintes:

Xarope de copaiva pela magnesia.

Balsamo de copaiva puro	125,00
Magnesia calcinada	2,00
Xarope de gomma arabica	1,875,00
Essencia d'hortelã pimenta	2,00

Trituram-se, por dez minutos, o balsamo e a magnesia; incorporam-se-lhes successivamente a essencia e o xarope, triturando sem interrupção até completa união. Doze horas depois deita-se o xarope no vaso em que se deve conservar.

Por esta forma obtem-se um xarope, cujo aspecto é semelhante ao d'orchata, porém que não apresenta o gosto desagradavel que costuma produzir a copaiva, bem que produza algumas vezes ligeiros enjoos, e mesmo arrôtos de que não é facil escaparem os que usam d'este famoso oleo-resina.

A essencia d'hortelã tem, na ordem dos correctivos, a grande vantagem de não affectar desagradavelmente o olfato, nem as vias digestivas; circumstancia que favorece a tolerancia do estomago, para não repugnar o uso d'este xarope.

Pelo que diz respeito á acção medica d'este saccharolado, julgo poder avançar que é identica á que se pode esperar e obter da propria copaiva.

Xarope d'oleo de ricino pela magnesia.

Xarope d'orchata, ou de leite	48 grammas.
Oleo de ricino	16 „
Magnesia calcinada	20 centigrammas.

Combinando-se estas substancias nas proporções acima mencionadas, constituem um xarope de ricino mui bom para os infantes da primeira idade, e mesmo para os da segunda; tanto mais quanto é facil tornal-o mais agradável pela addição d'uma gotta d'essencia d'hortelã, de cidra, d'amendoas, &c.

Purga, suavemente, na dose de 30 ou 60 grammas, sem produzir ou inspirar a menor repugancia.

Não se deve confundir este xarope d'oleo de ricino, com o de sementes de ricino, que figura na minha *Monographia*, debaixo do nome de xarope de ricino; este ultimo é antes um emetico-cathartico do que um minorativo, propriamente dicto, bem que elle possa ter logar entre os evacuanes intestinaes para as pessoas dotadas de uma constituição forte.

(*Abeille Médicale.*)

H. J. de Sousa Telles.

Relatorio feito á Sociedade Pharmaceutica de Paris, pelos Srs., Robiac, Gobley, e Dublanc, sobre os extractos preparados no vacuo pelo Sr. Grandval, Pharmaceutico do Hotel-Dieu de Reims. (*)

Uma so palavra lembra ás vezes, aos Pharmaceuticos, um dos meios mais interessantes e uteis de que a Medicina dispoê; e n'estes se comprehendem os preparados mais delicados e dignos dos cuidados esclarecidos e attentos da Pharmacia: — os *extractos*.

Será ocioso reproduzir uma definição, tantas vezes dada, de que um extracto representa o que contem de mais activo as substancias d'onde é tirado, quer sejam do reino vegetal quer do animal, que os fornecem dos seus proprios succos, ou pelo intermedio de dissolventes escolhidos para o fim proposto.

O uso dos extractos procede naturalmente da vantagem que teem d'apresentar, sob um volume infinitamente reduzido, a acção d'uma quantidade de substancia muito mais consideravel.

Esta differença, nas relações do extracto com a substancia, tem seu termo de comparação como de 1 a 3 por 100 no tronco d'alface, nas folhas de bella-dona e outras no estado recente; e de 14 a 20 por 100 nas raizes de ratanhia, ipecacuanha, quina, e outras substancias seccas.

(*) Como se tracta de introduzir na Pharmacia o novo apparelho do Sr. Grandval, julgamos conveniente apresentar aos nossos Leitores o presente Relatorio, publicado em Fevereiro de 1852.

(Nota do Traductor.)

Ainda que os extractos sejam para a Medicina os principios concentrados das substancias d'onde são tirados, é todavia de incontestavel necessidade que estes principios, na condição artificial em que se encontram pela arte, representem fielmente os corpos que os fornecem; que suas propriedades e effeitos sejam semelhantes, sem outra differença mais que as proporções.

Estas condições que devem ter os extractos, para justificar a preferencia de que gosam na Therapeutica medica, constituem um verdadeiro problema, de que se teem occupado os Pharmacologistas de todas as epochas, os Practicos mais habéis e escrupulosos.

Os elementos, principios ou materiaes que existem nas substancias organicas, a que se attribue as differentes propriedades que exercem na economia, são dotados d'uma mobilidade que os tornam muitas vezes sujeitos a alterações por causas ainda as menos previstas e poderosas. Os mais alteraveis d'estes principios não são sempre os mais activos, porque parecem defendidos por uma constituição chymica mais bem definida ou mais estavel; ha porém, a par d'aquelles outros que se transformam, por causas e sob influencias ligeiras, perdendo assim as relações de composição em virtude das quaes as propriedades especiaes se manifestam.

São estas relações que se devem observar quando se faz passar uma substancia da sua forma natural ao estado de extracto, porque é d'aqui que resulta a maior conformidade d'acção entre a substancia e os corpos que a representam.

Quando se submete um liquido saturado de principios organicos á evaporação para o concentrar, não se faz mais que offerecel-o á acção dos agentes physicos, taes como o calor e o ar, cuja influencia é maior ou menor, produzindo alterações mais ou menos profundas no liquido que se evapora; e por este motivo se observa que o assucar solvido muda de natureza e deixa de crystallisar; que a albumina perde a sua grande solubilidade; bem como que pelo simples effeito do tempo o amydo se transforma em

dextrina, e esta em glucosa, como se os mesmos phenomenos tivessem logar pela diastase ou outros agentes.

E' por tanto uma susceptibilidade d'esta natureza, nos principios que constituem os extractos, que se tracta de prevenir, em todos os casos em que se practica sua preparação; e pelo menos a tradição da Arte conduz os Pharmaceuticos a prevenirem-se da alteração dos extractos, e a indagar os meios de evital-a.

O calor directo do fogo, o do banho d'agua quente, a ebullição rapida, a evaporação favorecida pelo movimento ou accelerada pelas correntes d'ar, foram os primeiros processos usados para reduzir os liquidos e fornecer os extractos; todavia tem-se sempre observado que os productos obtidos por um ou outro d'estes meios tinham certos caracteres, que revelavam certa mudança na natureza dos principios dissolvidos; porque os effectos d'uma temperatura elevada e rapida, produzem-se do mesmo modo com uma temperatura mais baixa e morosa, assim como os do calor se tornam a encontrar nos do tempo; e finalmente que o ar leva a todas as operações a sua influencia physica e acção chymica.

A industria veio esclarecer a observação das Artes, e dar impulso e direcção á marcha tímida e inquieta da Pharmacia. Assentara-se, durante os gloriosos esforços da preparação do assucar de beterraba, que a evaporação lenta, a uma temperatura inferior á da ebullição, longe de conservar o assucar crystallisavel, o destruia completamente, e produzia xaropes de cor mais carregada que pela ebullição: sabia-se igualmente que uma ebullição tumultuosa de 8 a 10 minutos, altera menos o assucar e colóra menos o xarope, que a de 30 a 45 de duração. D'estas observações nasceu em todos os homens, que teem conduzido tão velozmente e tão longe os aperfeiçoamentos, a ideia da conservação do assucar crystallisavel no succo de beterraba.

Osapparelhos tão engenhosos ou tão uteis de Taylor ou de Derosne, que ainda não preservavam os extractos do contacto do ar, foram substituidos por apparelhos que expellem cuidadosamente este corpo terrivel. Encontram-

se os nomes de Howard e de Roth entre os primeiros que fizeram conhecer esta feliz innovação.

Em lugar do fogo forte ou moderado, do vapor ou das pressões variadas, e das superficies as mais multiplicadas, offerecidas ao podêr evaporante do ar, substituíram o principio da evaporação no vacuo. A operação dos Pharmaceuticos para obter os extractos, sendo igualmente fundada nos meios de evaporisar grande quantidade d'agua sem alterar os principios fixos, lhes aconselhava seguir o exemplo da industria, a fim de gosarem de todas as vantagens que esse exemplo lhes tinha preparado.

Barry ensinou a distillar os liquidos para obter extractos, em um apparelho onde os vapôres produzidos e recebidos em recipiente globular seriam successivamente condensados, lançando agua fria na superficie do recipiente. Pretendia elle estabelecer uma temperatura mais baixa que a da ebullicão, por effeito da diminuição de pressão determinada pela condensação do vapor, e subtrahir á acção do ar os liquidos aquecidos. Th. Redwood, censurando muito a delonga d'esta operação, propoz subtrahir o ar do apparelho e o vapor produzido, por uma bomba em movimento durante a operação; e assim, com um apparelho de 69 litros de capacidade, obteve extractos, de consistencia pilular, no espaço de 6 horas.

Estas duas ideias, que se succederam com pequeno intervallo aos systemas de Howard e de Roth, foram applicadas á Pharmacia. Os apparelhos dos Srs. Barry e Rewood tem sido imitados, com mais ou menos fidelidade, pelos Pharmaceuticos, conhecendo tambem a importancia da boa preparação dos extractos, e procurando realisar tudo que respeita ás condições d'economia capazes de generalisar o emprego dos processos, e de pôl-os ao alcance de todos os preparados. E é com effeito com este caracter d'utilidade, e louvaveis intenções que foram apresentadas os processos do Sr. Gossard, e do nosso digno e laborioso collega o Sr. Huraut; merecendo o d'este ultimo indisputavel preferencia, pela simplicidade e economia do apparelho que lhe serve de base.

O Sr. Huraut faz uso do alambique a vapôr, aconselhado pelo Sr. Soubeiran, com a unica modificação de pôder conduzir o vapôr da cucurbita para o banho-maria, pondo uma torneira no tubo conductor.

O liquido que se destina para ser reduzido a extracto, colloca-se no banho-maria, faz-se-lhe chegar o vapôr produzido na cucurbita, expellindo-se assim o ar de todo o apparelho; e quando elle apparece em abundancia no exterior do serpentino, resfria-se este com agua, interrompendo-se d'este modo a passagem do vapôr, porque n'esse momento é o mesmo vapôr liquido que, condensando-se no serpentino, mantém o vacuo até ao fim da operação. Foi depois de todas estas combinações engenhosas ou simples, mas sempre uteis para conduzir com bom resultado a important e difficil preparação dos extractos, que o Sr. Grandval, Pharmaceutico em Chefe do Hospital de Reims, apresentou um apparelho por meio do qual se pôe obter duas circumstancias essenciaes: evaporar os liquidos no vacuo a uma baixa temperatura, e dar a todos os extractos a forma solida e estado secco.

Em 1847 offereceu elle á Sociedade Pharmaceutica de Marne uma descripção de similhante apparelho, e annunciou o fim que esperava obter do seu emprego. Os collegas approvaram e animaram sua invensão, votando meios para que se construísse um apparelho, de grandeza conveniente, que fosse pôsto á disposição da Sociedade, a fim de verificar a utilidade d'elle.

Na sessão da Sociedade Pharmaceutica de Paris, de 7 d'Agosto de 1850, o Sr. Soubeiran fez a exposição do referido apparelho, descrevendo-o da maneira seguinte:

Compoê-se de dous vasos ovoides, cuja capacidade é de 30 litros, a saber: um quarto para o vaso que deve conter o extracto, tres quartos para o que serve de refrigerante. Aquelle vaso compoê-se de duas peças, que se oppoem, segurando-se com parafusos; na parte superior tem tres tubuladuras: a primeira sustenta um funil com torneira; a outra recebe um tubo de communicação, que

conduz o vapôr para o segundo vaso; e a terceira que fecha com boccal de rosca de metal.

O outro vaso tem somente duas tubuladuras: uma para se adaptar o tubo que conduz o vapôr, e a segunda que fecha com boccal tambem de rosca de metal.

Quando se pertende preparar um extracto, introduzem-se alguns litros d'agua em cada um dos dous vasos, e leva-se á ebullição. Logo que o vapôr começa a sahir com força e todo branco, dos dous vasos, fecha-se o boccal do mais pequeno, mergulhando-se um siphão até ao fundo do maior, mas disposto de maneira que fique bem fechada a tubuladura por onde é introduzido: o vapôr obriga a subir a agua, e quando tenha sabido inteiramente do vaso, tira-se o siphão e fecha-se hermeticamente a abertura. Repete-se a operação sobre o primeiro vaso, e depois fica o apparatus prompto para funcçãoar.

Assim disposto o apparatus, deita-se no funil o liquido que deve produzir o extracto, abre-se com precaução a chave da torneira, para que elle caia no vaso, que se introduz em banho d'agua quente, lançando-se agua fria sobre o segundo: a distillação começa immediatamente, e dura até terminar a operação; o que se conhece pela diminuição da temperatura do tubo, que conduz o vapôr para o refrigerante.

O Sr. Soubeiran fez duas operações para se certificar da exactidão do vacuo, da somma de pressão, e da temperatura durante uma operação; e observou que existindo o vacuo, como acaba de ser exposto, o apparatus se enchia quasi completamente d'agua, quando se fornecia por meio d'um funil com torneira. Adaptou a uma das tubuladuras um tubo posto em communicação com outro tubo de vidro, cuja extremidade mergulhava no mercurio, em quanto ao mesmo tempo introduzia um thermometro na agua do banho, e outro no liquido que se evaporava; marcando o thermometro do banho 75°, o liquido do interior da vaso 55°, e pouco depois 45°: a pressão, observada por diversas vezes, variava entre 9,5 e 10,5 centimetros. O nosso sabio collega julga que, n'estas condições favo-

raveis, a evaporação se fazia rapidamente, e que os productos pareciam muito superiores aos que se obtinham pela evaporação ao ar livre.

Animado pela opinião d'um homem tão apto e habil, como o Sr. Soubeiran, proseguiu o Sr. Grandval no aperfeiçoamento do seu apparatus; e, em resultado de semelhantes esforços, vos offereceu na vossa sessão de 5 de Novembro uma serie d'extractos pharmaceuticos, preparados no mesmo apparatus.

Honrados com a missão que nos confiastes, julgamos não dever entrar na materia, e submitter-vos o nosso juizo sobre os referidos extractos, sem primeiro bosquejar a historia d'esta interessante questão.

Os extractos que foram enviados pelo Sr. Grandval, ainda que numerosos, não formam a serie completa dos extractos empregados em Medicina. Escolheu com discernimento aquelles cuja comparação poderia ter maior grau, não so de probabilidade mas de certeza; e compõe-se essa collecção dos extractos de quina cinzenta, amarella, vermelha, de genciana, rhuibarbo, ratauhia, opio, ceutaurea menor, cicuta, herva-moura, mercurial, resina de jalapa, aloes, catu, e fel de boi. Estes extractos apresentam-se todos no estado secco; sendo tal a sua dissecação, que produzem som nos frascos em que se guardam.

Offerecem côres differentes, segundo a natureza das substancias que os fornecem; mas nenhum tem a côr escura, commum aos extractos preparados pelos processos ordinarios ao ar livre, e a diversos graus de calor, como se practica na Pharmacia. O cheiro d'estes extractos é, a maior parte das vezes, o mesmo do da substancia d'onde se extrahem, sem de modo algum assimillar ao dos extractos nas Pharmacias; que antes faz lembrar o cheiro do caramello, ou das alterações de materia evaporada.

A solubilidade dos extractos, obtidos pelo apparatus do Sr. Grandval, não deixa nada a desejar. A temperatura ordinaria e com agua fria, obtem-se solutos completos, cujo liquido é apenas turvo; não se encontrando essas

quantidades variaveis de materia insolúvel, que existe em todos os extractos preparados ao ar livre, precisamente por que o ar parece a causal da producção d'esta materia, que se designa pelo nome de apothema. Esta solubidade completa seduziria o verdadeiro peso d'um extracto, a uma perda muito difficil d'apreciar, e tanto que resume sua acção nas applicações.

Entre as experiencias que teem sido feitas na Pharmacia Central em 1850 pelo Sr. Grandval, vimos praticar a preparação do extracto do talo d'alface (tridacio). Desmontado o apparelho, observámos d'um lado certo extracto de côr alourada, perfeitamente sêcco, com o sabor enjoativo da alface; e d'outro uma agua não acida, e sem cheiro d'empyreuma. Quando o vaso do extracto se abre, ouve-se um sonido, que é uma especie de delitescencia da massa em presença do ar; tirando-se o extracto com a maior facilidade, para ser collocado nos frascos onde se conserva todo o anno nas melhores condições.

O xarope, que com este extracto foi preparado, variava sensivelmente por suas qualidades physicas do xarope ordinario d'alface. Acabamos de deparar com a apreciação dos extractos do Sr. Grandval, na narração feita pelo Sr. Dorvault acerca dos productos pharmaceuticos expostos em Londres. O juizo d'este collega a similhante respeito confirma o que apresentámos. Eil-o:

« Dizer que estes extractos não se assemelham aos extractos ordinarios de nossas pharmacias, seria isso sem duvida exaggeração; é porém evidente que differem muito.

» Quem reconheceria, sob a forma de grãos brilhantes, ou de palhetas micaceas, alouradas, amarellas, vermelhas, pardo-ligeiras, semi-transparentes, a substancia « de nossos extractos sempre pesados e muito negros?

» Possuem o cheiro e sabor das substancias com uma fidelidade e intensidade, taes como os de cicuta, rhuibarbo, meimendo, genciana, que na verdade não teriam necessidade de letreiros para se conhecerem. »

« Estes caracteres, que apresentaram os extractos prepa-

rados no vacuo, são perfeitamente conformes aos que reconhecemos nos extractos que vos foram enviados pelo Pharmaceutico de Reims.»

Quando se tem longa experiencia da Pharmacia, quando se sabe que depois de toda a attenção em preparar os extractos, não são elles senão corpos de uma consistencia mais ou menos constante, d'uma integridade de composição mais ou menos certa, d'uma conservação mais ou menos facil, e se tem em conta as vantagens que resultam de medicamentos seguros e permanentes, não se pode deixar d'applaudir os progressos ha tanto tempo desejados, que apresentam os extractos preparados no apparelho do Sr. Grandval; ao passo que a baixa temperatura em que se fazem, e a completa ausencia d'ar, certifica a conservação de todos os principios que representam, e seu estado de seccura, vem dar-nos uma nova exacção entre a dose que o Medico prescreve e a que o Pharmaceutico manipula.

Ha, n'este novo estado de extractos, uma vantagem que será util aos Medicos, e que deve merecer grande approvação aos Pharmaceuticos, cuja missão de confiança e talento é de dar a maior verdade possivel aos soccorros que offerecem á Humanidade. Todavia, se d'este estado de seccura que indicamos, resulta vantagem, podem tambem nascer uma grave objecção.

Pode-se suppôr, que sendo preciso abrir frequentes vezes os frascos em que estão guardados os extractos, chegando-lhes a humidade, se amollecerao, tornar-se-hão difficéis de tirar, e por nova acção d'ar perderão as vantagens de sua seccura.

Quando estas apprehensões fossem fundadas, pode-se dizer que os extractos ordinarios não são esemptos dos mesmos inconvenientes, a que junctam seu defeito particular. A mollesa que lhes é natural não os subtrahе ao effeito da humidade, que vem aos vasos de bocca larga; acção que em alguns chega até a liquifazel-os; e outros ha que apresentam crystaes muito regulares, symptoma evidente d'uma separação, ao menos, entre os materiaes,

ou d'uma alteração muito profunda, a que senão podem prevêr, nem fixar limites. Estas alterações dos extractos nas pharmacias, auxiliadas por sua consistencia branda, principiam logo depois da sua preparação, e são mais uma causa d'incerteza para as propriedades que convinha conservar.

Porém os extractos preparados no vacuo são menos hygrometricos que os outros; e esta propriedade, não sendo sempre produzida pelos saes deliquescentes, pode ser devida a corpos formados pelo ar e pelo calor durante a evaporação, aliás menor nos extractos feitos no vacuo.

E' tambem necessario attender, que existe somente um pequeno numero d'extractos, em que a hygrometricidade se encontra em grau demasiado. Para aquelles, ter-se ha sempre o cuidado de conserval-os em frascos de pequena capacidade; que admittindo diminuta quantidade de substancias, receberão pouco ar, por isso que o seu rapido consumo não deixará tempo á acção dos agentes atmosphericos.

Considerados sob a relação d'influencia da atmosphaera, os extractos preparados no vacuo e reduzidos até á seccura, seriam ainda superiores aos preparados ao ar, e que apresentam a consistencia molle. Ha ainda outro ponto de vista, sob o qual os productos, que acabamos de descrever, nos obriga a offerecer algumas reflexões concernentes ao seu emprego.

A Medicina faz, ha muito, uso dos extractos que a Pharmacia tem fornecido; regulando com elles suas tradições de therapeutica, sua dose, e acção. Quando prescreve o extracto de meimendo ou de aconito, de belladona ou de cicuta, são dos que até agora tem existido, que ella recebe, visto que conta com seus effeitos ja reconhecidos e incontestados; e por consequencia recusa-se a admittir extractos fornecidos por um novo modo de preparação, para não duvidar sobre a efficacia de semelhantes productos, suas propriedades, ou precauções a tomar. A acção d'estes extractos demanda um estudo, e um ponto essencial a fixar, antes de submettel-os ao uso ge-

ral; e assim, sabendo os Medicos que em seus concursos se tracta d'esta circumstancia, apressar-se-hão a estudar a sua applicação, e a conhecer os agentes que a Pharmacia acaba de pôr á sua disposição: ao Pharmaceutico porém incumbirá o rigoroso dever de impedir a distribuição dos extractos preparados no vacuo e a baixa temperatura, quando estes productos procederem de substancias, cuja acção physiologica for activa, como as solaneas, as ranunculaceas, &c.

O Sr. Grandval não faz passar subrepticamente os extractos feitos no vacuo, ao dominio da Therapeutica, em que deseja vel-os admittidos com toda a confiança necessaria.

Declara que sua acção é muito mais energica que a dos extractos preparados segundo o Codex; fundando tal declaração nas observações, colhidas no Hôpital-Dieu de Reims, pelo Dr. Maldan, Medico d'este Estabelecimento.

A primeira observação é relativa ao extracto d'aconito. O Dr. Maldan reconheceu, com o Sr. Andral em sua Clinica, que o extracto d'aconito podia applicar-se em doses assás elevadas e em numerosos casos, sem produzir effeitos bem determinados.

N'esta convicção chegara a administrar duas a tres grammas por dia, quando uma explicação veio fazer-lhe conhecer que applicava o extracto ordinario da Pharmacia segundo o Codex. Sob a impressão d'este recente exemplo, deu extracto d'aconito feito no vacuo.

Com 25 a 30 centigr. os doentes accusaram vertigens e espasmos. A proporção do extracto não poude ser elevada a mais de 25 centigr., sendo 1 gram. para duas doses, pela manhã e á noite, que tendo sido ambas tomadas por uma so vez, levaram o doente a uma crise de narcotismo, da qual somente sahio algumas horas depois.

Verificou-se a segunda observação com o extracto de cicuta. O Dr. Maldan declara, que o extracto de cicuta obtido no vacuo lhe produzio effeitos physiologicos admiraveis.

Na dose de 25 a 30 centigr., a que gradualmente foi chegando, via começar todos os effeitos d'uma asphyxia lenta e sem dôr, muito bem representada pelos antigos na descripção da morte de Socrates e de Phocion.

São bastantes estes exemplos dados por um Medico instruido e observador, para mostrar a differença entre os extractos do Codex e os preparados no vacuo. Assim se tentarão novos ensaios, que virão fixar o valor medico dos extractos do Sr. Grandval, e accrescentar os serviços que offereceu á Sciencia.

Depois d'esta descripção, que nos era prescripta pelo interesse do objecto, approvamos os resultados que o Sr. Grandval obtem com o seu apparelho, e lhe damos os parabens dos felizes exforços que fez para arrancar a preparação dos extractos da imperfeição em que permanecia, pela natureza dos meios empregados até hoje para os conseguir.

Rogamos pois á Sociedade agradeça ao Sr. Grandval sua importante communicação.

Nota. Não fallámos do apparelho do Sr. Degrand e d'alguns outros, porque sendo fundados em principios semelhantes, não differem senão nos meios de chegar ao seu resultado.

(*J. de Pharm. et de Chimie.*)

J. D. Corrêa.

CHYMICA.

Centro de Documentação Farmacêutica

Parecer da Comissão de Chymica acerca d'um producto chymico remettido do Porto.

A Commissão de Chymica foi encarregada de vos dar o seu parecer acerca d'um producto chymico de que o nosso Consocio do Porto, o Sr. Francisco Bernardo dos Santos, vos remetteu uma amostra, e que fôra importado d'Inglaterra com o nome de *mercurio precipitado branco*.

O nosso Consocio pedio o parecer da Sociedade a respeito d'aquelle producto, porque os seus caracteres phy-

sicos são diferentes dos que se observam no precipitado branco que se fabrica e costuma vender no paiz.

Sabe-se que nas antigas pharmacopêas se dava o nome de mercurio precipitado branco, ao precipitado formado em uma dissolução de sublimado corrosivo e sal ammoniaco, ajunctando-lhe um carbonato alcalino; outros Auctores deram o mesmo nome ao precipitado que se forma quando n'um excesso d'ammonia se deita bichlorureto de mercurio; e modernamente tem reservado o nome de precipitado branco para o protochlorureto de mercurio obtido por precipitação; o que se encontra por exemplo no Tractado de Pharmacia do Sr. Soubeiran, e o que acontece entre nós: e o precipitado branco que se fabrica em Lisboa e se vende em todos os depositos de productos chymicos d'esta Cidade é effectivamente o protochlorureto de mercurio.

A nossa Pharmacopêa Geral do Reino ainda distingue perfeitamente estes dous compostos, e no primeiro volume do Jornal da Sociedade Pharmaceutica se publicou um artigo em que seu Auctor expoz o modo de os distinguir, e chamou a attenção dos Pharmaceuticos sobre a substituição que ja se começava a fazer do precipitado branco pelo mercurio doce por precipitação; apezar d'isto a substituição tem chegado a ponto de senão encontrar ja nas pharmacias o verdadeiro precipitado branco; e as preparações em que aquelle composto entrava, como por exemplo, a pomada de Zeller ou unguento rosado composto da Ph. G., e outras analogas, são feitas actualmenté com o mercurio doce.

Ora o mercurio doce ou calomelanos, é pura e simplesmente o protochlorureto de mercurio (Hg^2Cl).

O precipitado formado pelo bichlorureto de mercurio e ammonia em excesso, é, segundo as analyses de Kane, um chloramidureto de mercurio ($Hg Cl, Hg Az H^2$).

E o verdadeiro precipitado branco, segundo as analyses de Duflos, é uma combinação de chlorureto d'ammonio, de bichlorureto de mercurio e bioxydo de mercurio.

Compostos de natureza tão differente, e de proprieda-

des tão diversas como elles são, cremos que não deviam ser substituidos sem maior exame.

E pedindo-vos desculpa d'esta digressão, passamos a relatar o que observámos na amostra que remetteu o nosso Consocio.

E' um corpo branco pulverulento, em torrões mais ou menos arredondados, e pouco compactos.

Insolúvel na agua; solúvel porém nos ácidos chlorhydrico e azotico.

Fusível, emittindo, quando fundido, vapores ammoniacaes, e transformando-se em um liquido amarello.

Tractado a frio pela potassa, desinvolve-se ammoniaco, e fica um po amarello, insolúvel.

Submettemol-o á analyse quantitativa, e separando o mercurio no estado de sulphureto, o chloro no de chlorureto de prata, e o ammonio no de chlorureto d'ammonio, obtivemos as seguintes quantidades por 100 do producto :

Mercurio.....	71,6
Chloro.....	20,6
Ammonio.....	3,2
Oxydo de ferro, agua e perda (Oxygenio?).....	4,6
	<hr/>
	100,0
	<hr/>

Consideramos o oxydo de ferro (que é mui pouco) como impureza. E confrontando a composição e propriedades do sobredito producto com as propriedades e composição conhecidas do verdadeiro precipitado branco, intendemos que o producto, cuja amostra remetteu o Sr. Francisco Bernardo dos Santos, é o oxychlorureto ammoniacal de mercurio, ou precipitado branco de Lemery; e o mesmo que na nossa Pharmacopêa Geral do Reino vem com o nome de mercurio precipitado branco, ou cal branca de mercurio.

Laboratorio da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em

6 de Março de 1853. — José Alexandre Rodrigues. — Manuel Vicente de Jesus.

Meio simples para precipitar o algodão contido no collodio.

Affirma o Sr. M. Th. Cattel, que misturando o bi-sulphureto de carbono com o collodio, se obtem immediatamente a separação, ou precipitação do algodão, ficando um liquido limpido, formado unicamente pelo dissolvente e precipitante. O algodão apresenta exactamente o mesmo aspecto, fibroso e pulverolento, como se não tivesse estado em solução. Secco entre papel pardo, assemelha-se á pasta secca do cartão. Esta singular reacção do bi-sulphureto de carbono sobre o collodio, induz a suppôr que o po do algodão pode ser julgado como uma base, em relação ao oxydo d'ethyla (ether); por isso que esta substancia é privada, ao mesmo tempo, das propriedades particulares que possuia antes da solução. Ella pode egualmente servir para explicar mais claramente a composição chymica do po-algodão em liquido; tal como elle é produzido pela acção do acido nitrico ou nitro-sulphurico.

(*J. de Ch. Méd. Ph. e Tox.*)

H. J. de Sousa Telles.

Processo para a separação do bromio e do iodo, para determinar as proporções em que estes dous corpos se acham misturados.

(*Extracto d'um trabalho do Sr. Henry.*)

Agua mineral, ou outro qualquer liquido aquoso, no qual se suppõe existir o bromio e o iodo — 25 a 30 litros: deita-se-lhe directamente um pequeno excesso d'uma solução, mui acida, d'azotato de prata (*), deixa-se o liquido em repouso, logo que se tem completado a adição do azotato. Forma-se um précipitado, que, reunido e lavado, se recolhe cuidadosamente.

(*) Poder-se-ia concentrar o liquido adicionando-lhe a potassa, porém esta operação é inutil, e poderia induzir a erros.

Estando aquelle precipitado assim disposto, se introduz n'uma proveta, com uma certa quantidade d'agua distillada, e se lhe ajuncta limalha de zinco, e acido sulphurico purificado; o zinco deve ser um pouco em excesso. Quando todas estas substancias estão em contacto, ha decomposição da agua, e desinvolvimento d'hydrogenio, verificando-se em fim a reacção pela via humida.

Terminado o desinvolvimento d'hydrogenio, filtra-se por meio d'uma plancheta d'algodão, e obtem-se um liquido claro, que pode conter sulphato, chlorureto, iodureto, e bromureto de zinco. Introduz-se este liquido n'um tubo, e se lhe ajuncta: 1.º, uma solução d'amydo, recentemente preparada; 2.º, ether sulphurico, e se agita. Estando a mistura assim concluida, instilla-se-lhe com precaução, e por fracções moderadas, agua sob-carregada de chloro, ou o composto resultante da acção, a frio, do acido chlorhydrico puro sobre o chlorato de potassa composto, que contenha chloro, e acido hypochloroso.

Em consequencia d'esta mistura, e pela agitação, se houver iodo no liquido examinado, formar-se-ha o *iodureto d'amydo de cor azul*, que se precipita no fundo do tubo, em que a operação se faz. Se o liquido contiver bromio, a sua presença será demonstrada pela *cor amarella ou acafroada-alaranjada*, que o ether adquir. Por meio d'uma pipetta, decanta-se o ether bromurado, e se separa do iodureto d'amydo.

(N'estas operações deve-se recolher a prata reduzida; pode servir para preparar outra vez o azotato, que se pode empregar para novas experiencias.)

H. J. de Sousa Telles.

da Ordem dos Farmacêuticos

PHYSICA.

Synopse das observações meteorologicas feitas na Escola Medico-Cirurgica de Lisboa no mez de Fevereiro de 1853; pelo Demonstrador de Medicina da mesma, e Membro Benemerito, o Sr. Dr. Cactano Maria Ferreira da Silva Beirão.

Temperatura media da atmospherá	8°, 2 R.
" maxima "	10,5
" minima "	6,5
Maxima variação diurna de temperatura	1,0
Pressão media da atmospherá	752,10 <small>mil.</small>
" maxima "	764,53
" minima "	739,13
Ventos mais constantes durante o mez	NE, N, S.
Altura da agua no pluviometro	2,6 <small>pol. linh.</small>
Dia mais chuvoso do mez 11	0,5
Grau medio d'humidade no hygrometro	-1°, 1

Considerações.

O mez de Fevereiro correu mais frio do que os outros do inverno de 1852 e 1853; mesmo no anno passado nunca o thermometro desceu tanto como n'este mez. Esta baixa temperatura, e humidade da atmospherá, e as chuvas quasi continuas de todo o mez, não podiam deixar de produzir, como effectivamente produziram, as molestias proprias de tal estado da circumfusa.

As pneumonias, e pleuro-pneumonias appareceram com mais frequencia: tivemos occasião de vêr algumas, com uma invasão e marcha muito insidiosas; a tal ponto que a auscultação revelou primeiro o estado do pulmão do que a dôr do lado, a tosse, a dyspnea, e os outros sym-

ptomas funcionaes! os quaes so depois de terminado o primeiro septenario é que appareceram com a sua forma especial e caracteristica. N'um caso estou eu bem certo que de tal modo estas causas se passaram que chegaram a acreditar alguns dos melhores, e mais experimentados Practicos de Lisboa, que a pneumonia devia ser reputada como intercorrente a uma febre typhoide: tal era a gravidade e caracter da febre, e sobre tudo a ordem chronologica por que os diversos symptomas se haviam succedido.

Mas hoje pode dizer-se que se consulta bem em Lisboa, e que os Alumnos que frequentam o Hospital de S. José fazem muito seguros diagnosticos das affecções pulmonares: graças ao cuidado, e disvelo com que muitos d'elles seguem as Clinicas especiaes em diversas Enfermarias d'aquelle vasto Estabelecimento, onde estes exames se fazem muito methodica e escrupulosamente.

De resto o mez não offereceu molestia alguma que se podesse ligar immediatamente com o estado da atmospherá.

Casa no Largo do Caldas n.º 62, no 1.º de Março de 1853.

HISTORIA NATURAL.

Estudos geologicos do Euaço; insertos no Jornal — O INSTITUTO — de Coimbra.

Srs. Redactores do Instituto. — Satisfazendo aos desejos de VV., envio a correspondencia, que tenho tido com o Vice-Presidente da Sociedade Geologica de Londres, Sir Daniel Sharpe, para ser publicada no Jornal — *O Instituto* — a qual tem por objecto discutir a probabilidade d'encontrar carvão industrial na parte occidental da Beira, e debaixo dos depositos secundarios de gres e calcareo. Escripito sem o fim de ser estampado, reconheço que tem erros de redacção, que a falta de tempo não me permitte corrigir, mas que VV. e o publico terão a indulgencia de relevar.

Ja o Atheneu, publicando a minha primeira carta, falla no muito que se deve sobre o assumpto de minas aos Ex.^{mos} Srs. Conde de Farrobo e Antonio Lody: devo acrescentar, em honra da verdade, que os estudos practicos, que tenho feito sobre esta questão, e alguns conhecimentos que tenho adquirido sobre a geologia de parte do nosso paiz, são devidos aos esforços, coragem e perseverança d'aquelles cavalheiros, que se teem prestado a gastar grossas sommas na investigação e descoberta do *verdadeiro carvão de pedra*, que, quando seja encontrado, será áquelles referidos Srs. que a Nação deverá a solução d'um interessante problema d'economia industrial e commercial entre nós, da qual dependerá em grande parte a prosperidade publica. — Tenho a honra de ser de VV. attento venerador. — Coimbra 14 de Julho de 1852. — *Carlos Ribeiro.*

Tenho seguido o gres vermelho do Sardão e Coimbra na extensão de 12 a 14 legoas, desde as margens do Vouga até ás visinhanças de Thomar, e não obstante achar-se coberto em algumas partes por gres e arenatas mais recentes, tenho reconhecido ser todo da mesma formação; os seus caracteres mineralogicos, parece, variarem em algumas localidades, é verdade, mas estas differenças são accidentaes e n'aquelles pontos, onde se apresentam mais completamente desinvolvidos, offerecem caracteres identicos, e em geral os do gres bigarré dos francezes; e, posto não tenha encontrado n'elles reliquia alguma organica, julgo que esta classificação fica fora de duvida pela posição relativa que occupa, como mais abaixo veremos. Estes gres em alguns logares tornam-se psamiticos e carbonosos nas camadas inferiores, não obstante assentarem immediatamente, n'esses mesmos logares, sobre schistos crystallinos (Ribeira do Botão 2. e ao NNE. de Coimbra; Moita 1½ L. a NNE. da Mealhada).

Duas legoas para o Norte e duas para o Sul da extremidade Norte, da Serra do Buçaco, observa-se um sys-

tema de camadas fossilíferas composto de poudings, gres, argillas, e psamites, acompanhadas de imensos despojos de vegetaes, e cuja possança em alguns logares excede 1000 metros (Valle do Candozo, entre Villa Nova de Monzarros e o Salgueiral).

Os poudings, que é a rocha predominante, consta em geral de seixos arredondados de quartzo branco ou escuro, de diametro variavel de 0^m,01 a 0^m,04 e mesmo ás vezes vermelha, ou amarellada: pela diminuição do volume dos seixos passam as mesmas camadas n'alguns pontos do seu curso a um gres grosseiro, micacio, amarellado e carbonoso: em alguns logares os *poudings* na parte inferior do deposito são substituidos por uma breccia composta de fragmentos angulosos de schisto argilloso e micaschisto das rochas preexistentes e visinhas, unidos por uma pasta de gres ou argilla ferruginosa vermelha; esta mesma breccia pela diminuição dos fragmentos passa a um gres grosseiro com impressões de caules e fetos. Os poudings contem fragmentos de caules e de troncos petrificados, e ás vezes pequenas bolsas de carvão mineral *crystallino*.

Os gres, que alternam com os poudings, efferecem caracteres diversos: uns são quartzosos grosseiros e micacios d'um cinzento carbonoso, com muitos pequenos fragmentos de carvão, e contendo caules d'equiciteaceas e pedaços de troncos muitas vezes reduzidos a um bello carvão mineral; a côr d'estes gres é tambem amarellada, contendo sempre reliquias vegetaes, raras vezes brancos, e quando se tornam menos grosseiros descobrem-se n'elles impressões de fetos de diversas especies em grande abundancia; estes gres teem em geral os caracteres mineralogicos identicos aos gres grosseiros da bacia de carvão de S. Pedro da Cova. Outros são tambem micaceos, mas de grau e pasta extremamente finos, friaveis, alguma cousa schistoides, côr vermelha amaranthacea, e d'um roxo anegrado, ás vezes mesmo negros; contendo muitos traços verdes em forma de ramusculos, que se conhecem ser evidentemente vestigios de vegetaes; contém tambem muitas impressões de fetos muito bem conservados: estes mesmos

gres alternam com camadas d'argilla endurecida vermelha, talvez marnosa, ás vezes terrosa e còr de laranja desmaiada. Outros finalmente são um gres quartzoso, muito duro, sumindo-se em placas delgadas, còr esverdeada, e cheio de immensos caules d'equicitaceas, fetos e folhas lanceoladas, e cordiformes.

Algumas argillas psamíticas, umas avermelhadas, molles ou endurecidas com geodes d'oxydo vermelho de ferro, contendo impressões de fetos, cujas folhas se acham perfeitamente bem conservadas; outras esverdeadas, cinzentas ou carbonosas com geodes de ferro limonítico com algumas impressões vegetaes; outros sem mica, mas schistoides, azuladas, com impressões de muitos generos de plantas, cujas folhas conservam ainda as suas partes mais delicadas e tenues (Fonte do Salgueiro proximo da cerca do Buçaco); outros argilloso de còres e textura diversa occupam a parte media e inferior do deposito.

Entre os poudings apparecem camadas d'um gres silicioso extremamente duro e fino, carbonoso, intercalado de camadas de schisto tambem carbonoso, com caracteres identicos áquelles que acompanham o carvão, e formam a rocha de tecto das bacias carboníferas d'Inglaterra e França; entre o qual existem camadas delgadas de carvão (de 0^m,01 a 0^m,08 de grossura) crystallino e perfeitamente bem formado, dando pela distillação um bello coke: tanto o gres como o schisto carbonoso conteem muitas impressões de calamites, sigillarias, equicitaceas, Lepido dendron? annullarias, astereophilites, sphenophylum? e muitas especies de fetos, que me parecem pela maior parte identicos com muitas especies que tenho, da bacia de S. Pedro da Cova. Estas camadas são cheias de estrangulamentos e offerecem uma estructura, que mais parece amygdaloide do que camadas regulares continuas.

N'este deposito apenas tenho encontrado o fragmento d'um pecten na argilla vermelha; é de crer que contenha restos animaes nas argillas, que mais affastadas estiverem das camadas dos poudings: tambem tenho encontrado camadas, ou massas calcareas associadas a este deposito.

Este systema de camadas corre de N. a S. em geral ; n'algumas partes porém teem a direcção N. 26° E. a S. 26.° O. : as camadas inclinam de 30 a 55° para o O. ; as superiores teem inclinações muito menos fortes, especialmente n'aquelles sitios, onde são cobertos por depositos mais modernos ; vê-se em alguns pontos (entre Villa Nova de Monsarros, Algeriz e em Santa Christina) mergulharem de 40 a 70° para E. ; mas é so um pequeno numero de camadas, e este phenomeno é muito accidental. Assenta entre Passo e Fonte de Salgueiro sobre o terreno fossilifero primario (tres quartos de legoa de comprimento) e para N. e S. sobre schisto chloritico e argilloso sem fosséis : é coberto pelo gres bigarré desde o Linhô da Matã (juncto a Larçã) até á Fonte do Salgueiro (uma legoa de comprimento), e desde Villa Nova de Monsarros até á altura da Junqueira (para o Norte) ou Val da mó (meia legoa de comprimento), e no resto da sua extensão é isolado das formações mais recentes, assentando como *patches* sobre schistos crystallinos e argillosos. O gres bigarré assenta em estratificação ligeiramente discordante sobre o deposito dos poudings, e este em estratificação tambem discordante sobre a formação siluriana ou fossilifera primaria.

A formação siluriana, que do Passo á Fonte do Salgueiro se vê sahir por baixo do deposito dos poudings, tem em geral a direcção NO. a SE. e é ella que constitue pela maior parte a Serra de Buçaco ; começa na extremidade Norte e culminante d'esta Serra, e prolonga-se por 5 a 6 legoas para o S., atravessando o rio Mondego em Pena-Cova, e occupando uma largura variavel de meia a tres quartos de legoa, e tendo de possança talvez mais de 2:500,0^m. Compõe-se de quartzites, gres micaceos e schistoides, brancos, amarellados, e negros : calcareos semicrystallinos e sub-lamelares, e ampelites os schistos carbonosos ; contendo grande abundancia de restos animaes, como trilobites dos generos *Asaphus*, *Calymena*, *Thrinucleos*, *Graptolites*, escamas de peixes ; moluscos dos generos, *Productus*, *Terebratulas*, *Orthis*

Spiriferus, Throchus? e muitos outros bivalves e univalves.

E' ainda entre o deposito dos poudings a a formação siluriana, proximo de Santa Christina, que se observa um extenso dyke de Grúnstein ou Diorite (que reaparece outra vez uma legoa ao sul entre Sazes e a Serra do Buçaco) e uma grande quantidade de globulos ou geodes da mesma substancia e de diametro de 0^m,05 a 1^m,0, os quaes são formados d'um nucleo de diorite bem conservado e de camadas concentricas da mesma materia, mas alterada ou em decomposição, e todos involvidos em uma massa igualmente alterada de diorite terrosa, côr vermelha ou alaranjada, e dando á terra vegetal um aspecto muito semelhante aos terrenos ao occidente de Lisboa, pela decomposição dos trapps. O deposito de Diorite terrosa e os geodes encontram-se na extensão de cinco legoas para o Sul sobre o terreno siluriano. Tufos porosos mais ou menos duros, e outras substancias d'origem ignea acompanham a Diorite: é ainda n'uma rocha amarello-ôchre, estructura prismatica, associada á Diorite, que se encontram Orthoceras, Pentameras, Orthis, Spiriferus, Terebratulas, &c., e uma infinidade de Polipeiros dos generos Femetella e Favozites e outros, a maior parte pertencentes ao periodo devoniano. Todos estes productos encontram-se acima da formação siluriana, e cobrem tambem uma pequena parte do deposito dos poudings que, no contacto com a Diorite, estão alterados sensivelmente. Por consequencia, não so por esta circumstancia, mas pelos seus caracteres mineralogicos, pela sua composição, e similhaça com o terreno anthracifero da Bretanha, e pelos caracteres dos seus restos vegetaes, parece que o deposito dos poudings não pode ser outro senão um representante do terreno devoniano, e o gres vermelho do Sardoão e Coimbra, participando, como ja disse, dos caracteres mais peculiares do gres bigarré, julgo que sem erro o poderei reduzir ao gres bigarré dos francezes. Não tenho encontrado entre o gres bigarré e o terreno devoniano indicio de formação intermedia; tambem o terreno